

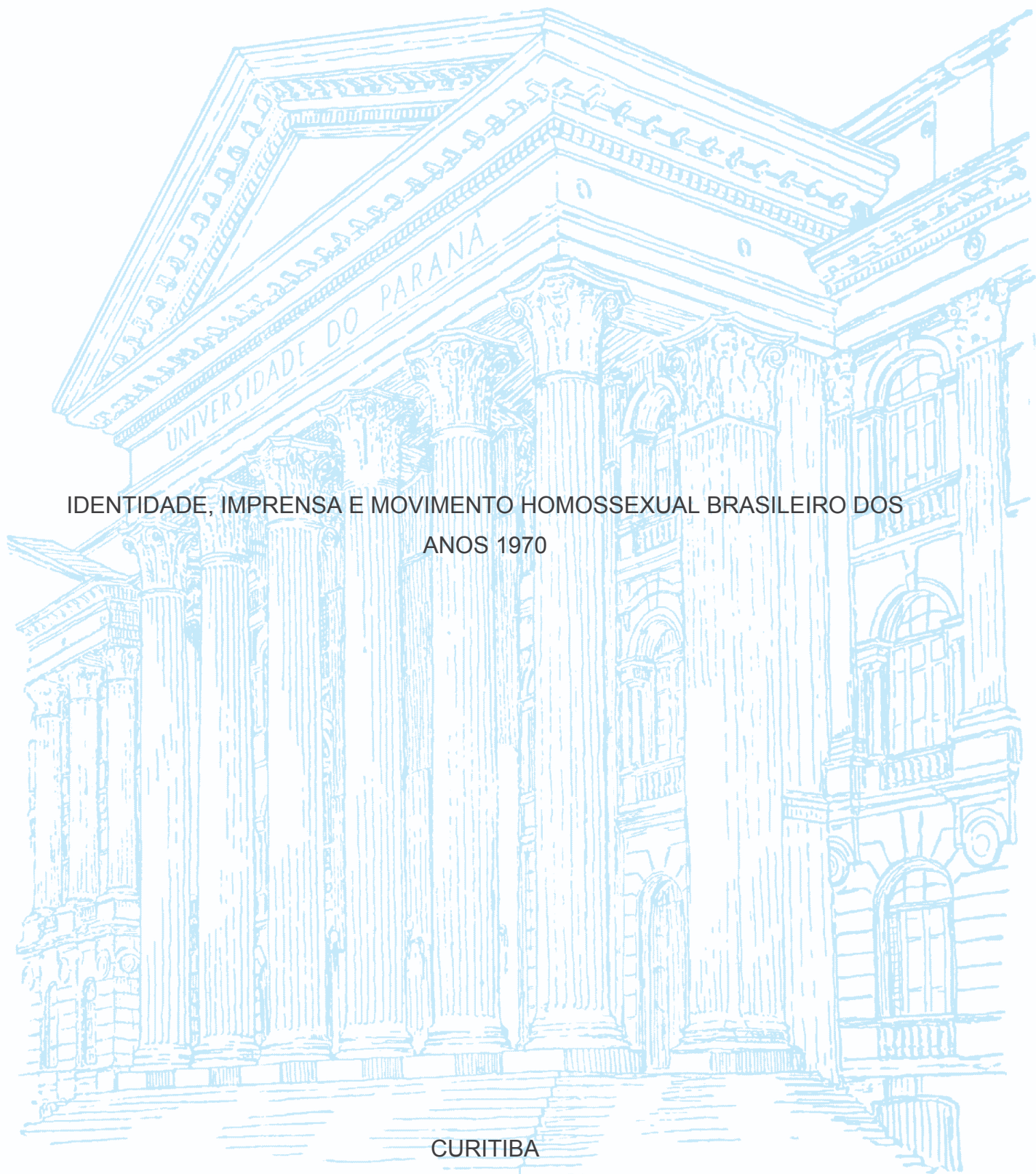
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALBERTO ALEXANDRE SCHMITZ II

IDENTIDADE, IMPRENSA E MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO DOS
ANOS 1970

CURITIBA

2023



ALBERTO ALEXANDRE SCHMITZ II

IDENTIDADE, IMPRENSA E MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO DOS
ANOS 1970

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Linha de Pesquisa Arte, Memória e Narrativa, Setor de Ciências Humanas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Mendes Gruner.

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Schmitz II, Alberto Alexandre

Identidade, imprensa e Movimento Homossexual Brasileiro dos anos 1970. / Alberto Alexandre Schmitz II. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Mendes Gruner.

1. Homossexualidade. 2. Publicações da imprensa alternativa. 3. Movimento Homossexual Brasileiro. 5. Homossexuais. I. Gruner, Clóvis, 1971-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ALBERTO ALEXANDRE SCHMITZ II** intitulada: **IDENTIDADE, IMPRENSA E MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO DOS ANOS 1970**, sob orientação do Prof. Dr. CLÓVIS MENDES GRUNER, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Setembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

29/09/2023 17:44:35.0

CLÓVIS MENDES GRUNER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

29/09/2023 17:32:58.0

JULIA GLACIELA DA SILVA OLIVEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC)

Assinatura Eletrônica

29/09/2023 18:09:30.0

OZIAS PAESE NEVES

Avaliador Externo (SEM VÍNCULO)

*Essa pesquisa é dedicada à todas as pessoas que lutam
por uma sociedade mais justa:
às que vieram antes de nós e
por aquelas que virão depois de nós*

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que não nos deixam cair, que estão ao nosso lado nos nossos piores momentos, quando mais precisamos: meu pai, Alberto Alexandre Schmitz, irmãos, Rafael Alexandre Schmitz, João Pedro Alexandre Schmitz e Luis Renan Martins Nascimento, madrastra Celina Martins Nascimento Schmitz. Sempre grato e cheio de saudades (na falta de palavra melhor) da irmã que Karina Alyandra Schmitz (*in memoriam*). Ao companheiro de caminhada, que me apoiou muito na decisão de ingressar no mestrado, Ricardo Braga Júnior, obrigado pela paciência. À minha filha, Antônia Pietra. Aos sobrinhos: Betinho, Vitor, Nicole e Giovana

À família que a vida me deu: Fabio Augusto da Silva, Leo Vieira Santos, Alisson Gonçalves. Às amigas e amigos de luta com quem trabalho diariamente no Grupo Dignidade: Rafaelly Wiest, Maria Angela Strapasson, Branca Nogueira, Toni Reis, David Harrad, Lucas Siqueira Dionísio, Mateus Cesar Costa, Otávio Costa, Gabriel Santinelli, Nickolas Klein, Kalyinka Oliveira Feliciano e Ibson Batista. As amigas e amigos “cedoquianas” (do Centro de Documentação LGBTI+ Prof. Dr. Luz Mott - Cedoc LGBTI+): Vanessa Cristina da Rosa Bueno, Josnel Garcia de Carvalho, Julio Teodoro da Costa, Eduardo Almeida, Lara Knapik, Lucas Dalla, Lucas Soares de Souza, Lucas Alameda e Alexandre Boing.

Débora Mel, Gi Blitzkow, Alexandre, Ian, Regina Cruz, Nori, Zuleide, Alex Padilha, Remon Bortolozzi, Lu Marins, Suellen, Mavi, Ibson Batista, Karla Mazia, Leandro Gorsdorf, Oliver Mireli, Cida Reis... são muitas pessoas incríveis que participam da minha construção que nomeá-las é assumir o risco de esquecer, já deixo meu pedido de desculpas!

Agradeço imensamente ao professor Clóvis Gruner pela orientação, à professora Júlia Glaciela da Silva Oliveira e Ozias Paese Neves pela participação na banca examinadora de qualificação e defesa, espero ter honrado o tempo dedicado às análises da minha pesquisa. Agradeço à Maria Cristina (Cris) da Secretaria do PPGHIS/ UFPR pelo cuidado e atenção. Às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/ UFPR) e colegas da linha de pesquisa Arte, Memória e Narrativa (AMENA).

“Se quer ir rápido, vá sozinho.
Se quer ir longe, vá acompanhado”
Provérbio Africano

RESUMO

A presente pesquisa compreende, desde as mudanças materiais e contextuais que permitiram expansão e desenvolvimento das grandes cidades, o desenvolvimento de grupos de sociabilidade homossexual. A partir dos anos 1950/ 60 alguns desses grupos - ou turmas - produziram suas próprias publicações de maneira artesanal, impressos que circulavam dentro desses grupos e/ ou nos espaços frequentados por homossexuais, como bares e boates. As transformações no período de distensão da ditadura criaram condições para a realização de publicações mais elaboradas (profissionalizadas) e com maior alcance em sua distribuição, como a revista Rose, Jornal do Gay, Journal Gay Internacional, e, a mais conhecida delas, o jornal Lâmpião da Esquina. Por meio das páginas do Lâmpião, publicação que fez circular informações sobre o *Grupo Somos*, foi possível articular a criação do movimento homossexual brasileiro (MHB). Doravante expansão do movimento, alguns desses grupos criaram suas próprias publicações, como o boletim O Corpo (grupo Somos-SP), Chanacomchana (Grupo de Ação Lésbica-Feminista) e boletim da Facção Homossexual da Convergência Socialista, produzido pelo grupo com o mesmo nome. A passagem, ainda que rápida, por essas publicações, permite observar o desenvolvimento de uma imprensa direcionada às dissidências sexuais/ de gênero: fanzines das turmas, boletins informativos dos grupos do MHB e revistas e jornais de grande tiragem e distribuição em todo território nacional.

Palavras-chave: homossexualidades, Imprensa alternativa, movimento homossexual brasileiro

ABSTRACT

This research comprises, from the material and contextual changes that allowed the expansion and development of large cities, the development of groups of homosexual sociability. From the 1950s/60s, some of these groups produced their own publications, which circulated within these groups and/or in spaces frequented by homosexuals, such as bars and clubs. The transformations that took place at the end of the dictatorship created conditions for the production of more elaborate (professionalized) publications and with greater reach in their distribution, such as *Rose* magazine, *Jornal do Gay*, *Journal Gay International* and, the best known of them, *Lamp de newspaper corner*. Through the pages of *Lampião*, a publication that circulated information about Grupo Somos, it was possible to articulate the creation of the Brazilian homosexual movement (MHB). With the expansion of the movement, some of these groups created their own publications, such as the newsletter *O Corpo* (Somos-SP group), *Chanacomchana* (Lesbian-Feminist Action Group) and the newsletter of the Homosexual Faction of Socialist Convergence, produced by the group with the same name. Scrolling through these publications, albeit briefly, allows one to observe the development of a press dedicated to sexual/gender dissent: “fanzines” like fan magazine, newsletters from MHB groups and magazines and newspapers with wide circulation and distribution throughout the national territory.

Keywords: homosexuality, alternative press, Brazilian homosexual movement.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - REPORTAGEM “CASAMENTO SIMBÓLICO DE MARIQUINHAS

FIGURA 02 - REPORTAGEM “CINCO DOS COMPONENTES DO CLUBE DAS TULIPAS NEGRAS”

FIGURA 03 - PUBLICAÇÕES QUE CIRCULAVAM NA ÉPOCA (1960)

FIGURA 04 - PUBLICAÇÕES HOMOSSEXUAIS QUE CIRCULARAM NO BRASIL (DÉCADA DE 1960 A 1980)

FIGURA 05 - LINHA DO TEMPO E LOCALIZAÇÃO DE PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS PERIÓDICOS ANALISADOS

FIGURA 06 - O *SNOB*. Nº 11, ANO 7. 31 DE MAIO DE 1968

FIGURA 07 - EMBLEMA DO CÍRCULO CORYDON (BANDEIRA DA EMANCIPAÇÃO GAY)

FIGURA 08 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 4 DO JORNAL DO GAY (1979)

FIGURA 09 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 1 DO JOURNAL GAY INTERNACIONAL (1979)

FIGURA 10 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 11 DO JORNAL GAY INTERNACIONAL (OUT./NOV. 83)

FIGURA 11 - DIVULGAÇÃO DE CASA NOTURNA GAY PASSPORT EM CURITIBA - PR

FIGURA 12 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 1 DA REVISTA ROSE

FIGURA 13 - COLUNA DO MEIO DE CELSO CURI NO JORNAL ULTIMA HORA

FIGURA 14 - LOGOTIPO DO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA*

FIGURA 15 - MEMBROS DO CONSELHO EDITORIAL DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

FIGURA 16 - CAPA DA EDIÇÃO EXPERIMENTAL DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

FIGURA 17 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 33 DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

FIGURA 18 - CARTUM “NÃO! ESTE ANIMAL FAR PARTE DO EQUILÍBRIO DA NATUREZA”

FIGURA 19 - CAPA DA ÚLTIMA EDIÇÃO DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

FIGURA 20 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 1 DA REVISTA PLEIGUEI

FIGURA 21 - ESCOLHA SEU GRUPO

FIGURA 22 - CAPA “ENCONTRO NACIONAL DO POVO GAY” NO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

FIGURA 23 - I EBHO NA SEÇÃO ATIVISMO DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

FIGURA 24 - NÃO FIQUE AÍ SENTADO ESPERANDO A REVOLUÇÃO... TENHAM UM ORGASMO AGORA!!! LEIA E ASSINE LAMPIÃO

FIGURA 25 - PASSEATA CONTRA A VIOLÊNCIA POLICIAL EM SÃO PAULO (1980)

FIGURA 26 - CAPA DO BOLETIM "SURUBA" E "O CORPO" DO GRUPO SOMOS

FIGURA 27 - CAPA DO BOLETIM FACÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA

FIGURA 28 - EDIÇÃO Nº 0 E Nº 1 DO BOLETIM CHANACOMCHANA.

LISTA DE SIGLAS

ABGLT	- <i>Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais</i>
ANTRA	- <i>Associação Nacional de Travestis e Transexuais</i>
Cedoc LGBTI+	- Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott/ Grupo Dignidade
GALF	- Grupo de Ação Lésbica-Feminista
GGB	- Grupo Gay da Bahia
FHCS	- Facção Homossexual da Convergência Socialista
LGBTI+	- Lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, travestis, intersexo e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero não hegemônicas
MHB	- movimento homossexual brasileiro
STF	- Supremo Tribunal Federal
SUS	- Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. CAPÍTULO - CIDADES, TURMAS GAYS E AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES.....	21
1.1. Expansão urbana, migração, anonimato e o surgimento das turmas.....	21
1.2. Turmas e grupos de sociabilidade homossexual.....	26
1.2.1. Turma Ok (Rio de Janeiro - RJ).....	27
1.2.2. Tulipas Negras (Curitiba - PR).....	28
1.3. Imprensa homossexual no Brasil.....	33
1.4. Esquema metodológico.....	38
1.5. Imprensa homossexual: publicações.....	43
1.5.1. O Snob.....	44
1.5.2. Jornal do Gay e Journal Gay Internacional.....	46
1.5.3. Rose.....	54
2. CAPÍTULO - O JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA.....	58
2.1. História do documento.....	58
2.2. Jornal Lampião da Esquina: criação, características e funcionamento.....	59
3. CAPÍTULO - A DIMENSÃO POLÍTICA DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA.....	76
3.1. A circulação da experiência do MHB pelo jornal Lampião da Esquina.....	88
3.2. O Somos: Grupo de Afirmação Homossexual.....	98
3.2.1. Boletim O Corpo.....	106
3.2. Facção Homossexual da Convergência Socialista.....	107
3.3. Chanacomchana (GALF).....	109
3.4. Luta maior versus luta menor: a tensão entre o MHB e as esquerdas ortodoxas....	111
3.5. A tentativa da realização de encontros e da criação de grupos.....	112
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
FONTES.....	120
REFERÊNCIAS.....	121
ANEXO I - INFORMAÇÕES DAS CAPAS E DE PRODUÇÃO DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (ANO/ MÊS).....	127

INTRODUÇÃO

O movimento brasileiro de lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, travestis, intersexo e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero não hegemônicas (LGBTI+)¹ chega em 2023 como um dos movimentos sociais mais significativos, com grande capacidade de incidência política e interlocução com o poder público por políticas públicas que assegurem o respeito aos direitos humanos e cidadania e o enfrentamento à LGBTIfobia. Apesar do crescimento dos discursos reacionários e da eleição de políticos alinhados à extrema-direita que acusam o movimento de propagar a “ideologia de gênero” com o propósito de destruir a “família tradicional brasileira” e da tentativa de esvaziar as reivindicações dessa comunidade por serem “identitárias”, o movimento LGBTI+ do Brasil segue atuante por meio dos grupos e redes, formais ou não, na produção de pesquisas, na incidência por políticas públicas e atuando diretamente junto a essas pessoas, com o atendimento jurídico, psicológico, social, entre outros.

Um exemplo recente sobre a produção de conhecimento pelo movimento é o “Dossiê: assassinato e violências contra travestis e transexuais brasileiras” produzido pela *Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)* desde 2017. Nele são apresentados dados sobre o suicídio, tentativas de assassinato, assassinato e outras violências transfóbicas em território brasileiro². Essa pesquisa preenche a lacuna da ausência de dados oficiais sobre crimes LGBTIfóbicos em território brasileiro. Outro exemplo no mesmo sentido é o relatório “Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil” produzido pelo *Grupo Gay da Bahia (GGB)*, organização fundada em 1980 e que desde 1982 divulga dados referentes aos assassinatos de LGBTI+ no Brasil³. Os dados, mesmo que subnotificados, servem de subsídio para reivindicar respostas do poder público. O resultado veio em 2019, quando o Supremo Tribunal Federal (STF), por meio da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão - ADO nº 26 entendeu que discriminação contra a população LGBTI+ deve se enquadrar na lei de racismo. Recentemente, em 21 de agosto de 2023, o

¹ A partir desse ponto utilizaremos a sigla LGBTI+ para referir ao movimento, aos grupos e à população de lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, travestis, intersexo e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero não hegemônicas.

² Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Pesquisas Anuais. Disponível em <https://antrabrasil.org/assassinatos/> Acesso em 08 jan. 2022.

³ Grupo Gay da Bahia (GGB). Relatórios Anuais de Mortes. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/> Acesso em: 08 jan. 2022.

STF formou maioria para equiparar ofensas contra pessoas LGBTI+ ao crime de injúria racial. Novamente a Suprema Corte, enquanto instância máxima do poder Judiciário, atuou dada a omissão do Legislativo sobre o tema.

Além da criminalização da LGBTIfobia podemos citar conquistas da população LGBTI+ brasileira fomentadas pelo movimento: o direito à união estável (2011), direito ao casamento civil e conversão da união estável em casamento (2013), adoção por pessoas LGBTI+ (2015), retificação de prenome e gênero de pessoas trans diretamente em cartório (2018), retirada da proibição da doação de sangue por homens homossexuais (2020), direito ao encaminhamento à cela ou alas condizentes com a identidade de gênero (2020) e determinação que o Sistema Único de Saúde (SUS) adeque seus sistemas para o atendimento de pessoas trans independentemente do sexo (2021)⁴.

O movimento LGBTI+ brasileiro, segundo o Manual de Comunicação LGBT produzido pela *Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)*, “É o esforço ao longo da história para obter compreensão e tratamento igual para LGBT. A expressão é usada frequentemente para designar as lutas contra a discriminação, pelos direitos legais. Integram esse movimento as organizações que levam a cabo essas lutas e que defendem, explicitamente, os direitos humanos de homossexuais em todo o mundo.”⁵ Exemplificam a expressividade e dinamismo do movimento a diversidade de redes que integram ativistas ou organizações: Além das já citadas *ABGLT* e *ANTRA* temos a *Liga Brasileira de Lésbicas (LBL)*, *Articulação Brasileira de Lésbicas (ABL)*, *Rede Nacional de Lésbicas e Bissexuais Negras Feministas (Candaces)*, *Aliança Nacional LGBTI+*, *Rede Afro LGBT*, *Associação Brasileira de Gays (Abragay)*, entre muitas outras.

Esse importante movimento social surgiu no final da década de 1970 com outra denominação, movimento homossexual brasileiro (MHB). A maioria das pesquisas, acadêmicas ou não, atribuem ao grupo *Somos* o lugar de alicerçador do MHB. O *Somos* surgiu em São Paulo, um mês depois da distribuição da edição experimental - número 0 - do jornal *Lampião da Esquina*, primeiro jornal feito “por” e “para” homossexuais a circular em todo território nacional. Ao longo das suas 41

⁴ Carta da Diversidade. Aliança Nacional LGBTI+. Curitiba: 2021. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/publicacoes/> Acesso em 08 jan. 2022.

⁵ ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Manual de Comunicação LGBT. Curitiba: [200-], p. 32.

edições (edição experimental - nº 0, 37 edições regulares e 3 edições extras) de periodicidade predominantemente mensal (nas quatro primeiras edições foi bimestral) as discussões a respeito das (homo)sexualidades sempre foi tema central. Apesar da inquestionável importância do *Lampião e do Somos* é relevante destacar que antes de abril e maio de 1978 circularam diversas publicações, ocorreram muitas tentativas da criação de grupos e da realização de encontros.

Hoje, passadas mais de quatro décadas do surgimento do *Somos*, parte expressiva da literatura sobre o tema coloca essa experiência no lugar de marco fundador do MHB. Os principais textos da história e memória do movimento brasileiro LGBTI+⁶ reafirmam esse entendimento, que o primeiro grupo do MHB foi o *Somos*. João Silvério Trevisan na obra, considerada um clássico sobre o tema, o livro “Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade” publicado pela primeira vez em 1982 afirma:

Enquanto *Lampião* vinha à luz no Rio de Janeiro, **em São Paulo iniciaram-se, também nos primeiros meses de 1978, as reuniões de um grupo de homossexuais interessados em organizar-se para discussões e atividades liberacionistas**, o qual integrei já desde o primeiro momento, com grande satisfação e alívio. Composto predominantemente de jovens atores, profissionais liberais e estudantes, o grupo era pequeno e assim permaneceu durante quase um ano, indo servir de matriz para todos os demais que viriam depois. De fato, a partir daí, o Movimento de Liberação Homossexual no Brasil teria como espinha dorsal grupos que aglutinavam militantes um pouco à maneira de clubes fechados de viados e lésbicas.⁷

Leila Mícolis uma das poucas mulheres a colaborar de maneira mais contínua no *Lampião*, publicou em parceria com Hebert Daniel em 1983 o livro “Jacarés & Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade”. Nele a autora reafirma o *Somos* como primeiro grupo do MHB:

A importância do *Lampião* para o movimento homossexual daquele tempo fica constatada quando se observa que logo no mês seguinte ao seu lançamento, portanto **em maio/78, surgiu o primeiro grupo homossexual organizado no Brasil: o SOMOS/SP**, homônimo ao da revista do primeiro grupo homossexual da América Latina, a FLHA

⁶ A sigla que denomina o movimento foi e continua sendo motivo de disputa quanto a inclusão ou exclusão de determinadas orientações sexuais, identidades e expressões de gênero específicas. Exemplo, algumas organizações e redes inserem na sigla o “Q” referindo-se às pessoas que se autodenominam *queer*. Será empregado a sigla LGBTI+ para referir ao movimento contemporâneo, seguindo sigla definida na terceira e última Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos de LGBTI+ realizada em 2016.

⁷ TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 339 (grifo nosso).

- FRENTE DE LIBERTAÇÃO HOMOSSEXUAL DA ARGENTINA, já naquele ano massacrada pela repressão estatal.⁸

Peter Fry também fez parte do grupo de intelectuais que fundou o *Lampião*, segue na mesma linha:

Este ano de 1978 também viu o nascimento do Movimento Negro Unificado, o pleno desabrochar do movimento feminista e o **surgimento dos primeiros núcleos do movimento homossexual no Brasil**. Logo após o surgimento do jornal *Lampião*, um grupo de artistas, intelectuais e profissionais liberais, descontentes com uma vida social restrita a boates e bares do “gueto” homossexual, começou a se reunir semanalmente em São Paulo.⁹

Por fim, James Green, que foi membro do *Somos* e da Convergência Socialista, uma organização trotskista ligada a Liga Internacional dos Trabalhadores, assevera:

Como as feministas, os homossexuais aproveitaram o mesmo “espaço de oportunidade” no intuito de lançar as fundações para a construção de um movimento gay. **Em 1978**, um pequeno grupo de intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo fundou o *Lampião da Esquina*, um tablóide mensal de ampla circulação dirigido ao público gay. **Muitos meses depois, um grupo de homens em São Paulo formou o Somos, a primeira organização pelos direitos gays no país.**¹⁰

As quatro citações trazem centralmente a mesma informação: em abril de 1978 foi distribuída a edição experimental do jornal *Lampião da Esquina* e um mês depois, em maio, iniciavam-se as reuniões do grupo que seria batizado de *Somos: Grupo de Emancipação Homossexual*, organização pioneira do Movimento Homossexual Brasileiro. A partir dessa afirmação, que o *Somos* foi a primeira organização do MHB, levanta-se uma primeira questão: não existiu nenhum grupo antes do *Somos*? Caso, sim, quais os registros e evidências da existência desses grupos?

A resposta para a primeira questão é sim, existiram diversos grupos de homossexuais antes de 1978, muito antes diga-se de passagem. Possivelmente o grupo mais conhecido seja a “Turma OK”, criada no Rio de Janeiro em 1961. Outras evidências também foram localizadas pelo pesquisador Luiz Morando, responsável pela identificação de diversas reportagens na imprensa mineira e carioca de

⁸ MÍCCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert. Jacarés & Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé – Socci, 1983, p. 97 (grifo nosso).

⁹ FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Primeiros Passos), p. 22 (grifo nosso).

¹⁰ GREEN, James N. Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 395 (grifo nosso).

"tentativas" da realização de congressos e encontros e da criação de grupos. O pesquisador Remon Bortolozzi localizou reportagens da imprensa paranaense de um grupo que se reunia em Curitiba, o chamado "Tulipas Negras", com registros do início da década de 1950. Grande parte das evidências da existência de grupos e da tentativa da realização de encontros está localizada na imprensa, especificamente nas páginas policiais desses periódicos. Essa falta de mais informações, como veremos, somado à grande divulgação da experiência do *Somos no Lampião*, a abundância de registros produzidos pelos integrantes do *Somos* e, se comparado aos demais jornais e revistas direcionados aos/ às homossexuais, o caráter mais político do *Lampião da Esquina*, contribuíram para a consolidação dessa narrativa que desqualifica tanto os grupos anteriores quanto os periódicos que circularam antes e ao mesmo tempo que *Lampião*.

No primeiro capítulo, intitulado "expansão urbana, migração, anonimato e o surgimento das turmas", parte-se da análise das mudanças na sociedade brasileira, especialmente a partir da segunda metade do século XX, que possibilitaram o desenvolvimento de formas de sociabilidade homossexual nas grandes cidades. Na sequência, em "turmas e grupos de sociabilidade homossexual" são examinados os registros de dois desses grupos, Turma OK do Rio de Janeiro (RJ) e Tulipas Negras de Curitiba (PR) para, nos limites impostos pelas fontes e o acesso a elas, tentar caracterizar essas comunidades. Por fim são apresentadas as publicações desenvolvidas por essas turmas, buscando perceber como esses boletins foram gradativamente pavimentando o caminho que levou à criação do *Lampião da Esquina* mas também outras publicações menos prestigiadas pela literatura sobre a imprensa homossexual brasileira, como as revistas *Rose*, *Jornal do Gay* e *Journal Gay Internacional* (citando apenas "outros" periódicos analisados nessa pesquisa). Para balizar essa tarefa foi desenvolvido um breve esquema metodológico.

O segundo capítulo concentra-se no *Lampião da Esquina*: a história do documento, suas criação, características e funcionamento para, observados esses aspectos, construir definições que o diferenciam e aproximam das demais publicações periódicas, anteriores ou contemporâneas ao *Lampião*.

No terceiro e último capítulo são exploradas as características das publicações do jornal *Lampião da Esquina* observando, que diferentemente da "baixa voltagem política" da *Rose*, *Jornal do Gay* e *Journal Gay Internacional*, foi a presença constante de temas políticos e a relação entre alguns de seus integrantes

com o surgimento do movimento homossexual brasileiro, que - longe de esgotar outras possíveis diferenças - distingue o *Lampião* de outras publicações.

1. CAPÍTULO - CIDADES, TURMAS GAYS E AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES

1.1. Expansão urbana, migração, anonimato e o surgimento das turmas

A partir da segunda metade do século XX, grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, viram surgir grupos de sociabilidade de homossexuais. Se antes isolados ou com possibilidades de integração reduzidas, esses sujeitos puderam criar grupos com interesses comuns, do encontro afetivo e sexual, aos gostos por música, teatro, dança, artistas, entre outros.

Analisando a “Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal *O Snob* (Rio de Janeiro, década de 1960), Rogério da Silva Martins da Costa parte dessa publicação doméstica conduzida por Agildo Guimarães entre 1963 e 1969, para caracterização dos grupos de (homo)sociabilidade carioca do período e, sobretudo, importância desses espaços para essas pessoas, que tinham nesses espaços um lugar de segurança para vivenciar sua sexualidade.

Dos encontros que tinham como ápice as festas temáticas, surgiu a publicação examinada pelo autor, *O Snob*, um boletim de produção artesanal e circulação restrita que resultou num importante registro sobre essas redes de sociabilidade num período que eram cercadas de cuidados, quase clandestinas, considerando a violência a que estavam sujeitos todas as pessoas que vivenciavam sua sexualidade e gênero não heteronormativa. Sobre essas redes de sociabilidade homoerótica, Costa traz:

Os participantes da rede provinham de vários grupos (ou turmas) que se formavam, à época, principalmente por afinidades regionais e/ou injunções sociais que os levavam ao “isolamento” em relação à sociedade maior. Dessa maneira, desenvolveram uma forma de sociabilidade que teve como característica peculiar produzir encontros em residências de alguns participantes, promovendo festas, concursos, peças teatrais, jantares e pequenos encontros informais o que levou à formação de sólidos laços de solidariedade. Essa rede de sociabilidade era fortemente endógena. Estimulava estratégias de conhecimento pessoal pelo acolhimento num grupo de interessados em estabelecer amizade ou encontros sexuais com um dos participantes, com a abertura para grupos externos nas grandes festas que promoviam. [...]¹¹

¹¹ COSTA, Rogério da Silva Martins da. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal *O Snob* (Rio de Janeiro, década de 1960). Revista Tempo e Argumento, vol. 2, núm. 2. Florianópolis, 2010, p. 68. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3381/338130373005/html/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

Sobre essas turmas ou grupos, os poucos registros duráveis e realizados por seus integrantes, então nas páginas dessas publicações. Por ser um tema pouco pesquisado, possivelmente pela quantidade e dificuldade do acesso às fontes, as escassas pesquisas sobre essas turmas partem desse registro para, junto às entrevistas, construir a história das (homo)sexualidades nos contextos urbanos da segunda metade do século XX.¹²

Assim, torna-se importante compreender o contexto que possibilitou a) o desenvolvimento e expansão de grandes centros urbanos, b) a migração desses sujeitos para as grandes cidades em busca do anonimato, c) a criação de grupos de sociabilidade em torno de interesses comuns; e por fim d) com o desenvolvimento dessas redes, a criação e veículos de comunicação próprios, para a circulação de informações consideradas de interesse para o grupo.

No Brasil, a expansão urbana iniciou-se com as mudanças estruturais na economia e na sociedade brasileira a partir dos anos 1930, mas foi só nos anos 1970 que a maioria parte da população passou a viver nas cidades. Segundo Fausto Brito e Joseane de Souza, até a Primeira República as cidades eram escassas, geralmente nas capitais, e concentradas na região sudeste:

Somente então, a partir da República Velha, é que esses arquipélagos regionais começaram a articular-se, nacionalmente, dentro de um processo de integração mercantil comandado pelo complexo da economia cafeeira capitalista.

A partir dos anos 30 e 40, a urbanização incorporou-se às profundas transformações estruturais por que passavam a sociedade e a economia brasileira. Ela assume, de fato, uma dimensão estrutural: não é só o território que acelera o seu processo de urbanização, mas é a própria sociedade brasileira que se transforma cada vez mais em urbana. Essa grande transformação urbana acompanhará o acelerado processo de industrialização da economia brasileira, que tem como marco inicial mais importante a segunda metade da década de 50, quando vai-se tornando cada vez mais intensa com a expansão dos sistemas de transportes e dos meios de comunicação de massas. Essa grande transformação deve ser entendida como a construção irreversível da hegemonia do urbano, não só como o *locus* privilegiado das atividades econômicas mais relevantes e da população, mas também como difusora dos novos padrões de relações sociais - inclusive as de produção - e estilos de vida.¹³

¹² Considerado o trabalho acadêmico precursor sobre o ambiente homossexual em São Paulo, a pesquisa do sociólogo José Fábio Barbosa da Silva foi apresentado em 1960 na Universidade de São Paulo e está reproduzida no livro "Homossexualismo em São Paulo e outros escritos" organizado por James Green e Ronaldo Trindade (Editora Unesp, 2005).

¹³ BRITO, Fausto; SOUZA, Joseane de. Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000400003>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Com o desenvolvimento do capitalismo, a industrialização, o desenvolvimento das cidades, intensifica-se o fenômeno da migração de pessoas em busca de melhores condições de vida e de mais oportunidades. A vida nas grandes cidades possibilitou às dissidências sexuais/ de gênero o desenvolvimento de estratégias para vivenciar sua sexualidade como uma vida dupla e o desenvolvimento de redes de sociabilidades mais ou menos clandestinas.

A distância da vigilância da família proporcionou maior liberdade, o contato com a diversidade oportunizada pela presença de pessoas oriundas de diferentes cidades nas capitais, somada à dinâmica própria das grandes cidades, possibilitou o anonimato. Nem todas as pessoas estavam dispostas a correr o risco da exposição e da repressão nos poucos bares e boates que acolhiam essas dissidências, geralmente localizados nas ruas, becos e cantos escuros desses grandes aglomerados urbanos, frequentados por outros párias sociais como as prostitutas. Apesar de não haver no Brasil previsão legal para criminalização das homossexualidades, esses locais de sociabilidade eram alvo preferencial da violência e da repressão policial.

Para se protegerem, os gays do Rio de Janeiro e São Paulo, em meados dos anos 1950, passaram a se reunir em turmas nas casas uns dos outros ou em locais públicos para conversar, escutar música, beber e conhecer pessoas.¹⁴

O surgimento das turmas, grupos de homens homossexuais, que vivenciavam sua sexualidade de maneira clandestina e que fazia dos encontros em casas e apartamentos uma válvula de escape à repressão do dia a dia, tem seus poucos registros ou nas páginas policiais, como foi o caso da prisão dos “Tulipas Negras” em Curitiba ou nas memórias produzidas por integrantes da “Turma Ok” do Rio de Janeiro. O documento Turma Ok, com memórias das integrantes desse grupo, apresenta relato nesse sentido:

[...] Frequentar lugares gays, era complicado. Além de barra pesada do próprio público, haviam batidas policiais que invadiam os locais, e os gays, além de humilhados e surrados, [...], ainda corriam o risco de serem levados presos, passarem a noite nas delegacias, e sofrerem chantagem por parte dos policiais, que ameaçavam ligar e “entregar” os rapazes de boa família aos seus pais.¹⁵

No texto “Capitalismo e a Identidade Gay” o historiador estadunidense John D’Emílio, ao analisar as mudanças ocorridas que possibilitaram a ascensão de uma

¹⁴ PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2012, p. 16-17.

¹⁵ Breve história da TURMA OK. 2004, p. 01 (Acervo Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade)

identidade homossexual nos Estados Unidos, traz importantes reflexões que podem contribuir na compreensão do fenômeno da expansão das grandes cidades como fator fundamental para o desenvolvimento de uma subjetividade homossexual.

Em oposição ao que denomina “mito do homossexual eterno” que, teve durante os anos 1970, início do movimento de libertação gay nos Estados Unidos, uma função política positiva, de afirmar e empoderar essas identidades, o autor sustenta que gays e lésbicas nem sempre existiram:

Pelo contrário, eles e elas são um produto da história e surgiram em uma era histórica específica. Sua emergência está associada com as relações sociais do capitalismo — mais especificamente, seu sistema de trabalho livre —, que permitiram que um grande número de homens e mulheres, no final do século XX, se denominassem gays ou lésbicas; se enxergassem como parte de uma comunidade de homens e mulheres similares, e se organizassem politicamente com base nessas identidades¹⁶

D’Emilio prossegue estabelecendo uma relação entre a relação de trabalho livre no capitalismo e a homossexualidade em razão da face emancipatória desse sistema: somos duplamente livres: para vender nossa força de trabalho e livres já que a maioria das pessoas detém nada além dessa força de trabalho. O autor defende que com a expansão do capitalismo nos Estados Unidos, houve profundas mudanças nas estruturas da sociedade, alterando as estruturas que antes eram baseadas em unidades familiares, num sistema de produção doméstica, autossuficientes, patriarcais e independentes, possibilitando o desenvolvimento de uma vida gay coletiva:

A expansão do capital e a difusão do trabalho assalariado provocaram uma transformação profunda na estrutura e na função da família nuclear, da ideologia da vida familiar e do significado das relações heterossexuais. São essas mudanças na família que se relacionam mais diretamente à aparição de uma vida gay coletiva.¹⁷

Com o declínio desse sistema baseado em unidades familiares de produção doméstica, na medida que o sistema capitalista se expande, a condição proletária, ou seja, da venda da força de trabalho, se tornou permanente. Nesse contexto a família deixa de ser unidade produtiva para se tornar unidade afetiva “rigorosamente distinta e desconectada da esfera pública, do mundo do trabalho e da produção”,

¹⁶ D’EMILIO, John. O capitalismo e a identidade gay. Coletivo LGBT Comunista, 2021. Disponível em: <https://lgbtcomunista.org/2021/06/07/o-capitalismo-e-a-identidade-gay/>. Acesso em 15 jun. 2023.

¹⁷ D’EMILIO, John. O capitalismo e a identidade gay. Coletivo LGBT Comunista, 2021. Disponível em: <https://lgbtcomunista.org/2021/06/07/o-capitalismo-e-a-identidade-gay/>. Acesso em 15 jun. 2023.

assim o sexo deixa gradativamente de estar conectado à procriação, necessária para a sobrevivência, para se tornar um meio de prazer:

Conforme se difundia o trabalho assalariado e se socializava a produção, se tornava possível libertar a sexualidade do imperativo da procriação. Ideologicamente, a expressão heterossexual tornou-se um meio de estabelecer intimidade, promover felicidade e experimentar prazer. Ao despojar o lar de sua independência econômica e promover a separação da sexualidade da procriação, o capitalismo criou as condições que permitem que alguns homens e mulheres organizem sua vida pessoal ao redor da atração erótica/emocional a seu próprio sexo. Tornou-se possível a formação de comunidades urbanas de lésbicas e homens gays, e, mais recentemente, de uma política baseada na identidade sexual.¹⁸

John D'Emilio defende que foram as mudanças materiais decorrentes do desenvolvimento e consolidação do capitalismo que possibilitaram a emergência de uma identidade gay e a criação de comunidades homossexuais urbanas: “[...] capitalismo levou à separação entre sexualidade e procriação. O desejo sexual humano não mais precisa ser limitado a imperativos reprodutivos, à procriação; sua expressão tem progressivamente entrado no reino da escolha.”¹⁹. O desejo e o comportamento homossexual sempre existiu, mas o desenvolvimento de uma identidade que o tornasse uma componente central na vida das pessoas só foi possível com o capitalismo, e o desenvolvimento de comunidades afetivas e redes de solidariedade desenvolveram na medida que as cidades também cresciam.

O desenvolvimento das grandes cidades muitas vezes proporcionou um ambiente mais propício para a criação de redes de sociabilidade e encontro entre grupos marginalizados, incluindo homossexuais. Isso se deve a vários fatores, como a maior diversidade de pessoas, a densidade populacional e o anonimato relativo que as grandes cidades podem oferecer em comparação com áreas mais rurais ou conservadoras.

Nos contextos urbanos, as pessoas que enfrentavam discriminação ou estigmatização, como homossexuais, frequentemente buscavam criar comunidades e espaços onde pudessem se sentir mais seguras e aceitas. Esses grupos muitas vezes se reuniam em casas e apartamentos, espaços mais seguros, para

¹⁸ D'EMILIO, John. O capitalismo e a identidade gay. Coletivo LGBT Comunista, 2021. Disponível em: <https://lgbtcomunista.org/2021/06/07/o-capitalismo-e-a-identidade-gay/>. Acesso em 15 jun. 2023.

¹⁹ D'EMILIO, John. O capitalismo e a identidade gay. Coletivo LGBT Comunista, 2021. Disponível em: <https://lgbtcomunista.org/2021/06/07/o-capitalismo-e-a-identidade-gay/>. Acesso em 15 jun. 2023.

compartilhar experiências, fornecer apoio emocional e estabelecer conexões entre similares.

Dessa forma, se desenvolviam as "turmas" ou grupos sociais que desempenhavam um papel importante na criação de um senso de pertencimento e identidade dessa comunidade. Eles ofereciam um espaço onde as pessoas podiam expressar livremente sua orientação sexual e identidade de gênero, algo que era reprimido em contextos mais amplos da sociedade.

É importante notar que, embora as grandes cidades tenham oferecido um espaço mais propício para essas redes de sociabilidade, ainda existiam desafios e riscos associados à visibilidade e à repressão, especialmente durante períodos de maior repressão.

1.2. Turmas e grupos de sociabilidade homossexual

Edward Macrae no livro “A construção da Igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da ‘abertura’”, resultado da pesquisa realizada para tese de doutorado em antropologia entre os anos de 1978 e 1985, no qual realizou o estudo etnográfico no emergente grupo *Somos* de São Paulo, e para além dos fragmentos localizados na imprensa sobre as tentativas frustradas da realização de encontros e congressos, resume de maneira precisa quais as características tanto dos grupos existentes antes de 1978, muitos responsáveis pela publicação dos boletins pré *Lampião da Esquina* que o autor chama de “A pré-história” do movimento brasileiro:

No Brasil, a formação de grupos de homossexuais não é nenhuma novidade e vem ocorrendo há muitas décadas. Tradicionalmente, porém, suas festas, concursos de *miss*, a produção e distribuição de jornaizinhos artesanais, etc., tinham, até nos últimos anos da década de 1970, como único objetivo, a diversão e seus aspectos críticos que se limitavam à bem humorada paródia dos acontecimentos mundanos da alta sociedade. As reuniões desses grupos geralmente tinham um caráter clandestino e aconteciam em locais fechados para evitar manifestações de agressividade por parte da sociedade maior. Embora a homossexualidade não fosse considerada crime pelas leis brasileiras, era comum a perseguição policial. Mesmo quando essa não ocorria, havia ainda a possibilidade de ataques por parte de vizinhos.²⁰

²⁰ MACRAE, Edward, A construção da Igualdade: Política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 165.

1.2.1. Turma Ok (Rio de Janeiro - RJ)

Dois exemplos de grupo de sociabilidade formados por homossexuais e que, em razão do acesso facilitado aos relatos e fontes, possibilitam conhecer algumas informações sobre sua existência e características, são a Turma Ok do Rio de Janeiro (RJ) e as Tulipas Negras de Curitiba (PR). O documento “Turma Ok” faz um relato detalhado sobre a história, a relação dos fundadores, as festas e os concursos, insere a Turma Ok nesse período da criação de turmas a partir de grupos de homossexuais que se reuniam regularmente:

A **TURMA OK** nasceu, como essas pequenas coletividades, numa das costumeiras reuniões que se realizavam semanalmente ou, no máximo, de 15 em 15 dias, no apartamento de ANTÔNIO PERES, no Edifício Varsóvia, situado na rua Almirante Tamandaré. Exatamente no dia 13 de janeiro de 1961.²¹

Apesar de ter por diversas fases: funcionamento regular entre 1961 e 1969, períodos de menor atividade e de fechamento entre 1969 e 1975 “[...] por causa das ameaças de violências repressivas do período da ditadura militar”, e passado por reestruturações, a Turma OK permanece ativa até hoje²².

Essa fase estendeu-se até 1964, quando, por motivos ligados aos problemas de cada um, e, por que não dizer, ao medo que nos infundia a situação repressiva inaugurada pela “REDENTORA” (a malfadada revolução de 1964) a Turma foi se desarticulando, caindo num recesso de aproximadamente 13 anos.²³

A existência longínqua e bem documentada possibilita conhecer detalhes da sua história. Parte da documentação da Turma OK foi doada por Agildo Bezerra Guimarães ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da Universidade de Campinas (UNICAMP) em 1995. Além da documentação da Turma OK, Agildo também doou uma rara coleção de boletins produzidos antes do *Lampião*: “Engajado no movimento gay carioca, Agildo Bezerra foi editor de inúmeras publicações, reunindo,

²¹ Breve história da TURMA OK. 2004 p. 01 (Acervo Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade)

²² É possível ter acesso às memórias de alguns integrantes mais antigos da turma OK a partir do registro de entrevista disponibilizadas no YouTube como, por exemplo: A TURMA OK - DESDE 1961, O PRIMEIRO COLETIVO GAY DO BRASIL NA ARTE DO TRANSFORMISMO. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xGLIEltYhRY>. Acesso em: 08 jan. 2022.

²³ Breve história da TURMA OK. 2004 p. 03 (Acervo Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade)

assim, coleções raras dos boletins *Snob* (1963 - 1969), *Darling* (1968), *Gente Gay* (1976- 1978), entre outros.”²⁴

1.2.2. Tulipas Negras (Curitiba - PR)

Outro grupo que também existiu nos anos 1950 foram os Tulipas Negras, de Curitiba. Os poucos registros localizados (em sua maioria nas páginas policiais dos jornais), impossibilita conhecer mais a fundo seu funcionamento, mas o aproximam de experiências como a da Turma OK.

O pesquisador Remom Bortolozzi localizou no jornal *Diário da Tarde*, de Curitiba do início da década de 1950, reportagens que fazem referência aos “*Tulipas Negras*”, um grupo de homossexuais que se reuniam secretamente na capital paranaense. As poucas informações dão conta que se tratava de um grupo, espécie de confraria de homossexuais, que se encontravam semanalmente e nesses encontros vestiam-se de mulher. Um dos locais de encontro desse grupo foi o Edifício Kwasinski, localizado na Avenida Vicente Machado, 18, em frente à Praça Osório.

O site do jornalista Aroldo Murá publicou em 2014 entrevista com um “ex-tulipas”, denominado apenas como “J” a pedido do entrevistado para manter seu anonimato. Apesar de também trazer pouquíssimas informações, nela podemos identificar elementos comuns entre os “Tulipas Negras” e outros grupos que se reuniam nas casas e apartamentos de seus integrantes para sociabilizar e, em alguns desses encontros, realizavam festas nas quais se vestiam de mulher, semelhante aos relatos da Turma OK:

- O senhor foi um dos “Tulipas”?
- Sim.
- Por quê?
- Foi uma maneira de nos reunirmos, pessoas com interesses comuns...
- O senhor quer dizer interesses gays?
- Não conhecíamos a palavra, então. Éramos, no máximo, “entendidos”... Um ou dois do grupo poderiam ser livre-atiradores, gente disposta a tudo... Mas éramos mesmo ‘entendidos’. E só.
- Quantos eram os “Tulipas”?
- Alguns apareciam semanalmente; outras. Menos frequentes. No todo, não mais que 15 homens, alguns deles casados e pais de família.
- Quais os trajes preferidos do grupo?

²⁴ Turma OK: listagem preliminar elaborada em 2002. Arquivo Edgard Leuenroth - IFCH - UNICAMP. Campinas, 2002. Disponível em: https://www.ael.ifch.unicamp.br/pf-ael/public-files/instrumentos-pesquisa/turma_ok_2.pdf Acesso em 15 abr. 2022.

- A maioria vestia-se de Carmen Miranda, tudo muito caprichado. Vestidos caros. Houve uma tentativa de alguém fazer o estilo Virgínia Lane, a vedeta que estava na moda, até por ser apontada como uma das amantes de Getúlio.
- Pode citar nomes? Ou, pelo menos, a profissão de alguns deles?
- Só profissão: um, dono de antiquário, ainda vivo; outro, dono de cartório, que depois passou o negócio rendoso para ex-namorado (já morto também) de muitos anos; outro, médico de sobrenome alemão, formado em Berlim; um cronista social; um diretor de teatro de família tradicionalíssima; um empresário que depois morreu dirigindo cadeia de hotéis...; um arquiteto refinadíssimo, de família de ervateiros históricos...
- Podemos avançar, ir além...?
- Fim da entrevista. Passar bem.²⁵

Duas reportagens do jornal *Diário da Tarde*, dos dias 13 e 20 de novembro de 1951, trazem informações com teor parecido, casos de “imoralidade” e atentados “contra amoral” praticados na região do Passeio Público. Numa das reportagens “tulipas negras” é utilizado como sinônimo de homossexualidade: “Ao notar o carro da Polícia os ‘tulipas negras’ evadiram-se.”²⁶ e “Queremos nos referir a sua iluminação [do Passeio Público], atualmente tão precária, que ainda permite dolorosos casos de imoralidade, como o que ocorreu recentemente, com os chamados ‘Tulipas Negras’.”²⁷.

Outra reportagem do mesmo jornal, de 05 de novembro de 1953, intitulada “Casamento Simbólico” de “Mariquinhas” traz no subtítulo: “A polícia chegou na hora ‘H’ e acabou com a alegria dos ‘Tulipas Negras’.” e segue no primeiro parágrafo “A nossa Polícia acaba de efetuar a prisão de vários degenerados que integravam um grupo semelhante ao já famoso ‘Tulipas Negras’, há tempos descoberto nesta Capital.”²⁸.

²⁵ MURÁ, Aroldo. “Tulipas Negras”: a editora, a confraria e o depoimento de “J”. Disponível em: <http://www.aroldomura.com.br/tulipas-negras-a-editora-a-confraria-e-o-depoimento-de-j/> Acesso em: 25 abr. 2022.

²⁶ DIÁRIO DA TARDE. 13 nov. 1951. Reportagem “Orgia Degradante no Passeio Público - Os Frutos De Uma ‘Batida’” (capa). Disponível em: <http://memoria.bn.br/> Acesso em: 24 abr. 2022.

²⁷ DIÁRIO DA TARDE. 20 nov. 1951. Reportagem “Paraíso Terrestre” (capa). Disponível em: <http://memoria.bn.br/> Acesso em: 24 abr. 2022.

²⁸ A TARDE. Ano IV, Nº 1024, 05 nov. 1953. Acervo Remom Bortolozzi.

FIGURA 01 - REPORTAGEM "CASAMENTO SIMBÓLICO DE MARIQUINHAS

"Casamento Simbólico" De "Mariquinhas"

A POLÍCIA CHEGOU NA HORA "H" E ACABOU COM A ALEGRIA DOS "TULIPAS NEGRAS"

A nossa Polícia acabou de efetuar a prisão de vários degenerados, que integravam um grupo semelhante ao já famoso "Tulipas Negras", há tempos descoberto nesta Capital.

Evidentemente, trata-se de um caso repugnante, até, onde ir...

Após palestras, etc., teve início um "casamento simbólico", onde tomaram parte "Golden Boy" e "Rosário", um paramentado de noivo e outro de noiva (chão, urubus!), surgindo um outro como se fosse o juiz, fato esse ocorrido às 20,30 horas, quando em dado momento, apareceram a Polícia e foi aquela água: os tais foram acabar no tacho, em "belas condições", noivo, "noiva", padrinhos, convidados, etc.

Morais, Jacob Souza, Tailor Moura, Messias Andrade, João Manoel Cristóvão e outros, paracenas de verdadeiro deboche, cenas que ficaram bem na decadente Roma dos Césares e não nos tempos atuais.

sendo presos no momento em que, um tanto quanto outro ruboriza, a "noiva" dizia "sim", a interrogados pelo Delegado Miguel Zacarias e confessaram o que ocorreram, como se maior cinismo, como se aquilo consistisse fato normal.

INTERROGADOS
Os degenerados foram interrogados pelo Delegado Miguel Zacarias e confessaram o que ocorreram, como se maior cinismo, como se aquilo consistisse fato normal.

FESTA
A Polícia apreendeu cartões impressos, de participação de inenunciável "matrimônio", assim redigido:

"Golden Boy e Rosário têm o prazer de convidar a V. S. para o ato íntimo em que se comemorará o primeiro aniversário de sua singela união, o qual será oficializado com os sagrados ritos do culto a Eros Afrodite —

4-11-53 — Horas, 20,30".

CONVIDADO O "AMIGO DA ONÇA"
Ao ver surgir no prédio um representante policial, um dos tarados, que não o conhecia, convidou-o a dançar e mambo, crendo que era ali figura do mesmo naipe.

Foi a uma pior paragem, pois ali estava não quem ele pensava, mas um policial, que no caso era o "amigo da onça", que surgiu para pôr fim às cenas de deboche.

INQUÉRITO
O Delegado de Segurança Pessoal, dr. Ricardo Taborda Ribas, instaurou inquérito a respeito.

Profissão Anarquizada
(Continuação de La página)
centos de prestígio popular avançam sobre as fronteiras de direitos protestados, em aberta ou velada preparação contra os advogados e ematamento de si próprios, prometendo e até fazendo advocacia administrativa ou judicial gratuita, diretamente ou por intermédio de outros hecchardis mal providos, na concretização de um crime de lesão enorme em detrimento de classe espolhada e combatida.

Autóritades que não se preocupam, na exploração regular das convergências de trabalhos corretos: facilmente poucos distos.

Milton Vianna
ADVOGADO
Diretor: (Instituição) a (Legislação) do Trabalho
Bom endereço
Rua Dr. Maria 48 — 2º
and. 400 — 21 — 400 — 400
Louranço

Sensacional II Extraordinário II APROVEITEM AGORA

FONTE: Jornal Diário da Tarde. Curitiba, 5 nov. 1953.

Outro jornal, *O Dia*, da mesma data, também noticiou o mesmo episódio, a prisão em flagrante de um grupo de homossexuais que realizava uma espécie de cerimônia de casamento entre dois homens: "DESCOBERTO EM NOSSA CAPITAL MAIS UM CLUBE de 'TULIPAS NEGRAS': A polícia surpreendeu os tarados no momento em que celebravam um 'casamento' simbólico"²⁹. Reportagem do dia seguinte estampa foto batida, segundo a reportagem, na Delegacia de Vigilância Pessoal:

Messias de Andrade, que estava contratado pelo Instituto de Educação e Cultura como professor de declamação; João Manoel Cristóvão, Cid Ney Moraes, Jacob Souza e Taylor Moura - os cinco tarados que fazem parte do novo Clube das "Tulipas Negras" e que ontem foram encanados em flagrante quando realizavam os seus festins existenciais

Havia mais gente no prédio 3460 da Rua Visconde de Guarapuava, que conseguiu escapar do cerco policial, inclusive a "noiva".

²⁹ O DIA. 05 nov. 1953. Reportagem "DESCOBERTO EM NOSSA CAPITAL MAIS UM CLUBE de 'TULIPAS NEGRAS'" (página quatro). Disponível em: <http://memoria.bn.br/> Acesso em: 24 abr. 2022.

FIGURA 02 - REPORTAGEM “CINCO DOS COMPONENTES DO CLUBE DAS TULIPAS NEGRAS”



FONTE: Jornal O Dia. Curitiba, p. 04, 06 nov. 1953

Calcular o dano causado à vida dessas pessoas pela exposição - nomes completos e foto - num jornal de grande circulação não exige grande exercício de imaginação, em especial o professor do Instituto de Educação e Cultura, Messias de Andrade.

Diferentemente da Turma OK que, mesmo com fases de menor atividade e reestruturações, persiste até hoje e pode registrar sua história, em entrevistas, documentando a memória dos seus integrantes e por meio da transmissão oral dos integrantes mais velhos para os mais novos, as Tulipas Negras têm quase a totalidade de seus registros nas páginas policiais dos jornais. Outro ponto que difere as duas “turmas” é que a descoberta das Tulipas a partir de uma batida policial ocorrida no edifício Kwasinski levou, se não ao fim, à sua desmobilização, já que foram expostos.

Sobre isso, a revista “Atenção” da curitibana Grafipar trouxe com destaque de capa da edição de junho de 1979 “O homossexual em Curitiba”. Nela, a reportagem assinada por Wilson Bueno também traz informações sobre os “Tulipas Negras”:

[...] os anos cinquenta foram de glória, o mesmo não acontecia com os filhos dos melhores clãs da cidade que, desarmados para enfrentar o preconceito da sociedade da qual eram os herdeiros naturais, não viam outra alternativa ante o acanhado ambiente provinciano senão o de criar a até hoje obscura quanto lendária sociedade “Tulipas Negras”. Esta secretamente reunia os

homossexuais egressos da alta classe média curitibana, onde entre rituais de iniciação e rigorosos juramentos de observância de sigilo, o eventual candidato recebia um verdadeiro “batismo de fogo”. Hoje segundo uma fonte autorizada, a maioria dos ex-integrantes da extinta “Tulipas Negras” - excetuando-se os que morreram ou se transferiram de Curitiba - ocupam altos cargos em postos-chaves do Governo ou nos altos escalões da iniciativa privada, constituindo-se em presença obrigatória nas melhores colunas sociais da imprensa paranaense. Revela a mesma fonte que muitos dos cavaleiros da “Ordem” casaram, constituíram família, “esqueceram o passado”, e os que permaneceram, solteiros “difícilmente caem da pose de machões intransigentes, escolhendo para as suas aventuras lugares tão diversos como Florianópolis, São Paulo ou Rio de Janeiro, para onde escapam, de avião, nos fins de semana”. Acrescenta que, não é muito difícil surpreendê-los, embora devidamente mascarados, seja no Baile dos Enxutos do “Operário” ou sob as delirantes luzes estroboscópicas da nacionalmente famosa boate Sótão na Galeria Alaska, a mais badalada discoteca guei do Brasil.³⁰

A existência de um grupo secreto de homossexuais da elite curitibana persistiu no imaginário curitibano quase três décadas após as primeiras reportagens que falam sobre sua existência. Na coluna “Carta A Berta” de novembro de 1988, Nelson Padrella cita o grupo, “Por falar em fresca, quer dizer que vão ressuscitar o famoso Clube da Tulipa Negra, é? Berta ficou sabendo.”³¹, e o escritor Dalton Trevisan no conto “Em busca de Curitiba perdida” também faz referência ao grupo:

[...] Curitiba das ruas de barro com mil e uma janelas e seus gatinhos brancos de fita encarnada no pescoço; da zona da estação em que a noite um povo ergue a pedra do túmulo, bebe amor no prostíbulo e se envenena com dor-de-cotovelo; a Curitiba dos cafetões - com seu rei Candinho - e da **sociedade Secreta das Tulipas Negras** eu viajo.³²

Muitas outras turmas existiram contemporaneamente à Turma OK. Em *O Snob*, entre 1963 e 1964, o pesquisador Rogerio da Silva Martins da Costa contabilizou nove desses grupos: Turma do Catete, Turma de Copacabana, Turma da Zona Norte, Turma do Leme, Turma OK, Turma da Glória, Turma da Mafalda, Turma de Botafogo e o *Grupo Snob*³³. Flávia Péreto, em *a Imprensa Gay no Brasil*

³⁰ BUENO, Wilson. O homossexualismo em Curitiba. In: Atenção. Curitiba: Grafipar Editora, jun. 1979, p. 35 (Comportamento). Acervo de Luiz Morando.

³¹ CORREIO DE NOTÍCIAS. Curitiba. 08 nov. 1988, p. 16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/> Acesso em: 24 abr. 2022.

³² Correio de Notícias. 6 jul. 1988. (grifo nosso) Segundo a reportagem que reproduz o conto “Em busca de Curitiba perdida”: “Foi em setembro de 1976. As revistas de circulação nacional traziam um anúncio com duas assinaturas de respeito. Texto de Dalton Trevisan e ilustrações de Poty num comercial da então recém-inaugurada agência da Habitasul (de triste memória, diga-se), feito pela agência PAZ. Dalton Trevisan fazia sua viagem pela cidade. Essa viagem a gente resgata para você.”.

³³ COSTA, Rogério da Silva Martins da. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal *O Snob* (Rio de Janeiro, década de 1960). Revista Tempo e Argumento, vol. 2, núm. 2. Florianópolis, 2010, p. 68. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3381/338130373005/html/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

que cita grupos da capital baiana, os “Carimbos” e os “Intocáveis, que se reunia em Salvador:

Também começaram a aparecer turmas em Salvador, como os Carimbos e os Intocáveis. Nos encontros, a discrição era regra, já que não queriam chamar a atenção dos vizinhos, muito menos da polícia. Nos pequenos shows e performances que realizavam nas casas, os aplausos eram substituídos por estalos de dedos.³⁴

1.3. Imprensa homossexual no Brasil

A publicação do jornal *Lampião da Esquina* é inegavelmente um marco para a imprensa alternativa com foco nas dissidências sexuais. Algumas características referentes a circulação do *Lampião* chamam a atenção: a profissionalização da sua produção e distribuição e - apesar dos limites impostos pela proposta de publicação direcionada ao público homossexual - foi um jornal que contou com jornalistas profissionais entre seus colaboradores. Foi distribuído, como consta em seu expediente, em todo território nacional. Teve tiragem significativa

Apesar do destaque dado ao *Lampião*, ele não foi um empreendimento isolado e descontextualizado. Antes e durante o período de circulação foram produzidas diversas publicações com foco nas homossexualidades entre boletins artesanais de circulação local, revistas e outros periódicos cujas características serão analisadas a seguir visando estabelecer pontos de convergência e diferenças com o próprio *Lampião*. Outro elemento examinado serão os debates políticos a respeito das (homo)sexualidades nessas publicações, tendo como limite o acesso a elas.

O próprio *Lampião* lista algumas publicações com o tom de agradecimento e demonstra o quanto o jornal foi tributário dessas publicações³⁵. Na reportagem “Qual é a da nossa imprensa?”, presente na edição experimental, Frederico Jorge Dantas fala sobre seu boletim *Eros*, elaborado e distribuído informalmente entre os 150 leitores para formar um grupo homossexual no que “mais tarde poderá vir a ser o Movimento de Libertação Homossexual.”³⁶. Dantas salienta nessa reportagem que seus cadernos buscam a tomada de consciência pelos homossexuais para “[...] reagir com racionalidade e coesão às repressões sociais que nos são impostas pelo

³⁴ PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2012, p. 16-17.

³⁵ Mais informações sobre as publicações, veja: PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2012.

³⁶ DANTAS, Frederico Jorge. Qual é a da nossa imprensa? *Lampião*. Rio de Janeiro, p. 5, n° 0, abr. 1978 (Esquina)

grupo majoritário, onde o machista credenciado desrespeita a própria regra das liberdades individuais.”³⁷. A reportagem não dá mais detalhes sobre o *Eros*, como período e local de circulação, e ainda aponta para outra publicação, chamada “Entender”, sem maiores detalhes, dizendo apenas que seu lançamento trouxe esperança para aqueles que desejam pensar a própria homossexualidade sem a carga fetichista imposta pelos menos esclarecidos.

Na edição seguinte, número um, de maio/ junho de 1978, uma carta enviada por Agildo B. Guimarães foi publicada com o título “Um abraço do ‘Gente Gay’”. Nela, Agildo parabeniza os responsáveis pelo *Lampião* e comenta sobre os jornais que publicou no Rio de Janeiro, chamados *Snob* e *Gente Gay*. Os editores do *Lampião* responderam à carta com [...] sabemos que se você não começasse com o SNOB, nunca chegaríamos a LAMPIÃO. E não o queremos apenas como leitor. Vamos pedi-lo emprestado ao GENTE GAY de vez em quando.”³⁸.

Em resposta à reportagem “Qual é a da nossa imprensa?” Publicada na edição anterior, no nº 2 do *Lampião*, de junho/ julho de 1978, a carta de José Alcides Pinheiro, do Rio de Janeiro, foi publicada com o título “Pauladas na Bichórdia”. Nela são citadas algumas dessas publicações (sem detalhes ou aprofundamento) com críticas incisivas aos envolvidos:

O Sr. Dantas. desculpe-me ele, implicou num erro imperdoável. Apesar de sua aparente boa vontade, bastante elogiável na consciência firme e clara que tens sobre nossas necessidades, foi buscar apoio junto de uma camada de homossexuais bastante entorpecida pela **bichice** e não poderia, como estava pretendendo, encontrar ajuda. A turma do extinto **Gente Gay** e do consórcio social Little Darling & Tiraninho não passa de uma camarilha machista que só consegue se impor através do ridículo, da vulgaridade e do beautiful people indigesto do Sr. Anuir Farah e Cia Ltda. É incrível como um grupo deste se autodenomina pioneiro na imprensa guei brasileira.³⁹

Outro exemplo de reportagem sobre publicações pré-*Lampião da Esquina* é a entrevista de duas páginas publicada na edição nº 28, de setembro de 1980. Intitulada “‘*Snob*’, ‘*Le Femme*’... Os bons tempos da imprensa guei”⁴⁰, a partir das

³⁷ DANTAS, Frederico Jorge. Qual é a da nossa imprensa? *Lampião*. Rio de Janeiro, p. 5, nº 0, abr. 1978 (Esquina)

³⁸ UM abraço do “Gente Gay”. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 14, nº 1, mai./jun. 1978 (Cartas na Mesa)

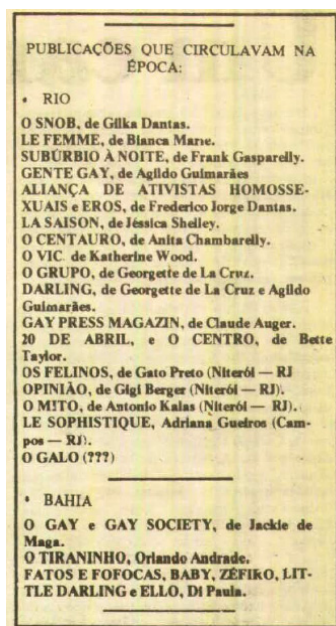
³⁹ PAULADAS NA BICHÓRDIA. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 14, nº 2, jun../jul. 1978 (Cartas na Mesa)

⁴⁰ “*Snob*”, “*Le Femme*”... Os bons tempos da imprensa guei”. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 7, nº 28, set. 1980

perguntas realizadas por Leila Mícolis e Marcelo, integrante do grupo Auê do Rio de Janeiro, os entrevistados, Agildo Guimarães e Anuar Farah, trazem algumas informações sobre esses impressos: a partir da criação do *Snob* no Rio de Janeiro em 1961 surgiram diversas outras publicações - 27 circularam na época segundo a reportagem - entre elas o *Le Femme*, *Subúrbio à Noite* e o boletim *Aliança de Ativistas Homossexuais*, *Okeizinho* publicado pela *Turma OK* do Rio de Janeiro.

Outro dado trazido pela mesma reportagem foi a fundação da “Associação Brasileira de Imprensa Gay” ou ABIG em 1962. Tendo como primeiro presidente Anuar Farah, a ABIG buscou reunir “[...] todos os jornais gays editados no Brasil.”⁴¹. Com o golpe militar de 1964 a associação deixou de existir. A lista de “publicações que circulavam na época” (década de 1960) apresentada no *Lampião*, apesar de apresentar apenas os jornais homossexuais locais da Bahia e Rio de Janeiro, possibilita vislumbrar a diversidade desses impressos:

FIGURA 03 - PUBLICAÇÕES QUE CIRCULAVAM NA ÉPOCA (1960)



FONTE: *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 7, nº 28, set. 1980. (Acervo: Cedoc LGBTI+)

Em 1984, a pesquisadora e ativista Rita Colaço publicou, no livro *Uma Conversa Informal sobre o Homossexualismo*⁴², um levantamento das publicações

⁴¹ “Snob”, “Le Femme”... Os bons tempos da imprensa guei”. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 7, nº 28, set. 1980

⁴² COLAÇO, Rita. *Uma conversa informal sobre homossexualismo*. Rio de Janeiro: R. Colaço, 1987, p. 61. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250472/mod_resource/content/1/Rita%20Colac%CC%A7o.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023

homossexuais que circularam no Brasil. Nele encontramos, além do título e estado da publicação, o nome dos responsáveis:

FIGURA 04 - PUBLICAÇÕES HOMOSSEXUAIS QUE CIRCULARAM NO BRASIL (DÉCADA DE 1960 A 1980)

Estado	Título	Responsável	Ano
RJ	SNOR	Gilka Dantas	59/60
RJ	La Femme	Bianca Marie	—
RJ	Subúrbio à noite	Frank Gasparelly	—
RJ	Eros	Frederico Jorge Dantas	—
RJ	Aliança Ativ. Homos.	Frederico Jorge Dantas	—
RJ	La Saison	Jésica Shelley	—
RJ	O Centauro	Anita Chambarely	—
RJ	O VIC	Katherine Wood	—
RJ	O Grupo	Georgette de la Cruz	—
RJ	Darling	Idem e Agildo Guimarães	—
RJ	Gay Press Magazin	Claude Auger	—
RJ	20 de abril	Bette Taylor	—
RJ	O Centro	Bette Taylor	—
RJ/NIT	O Estábulo	Dalia Lavi	—
RJ/NIT	Os Felinos	Gato Preto	—
RJ/NIT	Opinião	Gigi Berger	—
RJ/NIT	O Mito	Antonio Kalas	—
RJ/CAM	Le Sophistique	Adriana Gueiros	—
RJ	O Galo	*	—
BA	O Gay	Jackie de Maga	—
BA	Gay Society	Jackie de Maga	—
BA	O Tiratinho	Orlando Andrade	—
BA	Fatos e Fofocas	Waldeilton di Paula	—
BA	Baby	Waldeilton di Paula	—
BA	Zéfiro	Waldeilton di Paula	—
BA	Little Darling	Waldeilton di Paula	—
BA	Ello	Waldeilton di Paula	—
RJ	Gente Gay	Agildo B. Guimarães	1976
SP	Mundo Gay	A.M.K.	1977
RJ	Entender	Frederico Jorge Dantas	1977
RJ	Lampião	Aguiinaldo Silva	1978
BELÉM	Gay Zepplin	*	—
RJ	Galeria Alegria	Glauco Metoso	1979
RJ	Pleiquei	Aguiinaldo Silva	1981
RJ/BF	Boca Negra	Faisca & Pandora	1981
RJ	Gayvota	*	1982

FONTES: Jornal Lampião
Jornal Mundo Gay
Revista Manchete
RJ/NIT — Niterói
RJ/CAM — Campos
RJ/BF — Baixada Fluminense

FONTE: Rita Colaço. Uma conversa informal sobre homossexualismo (1987)

Tanto no levantamento realizado por Rita Colaço quanto nas informações do *Lampião*, grande parte desses impressos resiste apenas nos relatos que dão conta da sua existência. Dos exemplares sobreviventes, grande parte encontra-se no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), acervo fundado em 1974:

O Arquivo foi criado com o propósito de preservar documentos relacionados à história da formação do proletariado no Brasil. Posteriormente, devido à recuperação e doação de uma variedade de documentos que perspectivavam os diversos movimentos sociais brasileiros a partir de seus diferentes vieses, o AEL se consolidou como referência de preservação da memória(s) dos movimentos feminista, lésbico, homossexual e travesti. Também, de um modo geral, das militâncias de esquerda atuantes no período da ditadura civil-militar brasileira.⁴³

⁴³ ZACCHI, Lara Lucena; BORGES, Luiz Augusto Possamai. Espaços de resistência: o Arquivo Edgard Leuenroth como um lugar de memória das sexualidades dissidentes no Brasil. In.: Revista

Entre os fundos documentais que integram o acervo do AEL estão documentos de ativistas e organizações como o Grupo Somos (SP), João Antônio Mascarenhas (RJ), grupo Outra Coisa Ação Homossexualista (SP), Paulo Ottoni (SP), Grupo de Ação Lésbica Feminista (SP), grupo Somos (RJ), grupo Triângulo Rosa (RJ), Grupo Gay da Bahia (BA), Adé Dúdú – Grupo de Negros Homossexuais (BA), Somos (MA), Grupo Dialogay (SE), Identidade Grupo de Luta pela Diversidade Sexual entre outros, predominantemente entre as décadas de 1970, 1980 e 1990.

Especificamente, no fundo documental Turma OK, doados por Agildo Bezerra Guimarães em 1995, estão depositados exemplares das publicações periódicas: *O Snob*, *Little Darling*, *Gente Gay*, *Aliança de Ativistas Homossexuais*, *Cary Press Magazine*, *O Vic*, *Gefuvário*, *O Grupo*, *The Blade*, *O Centauro*, *Mundo Gay*, *A Marreta*, *Foyer*, *Auê*, *O Pelicano*, *Tiraninho*, *La Saison*, *Le Feme* e *Eros*.⁴⁴

Para tornar perceptível as diferenças da função social de publicações, relacionando-as com os períodos no qual circularam e tendo como limites as possibilidades de acesso a esses impressos, foram analisados: o boletim de produção artesanal e circulação local *O Snob*, produzido no Rio de Janeiro entre 1963 e 1969, a Coluna do Meio veiculada no jornal Última Hora pelo jornalista Celso Curi entre 1976 e 1978, as revistas de circulação nacional *Jornal do Gay* (1978 a 1980) e *Journal Gay Internacional* (1980 e 1984) de São Paulo e a revista *Rose* produzida pela curitibana Grafipar de 1979 a 1983.

O jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) teve a análise mais demorada e cuidadosa em razão da sua relação com a emergência de um movimento brasileiro de homossexuais. Por fim, de maneira mais rápida foram apresentados os boletins produzidos por alguns desses grupos que integraram a primeira onda do MHB: *Chanacomchana* (GALF), *Suruba/ O Copo* (Somos-SP) e *Boletim da Facção Homossexual da CS*, os três de São Paulo. Antes, porém, foi esquematizado um conciso esquema metodológico para a análise dessas publicações periódicas.

Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 77-93, jul. 2020. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/06.-Lara-e-Luiz.pdf> Acesso em: 24 jul. 2023.

⁴⁴ ARQUIVO EDGARD LEUENROTH - IFCH - UNICAMP. Turma OK. Listagem Preliminar elaborada em 2002. Disponível em: https://ael.ifch.unicamp.br/pf-ael/2022-09/turma_ok_2.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

1.4. Esquema metodológico

Em se tratando de uma pesquisa feita “dos” e “por meio dos” periódicos, a necessidade de elaborar um esquema metodológico tornou-se indispensável. Seja na utilização da imprensa escrita como fonte ou como o próprio objeto de pesquisa, criar um roteiro, com os pontos a serem analisados, foi necessário. Dessa forma, aqui o objetivo é elaborar um esquema para análise desses periódicos tanto na forma quanto no conteúdo, esquema que auxilie nas reflexões e, por se tratarem de documentos de diferentes períodos, que dê parâmetros na identificação das continuidades e das discontinuidades desses impressos.

No livro *Fontes Históricas*, organizado por Carla Bassanezi Pinski, está um dos textos de referência quando debatemos a utilização dos periódicos como fonte para a pesquisa histórica: “História dos, nos e por meio dos periódicos” da historiadora Tânia Regina de Luca. A obra a autora traz “alguns aspectos metodológicos que têm guiado a utilização dessas fontes” num “esforço de sistematização de procedimentos e sugestões analíticas”⁴⁵.

Antes, porém, importante observar: grande parte dos textos localizados fazem referência a análise de jornais comerciais de grande circulação, nenhuma metodologia específica para análise de boletins artesanais de circulação restrita (como foi o caso de *O Snob*). Dessa forma, a proposta foi, a partir do texto de Luca e da leitura de pesquisas que utilizam a imprensa periódica como fonte, adequar os procedimentos de análise às realidades dessas publicações. Reforçamos que as leituras não tiveram a pretensão de fazer uma revisão bibliográfica ou estado da arte sobre metodologia para utilização de periódicos na história, trata-se uma leitura cuidadosa de textos sobre publicações, principalmente da imprensa alternativa/nanica, observando quais aspectos foram analisados nessas pesquisas, ou seja, as pesquisas realizadas auxiliaram tanto do ponto de vista bibliográfico como do ponto de vista metodológico.

Longe da pretensão de esgotar as possibilidades e potencialidades de análise de publicações periódicas, aqui desenharmos um esquema metodológico que procurará orientar as análises empreendidas no *Lampião da Esquina* como fonte principal e nas em textos que analisam publicações periódicas anteriores (*O Snob*) e contemporâneas (revista *Rose*) a ele. Na metodologia analisaremos a forma e o

⁴⁵ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 130-131.

conteúdo num primeiro momento a forma, ou seja, os aspectos materiais e como o conteúdo é apresentado para no segundo momento examinaremos o conteúdo em si tendo como foco, a atuação desses periódicos como agente político, ou seja, como esse jornal incidiu na vida de seus leitores.

Para balizar a construção, a metodologia foi dividida em perguntas: **o que** (objetivo), **por que** (motivo), **quem** (responsável/eis), **onde** (recorte espacial), **como** (processo), **quanto** (custo) e **quando** (recorte temporal) dessas publicações. Perguntas detalhadas e ampliadas para, em diálogo com textos de referência, auxiliam na orientação e coerência das análises

Acesso aos periódicos

A primeira questão que se coloca e que antecede esse exame, é o desafio da obtenção de um número de edições que forme uma série significativa da publicação pesquisada. que, apesar de em alguns casos o acesso a todas as edições ser tarefa difícil, dê conta da compreensão mais ampla, inclusive das mudanças - na forma e conteúdo - que acompanham esse tipo de fonte, uma vez que na maioria das vezes são coletivas com considerável espaço de tempo entre a primeira e a última edição⁴⁶.

Com a popularização de acervos digitalizados essa tarefa se tornou mais fácil a exemplo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional⁴⁷ e iniciativas mais modestas da digitalização e disponibilização online de jornais e revistas como o portal Memórias da Ditadura⁴⁸, uma realização do Instituto Vladimir Herzog, com um acervo da imprensa de resistência, mas quando o material em questão é, por exemplo, um boletim produzido de forma artesanal com circulação local, localizar e reunir uma série significativa é um grande desafio.

Seguindo esse tópico, tendo a publicação periódica “em mãos” é relevante compreender como se deu a preservação e a disponibilização para o acesso a esse documento, uma espécie de história arquivística. Ele foi preservado, por quem e por quê? Se o acesso se deu às edições físicas, isso ocorreu em quais condições?

⁴⁶ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 141.

⁴⁷ “A Fundação Biblioteca Nacional oferece aos seus usuários a HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA, portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta, pela internet, ao seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins etc. – e de publicações seriadas.” Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em 10 jul. 2023.

⁴⁸ “Este acervo que o Instituto Vladimir Herzog (IVH) oferece em seu site é uma amostra do que foi a Imprensa Alternativa durante o período da ditadura militar no Brasil. O levantamento teve como base os acervos do Centro de Documentação de Lucae Memória (Cedem) da Universidade Estadual Paulista (Unesp).” Disponível em: <https://acervo.memoriasdaditadura.org.br/> Acesso em 10 jul. 2023.

Quando falamos de documentos digitalizados, esse processo envolve uma série de processos e técnicas, ou seja, essa digitalização ocorreu com quais recursos e qual a motivação da escolha desse periódico em detrimento de muitos outros?

O que?

Acessada publicação periódica, a primeira pergunta a ser respondida é **o que** estamos analisando? Aqui cabe um apontamento que também contribui nas reflexões acerca das publicações periódicas propostas nessa pesquisa: apesar da aparente facilidade na distinção, qual a diferença entre jornal, revista, boletim, folhetim e outras categorias de publicações periódicas?

Tânia Regina de Luca traz uma rápida caracterização: “As definições hoje correntes, que reservam o termo *jornal* a publicação diária, em folhas separadas, e *revista* para as de periodicidade mais espaçada, enfeixadas por uma capa e com maior diversidade temática.”⁴⁹. Tendo essa classificação como base, mas fugindo de categorizações generalizantes e abstratas, a autora indica a importância de observar as funções auto atribuídas pelo periódico, ou seja, como os responsáveis pela criação e publicação de determinado conteúdo o pensaram e denominaram. Ainda sobre esse aspecto, em algumas publicações (como o *Lampião da Esquina*) é possível observar a recepção da publicação pelo leitor por meio das cartas. O periódico promovia a interação com os leitores? Essas cartas foram publicadas? Respondidas? Não é incomum que jornais e revistas publiquem cartas dos leitores, mas quando analisamos esse material devemos ter em mente que dentre as cartas recebidas na redação do jornal, aquelas que foram publicadas passaram por uma seleção e essas escolhas nada tem de isentas/ inocentes.

Ainda, ao analisar as características contextuais da fonte, segundo a autora devemos identificar a função social do impresso por que (por exemplo, jornais de circulação diária comercializados em bancas de revista tem uma função/ objetivo diferente de um jornal de militância operária), como o impresso chega às mãos dos leitores, quem são esses leitores (público alvo), relações que manteve – ou não – com o mercado e a presença ou ausência de publicidade, devem ser observados nessa caracterização da publicação periódica.

Por quê?

⁴⁹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 131.

O segundo aspecto a ser observado no nosso esquema é o motivo - **por que** - de uma publicação periódica ser produzida. Por que as revistas e jornais existem, abrem e fecham? Quais as ambições/ intenções dos editores? O que levou uma pessoa ou um grupo de pessoas a se dedicar a um empreendimento gráfico? Quanto maior o número de páginas, tiragem e área coberta pela distribuição/ comercialização de um periódico, maior e mais complexa a estrutura para torná-la viável. Desde a produção dos conteúdos, passando pela diagramação, impressão, distribuição, ou seja, todas essas etapas de produção e circulação são custosas e exigem pessoas, muitas delas especializadas, envolvidas.

Produzir e fazer chegar ao leitor uma mensagem construída a partir de textos e imagens pode envolver diversos interesses que se sobrepõem e são muitas vezes conflitivos, do ideológico ao mercadológico. Um jornal ou revista é um empreendimento que, tendo custos elevados envolvidos no seu feito, reforçam a necessidade de perceber a motivação da iniciativa. Quando pensamos em um veículo da imprensa alternativa/ nanica, a busca da motivação torna-se ainda mais fundamental.

Quem?

O terceiro aspecto é um prolongamento do anterior, faz referência às pessoas envolvidas na produção do periódico, ou seja, **quem** fez? Partindo de reflexões do historiador Jean-François Sirinelli sobre o periódico como lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, Tânia Regina de Luca declara assertivamente o lugar do coletivo nesses empreendimentos: “De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, que os torna projetos coletivos, que agregam pessoas em torno de ideias , crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.”⁵⁰. Nesse sentido, a autora aponta para a importância da cuidadosa identificação dos responsáveis por estabelecer a linha editorial, principais colaboradores/ pessoas que publicaram com mais frequência (colunistas, entrevistados, colaboradores) e textos programáticos do periódico analisado, como os editoriais.

Quando tratamos a imprensa alternativa, não é incomum que os idealizadores sejam as mesmas pessoas envolvidas na realização do projeto, ou seja, são as mesmas que escolhem e produzem os conteúdos. Porém, é preciso ter em mente

⁵⁰ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 140.

que nem sempre é este o caso, muitas vezes as pessoas que participam do processo de produção não são as mesmas que financiam o periódico, e apesar disso, essa pessoa ou grupo pode interferir no conteúdo que foi publicado (linha editorial) do periódico.

Onde?

O **onde** (recorte espacial) da investigação com periódicos pode ser destrinchar em vários: o periódico teve sede? A redação era realizada no mesmo local? A publicação tinha escritórios/ sucursais ou até mesmo correspondentes e colaboradores em outros locais? Qual o alcance do periódico e como era feita a distribuição/ circulação? Onde era realizada a diagramação e impressão? Qual a relação das pessoas responsáveis pela linha editorial e pela produção dos conteúdos com o território abordado?

Quando?

Quanto ao período de circulação - **quando** - podemos encontrar essa informação de maneira mais fácil, pois geralmente as edições são numeradas e trazem na capa ou no expediente a data, mês ou período de publicação. A periodicidade, ou o intervalo entre uma edição e outra também pode ser identificada de maneira fácil, geralmente num primeiro contato com o documento. O período que antecede a publicação é mais complicado de ser localizado, ou seja, se temos informações que deem conta do tempo que levou entre o projeto e a concretização do periódico?

Como (processo)? Materialidade tanto em relação ao processo de produção quanto às características físicas. De acordo com Luca, o primeiro aspecto a ser observado quando são utilizadas publicações periódicas como fonte são os **aspectos materiais** como formatos, tipos de papel, qualidade da impressão, cores, utilização ou não de imagens/ ilustrações, número de páginas, divisão interna dos conteúdos (seções). Esses aspectos podem ser percebidos imediatamente durante a manipulação do periódico e carregam em si informações quanto a técnica e recursos de impressão que puderam ser acessados pelos responsáveis pela publicação periódica. Outro aspecto referente à materialidade é a tiragem, ou seja, o número de exemplares disponibilizados e o que o número de exemplares impressos significa?

Segundo De Luca, além do conteúdo em si, devemos considerar como ele está disposto, observando o destaque dado ao acontecimento, à linguagem

utilizada, a escolha do título, “os discursos adquirem significado de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam”⁵¹.

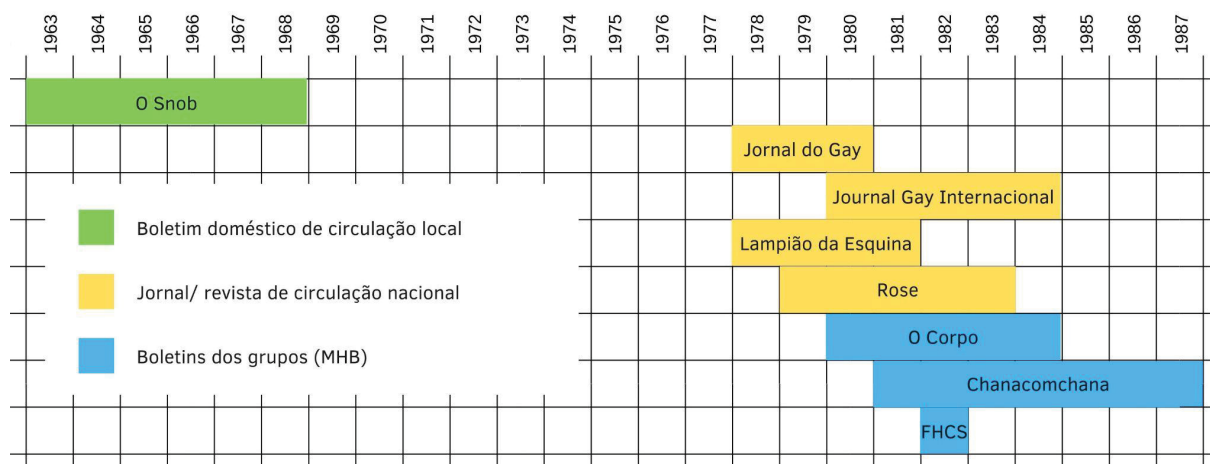
Quanto?

Outro aspecto a ser observado diz respeito ao custo - **quanto?** - de produção e comercialização do periódico. Antes mesmo de chegar na mão do leitor, concretizar o projeto de publicar um jornal, revista ou boletim tem um custo e, dependendo do número de páginas, uso de imagens, da tiragem e do alcance (distribuição), esse custo pode ser bem elevado. Relacionando-se com o ponto anterior, como financeiramente a produção e publicação de um periódico foi possível, ou seja, qual a origem dos recursos empregados inicialmente - ou não - para tornar o empreendimento possível? Segundo, como a publicação era mantida, por meio de anúncios, assinaturas, vendas diretas? Se comercializada, quanto custava para os leitores adquirirem o periódico.

1.5. Imprensa homossexual: publicações

Como indicado anteriormente, serão analisadas, ainda que de maneira breve, publicações periódicas anteriores, contemporâneas e posteriores ao jornal *Lampião da Esquina*. Na imagem abaixo (FIGURA 05) essas publicações estão colocadas numa linha do tempo e no mapa, possibilitando perceber sua distribuição no tempo e no espaço.

FIGURA 05 - LINHA DO TEMPO E LOCALIZAÇÃO DE PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS PERIÓDICOS ANALISADOS



⁵¹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 140.



FONTE: do autor

1.5.1. O *Snob*

Dada a impossibilidade de acesso às edições originais, disponíveis no acervo do Edgard Leuerth da Universidade Estadual de Campinas (AEL/ UNICAMP), as informações sobre o boletim *O Snob* foram extraídas do livro “Imprensa Gay no Brasil”⁵², de Flávia Péret, do artigo “Sociabilidade homoerótica e relações Identitárias: o caso do jornal *O Snob* (Rio de Janeiro, década de 1960)” do pesquisador Rogério da Silva Martins da Costa e do *Lampião da Esquina*.

Com um total de 100 edições, incluídos dois extras e um especial, o boletim *O Snob* circulou no Rio de Janeiro entre 1963 e 1969. De produção artesanal, inicialmente o boletim circulava internamente nos grupos de amigos, mas, foi posteriormente disponibilizado nos pontos de encontro e locais de sociabilidade frequentados por homossexuais da região central e zona sul do Rio de Janeiro.

⁵² PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil: Entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011, p. 19-28.

De produção doméstica, mimeografado em papel ofício, veiculava fofocas, informações sobre locais de encontros sexuais, notícias de pessoas da rede e parcerias amorosas. Cinema, teatro e poesia também eram alvo de comentários e troças, bem como o que lhe deu origem: relatos de festas e concursos.⁵³

O nome - O *Snob* teria sido inspirado por um letreiro de uma galeria de antiguidades, periodicidade variou no decorrer das suas edições - semanal, quinzenal e mensal - e o conteúdo interno era dividido em:

[...] colunas regionais, que abordam assuntos referentes às respectivas regiões, em diálogo com a “matriz”; as colunas de fofocas e sociais; as crônicas e contos e, principalmente, a coluna do Pantera, com fofocas “bichais” e “entendidas”, além de histórias fictícias (denominadas série), cujos personagens eram os participantes da rede. Pantera introduziu em sua coluna o debate sobre os comportamentos sexuais dos componentes da rede, que hoje pode ser entendido sob a perspectiva das identidades de gênero, a partir de confrontos com outros colonistas e em textos originais versando sobre o cotidiano da rede.

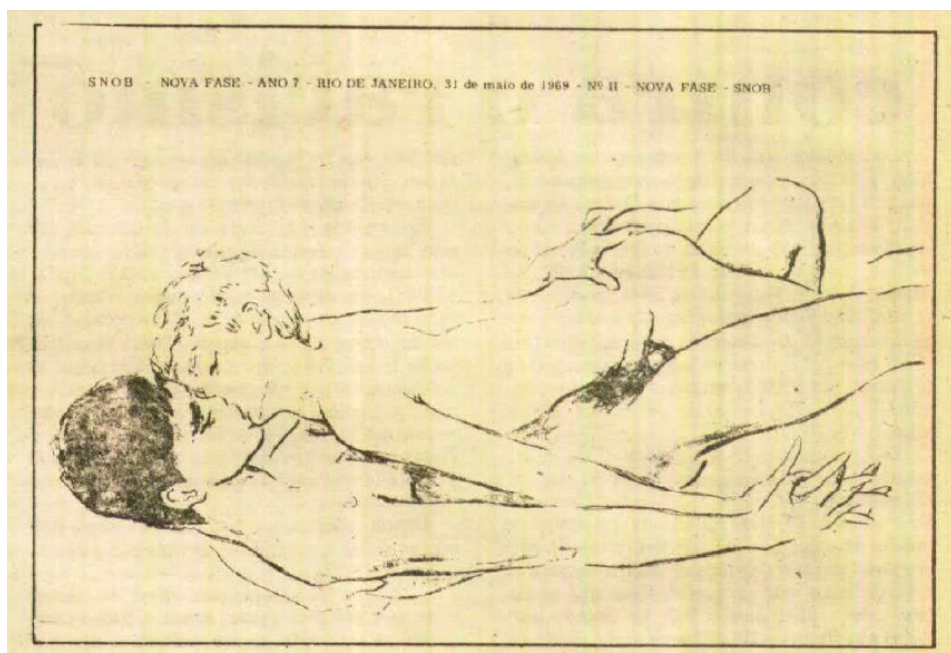
A criação de O *Snob* por Agildo Guimarães está relacionada às turmas, suas festas e concursos.

Antes de O *Snob*, pelo menos dois jornais de temática homossexual circularam na cidade do Rio de Janeiro: O Taradinho produzido pela Turma OK e editado por Itamar em 1961 e o Glamour. Ambos se fundiram em 1963, dando origem à A Terceira Força, que noticiava as atividades da Turma OK.

Diferença importante entre O *Snob* e A Terceira Força é que o primeiro circulava em circuito público, sendo oferecido em locais de sociabilidade homoerótica; o outro era “privado”, de circulação interna, com o objetivo específico de divulgar notícias relevantes para a Turma OK, em cujas reuniões era lido. Às vezes, exemplar único circulava entre as pessoas.

⁵³ COSTA, Rogério da Silva Martins da. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal O *Snob* (Rio de Janeiro, década de 1960). Revista Tempo e Argumento, vol. 2, núm. 2. Florianópolis, 2010, p. 68. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3381/338130373005/html/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FIGURA 06 - O SNOB. Nº 11, ANO 7. 31 DE MAIO DE 1968



FONTE: Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 6, nº 28, set. 1980

1.5.2. Jornal do Gay e Journal Gay Internacional

Lançado em 1978 na cidade de São Paulo, o Jornal do Gay - NOTICIÁRIO DO MUNDO ENTENDIDO foi o “órgão oficial do Círculo Corydon”. Sobre o grupo responsável pela publicação, a edição de nº 7, traz uma página descrevendo-o: intitulado CÍRCULO CORYDON com o lema “A Grande Família Gay Brasileira”, o documento traz informações sobre a história, o nome e funcionamento:

FINALIDADES - OBJETIVO

O Círculo Corydon foi fundado em 1.º de março de 1978. Essa entidade filantrópica e cultural foi criada por um grupo de gays brasileiros para orientar e informar os gays de ambos os sexos. Visa também esclarecer todos os aspectos da sexualidade humana, em seu relacionamento com outros aspectos da vida, dedicando-se especialmente ao homossexualismo.

HISTÓRICO

Corydon, na mitologia grega, era o nome de um belíssimo pastor, a quem os poetas dedicavam sonetos e odes. Corydon é também o título de uma das melhores obras de André Gide, um dos precursores modernos a falar sinceramente sobre a homossexualidade.

A filosofia do Círculo Corydon baseia-se na mitologia do Andrógino Universal.

Para os antigos, o andrógino representava o deus supremo, pois era ao mesmo tempo homem e mulher, isto é, trazia em sua unidade os dois polos da natureza procriadora. Era o ser total. O andrógino foi

mais tarde conhecido entre os gregos pelo nome de hermafrodita, o que quer dizer: filho de Hermes e Afrodite. O termo Andrógino também se origina de duas palavras gregas, andros (homem) e gine (mulher).

O documento prossegue explicando o emblema utilizado para identificar o grupo:

SIMBOLOGIA

Para compreender o símbolo do andrógino Universal é necessário, antes de mais nada, familiarizar-se com os dois símbolos do sexo. Em todas as filosofias e religiões antigas, a cruz (+) é o símbolo do macho e o círculo (O) o da fêmea. Na representação do bissexual, o círculo e a cruz combinam-se, esta dentro daquele.⁵⁴

Esse emblema foi eleito pelo Círculo Corydon como a bandeira para simbolizar a emancipação gay brasileira. Na nota que noticia a escolha, também é possível encontrar mais detalhes sobre essa simbologia:

BANDEIRA GAY

Em reunião oficial, realizada na tarde de 14 de junho, os dirigentes do Círculo Corydon votaram pela eleição de uma bandeira que simbolizasse a emancipação do gay brasileiro. Quase por unanimidade foi eleito o emblema do Círculo Corydon para centralizá-la. Desse modo, a Nossa Bandeira terá o símbolo do andrógino - a cruz masculina, dentro do círculo feminino - bordado em azul dentro de um campo branco.

O azul, que representa a pureza, sobre o branco, que significa a paz, caracteriza os ideais de amor, fraternidade e união propostos pelo Círculo Corydon.⁵⁵

FIGURA 07 - EMBLEMA DO CÍRCULO CORYDON (BANDEIRA DA EMANCIPAÇÃO GAY)



FONTE: Acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

⁵⁴ CÍRCULO CORYDON: a grande família gay brasileira. Jornal do Gay. São Paulo, nº 7, 1980, p. 19.

⁵⁵ BANDEIRA GAY. Jornal do Gay. São Paulo, nº 5, 1980, p. 19.

Voltando aos aspectos do Jornal do Gay, apesar do nome, a publicação se caracterizava como uma revista por ser publicação periódica com capa e páginas fixadas e unidas por grampo. As três edições completas acessadas nesta pesquisa estão identificadas apenas com o ano (nº 4 - 1979, nº 5 sem data, nº 7 - 1980). As edições nº 4 e 5 têm dimensões menores, com 16 x 23 cm, e a nº 7 mede 21,5 x 29,5. O número de páginas varia entre 32 e 28 (edição nº 4 e 5, respectivamente) e 20 na edição maior (nº 7).

FIGURA 08 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 4 DO JORNAL DO GAY (1979)



FONTE: Acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

De publicação mensal com sede e administração em São Paulo (SP), impressão na Indústria Gráfica Veneza Ltda. (Rua Stefano, 131, São Paulo - SP), o expediente traz o grupo responsável:

EDITOR E DIRETOR
 Antônio Massaro Kiriara
EDITOR CHEFE
 Daniel Franco
COLABORADORES

Pauline Paulette
 Fernando Moreno
 Agildo B. Guimarães
 José Carlos Cioni
JORNALISTA RESPONSÁVEL
 Jaime Iwashita Kameyanna
 Registro Profissional 1.108
REDATOR
 Italo Bruno
SECRETÁRIO GERAL
 José Carlos Ciemente
ARTE
 Akira Hirata⁵⁶

A 7ª edição traz uma significativa diminuição nos nomes que compõem o expediente, mantido o editor e diretor Antônio Massaro Kirihara, todos demais nomes desapareceram, passando a constar os redatores: Luis Henrique Machado - RJ, Carlos Roberto Arruda - SP, Aristides Penaforte - MG e Maurício Weber - RS.

Seu conteúdo incluía artigos, depoimentos, divulgação de outras publicações (livros, revistas e jornais), cartuns de humor, cartas de leitores e depoimentos, notícias nacionais e internacionais, poemas, roteiro com lugares de sociabilidade (principalmente do Rio e São Paulo) e ocupando algumas páginas fotos de nus masculinos. A divisão de seções é muito similar ao jornal *Lampião da Esquina*, como veremos a seguir: notas internacionais, notas do Círculo Corydon, saúde e higiene, anúncios classificados, gay world at night, imprensa gay internacional, roteiro gay, turismo gay.

Sobre a linguagem empregada destaca-se o uso da palavra inglesa “gay” no nome do periódico, algo pouco comum no período. Esse uso, associado ao subtítulo “noticiário do mundo entendido” reforça a emergência dessa identidade no final da década de 1970 e início do 1980:

Este modelo de identidade dominou a hegemonia da representação sobre a homossexualidade no final dos anos 70 e nos anos 80, o que possibilitou, a formação de uma subcultura gay nos grandes centros urbanos, [...]. A formação dessa identidade abstrata essencialista está associada a tentativa de formação de uma comunidade gay internacional que conferisse legitimidade as práticas homossexuais. A busca em estabelecer uma cultura homossexual comum ao redor do mundo está presente tanto nos subtítulos da publicação como no elevado número de matérias sobre a cultura e a história de personagens de gays ao redor do mundo.⁵⁷

⁵⁶ EXPEDIENTE. Jornal do Gay. São Paulo, nº 4, 1979, p. 2.

⁵⁷ CORDÃO, Vinicius Ferreira Ribeiro. A imprensa gay do Círculo Corydon em prol da cidadania homossexual. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2593-1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023

A identidade entendida e gay reforçadas pela publicação vem acompanhada da negação de termos considerados pejorativos, como viado. Uma nota manifesto publicada na edição nº 7 chama a atenção:

VIADO, NÃO!

Como temos recebido centenas de cartas de gays pedindo para que se publique um manifesto conta as pessoas que utilizam o termo VIADO para identificá-los, resolvemos aderir a esse Manifesto, e exigimos a todos os heteros que nos expliquem o porquê do emprego da palavra VIADO (que nos parece pejorativa) para identificar-nos.

Por favor nos digam: A origem desse horrível termo.

- Quem a aplicou pela primeira vez dirigindo-a a um gay.
- O que ela quer dizer a vocês.
- E se quem a inventou ainda está vivo.

Fica levantada a questão.

A partir desta data, nós homossexuais brasileiros, proibimos taxativamente o emprego deste termo pejorativo e indefinido.

Pedimos a todos os gays ou simpatizantes a essa reivindicação, que nos escrevam enviando seus pareceres.⁵⁸

A publicação era custeada pela comercialização (Cr\$ 25 nas edições 4, 5 e Cr\$ 30 na nº 7), assinatura anual (Cr\$ 300 com direito a 12 edições), comercialização de livros e alguns anúncios de bares, boates, saunas em sua maioria localizados na capital de São Paulo. Outra forma de captar recursos foi a cobrança de taxa de associação ao Círculo Corydom que cobrava o pagamento de taxa anual (Cr\$ 400,00). Segundo a mesma edição, o Círculo Corydon contava com cerca de 10.000 associados em todo o Brasil, participava das atividades de “52 organizações gays mundiais” e é “filiado à IGA (Internacional Gay Association) de Dublin” capital da Irlanda.

Além do Jornal do Gay enquanto “órgão oficial do Círculo Corydon”, os associados tinham, segundo divulgação própria, uma série de benefícios:

Clube Mundial de Correspondência Gay - Mantemos correspondências com irmãos e irmãs em vários países do mundo. **Departamento Fotográfico Corydon** - Envia aos interessados, mediante prévia solicitação, as mais belas fotos de nus artísticos masculinos. **Corydon Tur** - São organizados, para os gays, excursões e passeios. **Clube de Cinema Gay** - São exibidos, aos associados, filmes com temas gays. **Central Gay de Informações** - Mediante circulares periódicas, informa aos associados sobre os principais acontecimentos gays mundiais. **Livraria Corydon** - Oferece aos interessados a mais importante literatura ou modernos tratados sobre o homossexualismo. **Departamento de Relações Humanas** - Aconselha, orienta e valoriza os gays. **Central Brasileira de Arte**

⁵⁸ VIADO, NÃO! Jornal do Gay. São Paulo, nº 7, 1980, p. 16.

Gay (CEBAG) - Vai reunir os trabalhos de artistas gays, em exposições periódicas. **Intercâmbio de Hospitalidade Gay** - Gays de diferentes cidades trocam hospitalidade entre si. **SAG** - Serviço de Acompanhante Gay - Somente para associados.⁵⁹

Sem dúvidas, dos serviços e benefícios disponíveis aos associados do Círculo Corydon, o que mais chama a atenção é o GAY CREDI-CARD, segundo a divulgação: “Os associados do Círculo Corydon recebem um Cartão de Crédito que lhes garante amável e vantajoso atendimento em estabelecimentos gays, previamente indicados numa Circular que o Círculo envia periodicamente aos associados.”

Curiosamente, no mesmo período da edição nº 7, em torno de março de 1980, surge uma publicação praticamente igual em forma e conteúdo, o *Journal Gay Internacional* (FIGURA 09). Com a edição de nº 1 datada como fevereiro de 1980. A falta de mais edições e informações impossibilita afirmar que o Journal Gay Internacional deu sequência ao Jornal do Gay, mas é possível concluir que foi o resultado de uma ruptura com a saída de diversos integrantes que criaram esse novo empreendimento.

Mudou também o nome do grupo responsável pela elaboração da publicação, passando a ser uma “Publicação mensal da Liga Eloinista”. Sobre a ruptura, uma declaração de página inteira anuncia que desde 9 de dezembro de 1979 o grupo subscrito (Daniel Franco, Italo Bruno, Antônio Emílio T. Borges, Pedro Rocha Nogueira, Marlene W. Vieira e José Carlos Clemente) perde a ligação com o Jornal do Gay, Gay News, Gay Magazine, Círculo Corydon, Departamento Fotográfico Corydon, Corydon Tur ou outro empreendimento que incluía o nome de Antônio Massaro Kirihara sem responsabilidade com qualquer compromisso ou dívida de ordem pessoal ou com os empreendimentos a ele ligados, e prossegue desautorizando e publicizando que Massaro não pode falar em nome, realizar transações. A motivação é a discordância da ideologia filosófica e jornalística de Massaro, finalizando o anúncio com o registro de protesto contra o comportamento social do diretor e diretor do Jornal do Gay.

O Journal Gay Internacional tem as mesmas dimensões (16 x 22,5 cm.) e praticamente a mesma diagramação, elementos visuais na capa e na divisão e

⁵⁹ CÍRCULO CORYDON: a grande família gay brasileira. Jornal do Gay. São Paulo, nº 7, 1980, p. 19.

apresentação do conteúdo⁶⁰. As páginas centrais com fotos de nus masculinos também continuam. Sobre os “coraçõezinhos” com os quais os modelos são “vestidos”, ou seja, são utilizados para cobrir o pênis, a edição de nº 2 (1980) esclarece que “apenas se liberou o nu frontal feminino, os homens conservam ainda as folhas de parreira das pinturas renascentistas. (Ainda!).”⁶¹

FIGURA 09 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 1 DO JOURNAL GAY INTERNACIONAL (1979)



FONTE: Acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

Um ponto chama atenção: o aumento significativo de reportagens sobre temas políticos, inclusive referentes ao movimento homossexual brasileiro, como, por exemplo, a reportagem “O xá do Irã é gay” (edição nº 1), sobre o 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais, e o quadro “Elenco de Grupos Gays Brasileiros” (edição nº 2), “Novos Grupo Gays” (edição nº 3) e “Magnus Hirschfeld, um pioneiro

⁶⁰ Foram pesquisadas as edições existentes no acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade: nº 1 (fev. 1980), 2 (1980), 3 e 5 (identificados na capa apenas como Ano I). Com nova diagramação os nº 11 (outubro/ novembro de 1983) e 12 (janeiro de 1984)

⁶¹ EMÍLIO, Antônio, MENSAGEM DO EDITOR, Journal Gay Internacional. São Paulo, nº 2, 1980, p. 2.

da emancipação gay” (edição nº 5). A última, assinada “Luiz Fernando Tofanelli, pesquisas.” traz a trajetória do ativista Hirschfeld durante o regime nazista:

Magnus Hirschfeld nasceu em 1868 (de origem judaica) e morreu em 1935, provavelmente em consequência da perseguição nazista. Formou-se médico, logo se interessando por assuntos referentes ao sexo. Especializou-se em sexologia, principalmente em assuntos que tratavam de desvios sexuais. Lutou em Berlim contra o nazismo e a perseguição jurídica aos homossexuais. [...] ⁶²

Não é possível identificar a partir de qual edição a diagramação, identidade visual e grafia do nome do jornal mudou, de “journal” para “jornal”. Nas edições consultadas para essa pesquisa, a partir da edição nº 11 (outubro e novembro de 1983) a diagramação tem uma apresentação mais moderna e com dimensões ligeiramente menores (13,5 x 20,5 cm.).

FIGURA 10 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 11 DO JORNAL GAY INTERNACIONAL (OUT./NOV. 83)



FONTE: Acervo o Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

⁶² TOFANELLI, Luiz Fernando. MAGNUS HIRSCHFELD, UM PIONEIRO DA EMANCIPAÇÃO GAY. Journal Gay Internacional. São Paulo: Editora e Gráfica Polar, 1980, p. 7.

No conteúdo percebe-se uma maior quantidade de anúncios publicitários (FIGURA 11) inclusive com a presença de divulgação de espaços fora do eixo Rio-São Paulo.

FIGURA 11 - DIVULGAÇÃO DE CASA NOTURNA GAY PASSPORT EM CURITIBA - PR



FONTE: Journal Gay Internacional. São Paulo, nº 2, 1980, p. 13 (Acervo: Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade)

Comparados os valores de comercialização dessas publicações percebemos que o preço não era tão diferente, a edição nº 1 do Journal do Gay e o nº 21 do *Lampião da Esquina*, ambos de fevereiro de 1980, foram vendidos por Cr\$ 30,00 (para São Paulo e Cr\$ 35,00 outros estados) e Cr\$ 25,00, respectivamente. Nesse período o salário mínimo vigente era de Cr\$ 2.932,80, ou seja, essas publicações custavam em torno de 1% do salário mínimo.

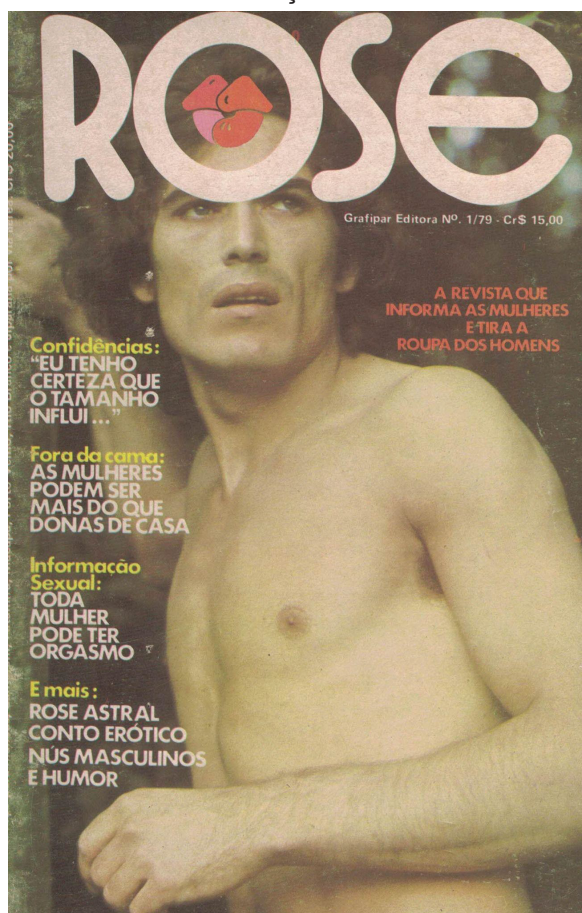
O Journal do Gay e Journal Gay Internacional exigiria em si pesquisa mais aprofundada, o que demandaria o acesso a mais edições e aprofundamento na pesquisa sobre os envolvidos na sua produção. Por hora nos interessa observar que mesmo sendo publicado contemporânea ao *Lampião da Esquina*, esse periódico não teve a mesma atenção pela literatura que aborda a imprensa alternativa homossexual do período.

1.5.3. Rose

Outra publicação contemporânea ao *Lampião* que merece destaque é a revista *Rose*, publicação da curitibana Grafipar - Gráfica Editora Ltda. A revista publicada entre março de 1979 e fevereiro de 1983 chama a atenção, pois, apesar de ser originalmente direcionada ao público feminino (com o slogan “a revista que

informa as mulheres e tira a roupa dos homens”) trouxe desde a primeira edição, na seção “Encontro”, uma sub seção chamada “gay corner” com anúncios para troca de correspondências entre gays e lésbicas.

FIGURA 12 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 1 DA REVISTA ROSE



FONTE: Acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

Com dimensões reduzidas (13,5 x 20,5 cm), número de páginas que variou entre 35 e 45, no decorrer das suas 81 edições a *Rose* foi gradativamente dando espaço ao público homossexual masculino, notadamente a partir da edição 50:

A partir do exemplar de número 50 (agosto de 1981) seu foco de atenção é deslocado para informações do universo homossexual da época. Entrevistas com personalidades gays, fofocas, informações sobre o movimento homossexual, indicações de casas noturnas, saunas, cinemas destinado a encontros fortuitos entre homens, publicação de livros versando sobre a temática homossexual... são noticiados nesse espaço. p. 40

A *Rose* era dividida em diversas seções: contos eróticos, inclusive por meio da realização de concursos, horóscopo, divulgação de locais de sociabilidade, textos informativos, mas destaca-se a interação com seus leitores “É importante mencionar

que a principal característica apresentada por Rose era a interação que estabelecia com os/as leitores/as através das cartas que estes/as enviavam às suas seções – sobretudo, Informação Sexual e Confidências [...] ⁶³.

Mesmo focando em temas amenos, a *Rose* publicou conteúdos sobre política como, por exemplo, o texto “Abaixo o uso de homossexuais para fins eleitoreiros!” e na mesma edição nº 60 um trecho do “[...] manifesto lançado à Nação pelo grupo SOMOS, de São Paulo, em vigorosa defesa da marginalidade a que muitos homens da ciência (mesmo que sinceros, embora mal-informados sobre o problema) têm colocado os gueis.” ⁶⁴. Na sequência, a revista disponibiliza a caixa postal para contato com o grupo.

A primeira edição da *Rose* trazia o slogan “A REVISTA QUE INFORMA AS MULHERES E TIRA A ROUPA DOS HOMENS” e por diversos números teve a seção “Informação Sexual” com reportagens sobre temas sexualidade, feminismo, direito ao prazer, entre outros, com reportagens como “Abortos: prós e contras” (ed. 22), “Ninguém é sexualmente anormal” (ed. 51), a seção “encontro” e “encontro guei” com a divulgação do perfil enviado por leitores que estavam em busca de relacionamento ou de parceiros/ as sexuais, similar aos modernos aplicativos de relacionamento e a seção “de cabo a rabo” com a publicação da “DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS” (ed. 64) reproduzida de um panfleto da IGA (International Gay Association).

A já citada obra “Imprensa Gay no Brasil” de Flávia Péret e outra obra de referência, “Jornalistas e revolucionário: nos tempos da imprensa alternativa” de Bernardo Kucisnki não fazem alusão à revista *Rose*. Os pesquisadores José Carlos Fernandes e Agnes Amaral, discorrendo sobre o lugar difícil ocupado pela revista na história da imprensa alternativa, asseveram:

Os motivos do banimento da *Grafipar* podem parecer óbvios – a baixa voltagem política e o alto teor erótico, somado a ter sede fora do eixo. Acrescente-se o fato de que pesquisar essas revistas é uma tarefa inglória. A família El Khatib não formou uma coleção. Não há exemplares das mais de 40 “revistinhas” na Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, cuja administração, em algum momento, considerou o arquivamento impróprio (FERNANDES, 2015). Tampouco o acervo pode ser encontrado na Divisão de

⁶³ LOPES, Charles Roberto Ross. Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto : produção de masculinidades homossexuais na Revista *Rose* (Brasil, 1979-1983). Porto Alegre, 2011, p. 42 e 43

⁶⁴ *Rose* nº 60. Curitiba: Grafipar - Gráfica Editora Ltda, 1982, p. 4

Periódicos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Em tese, as publicações nunca foram enviadas para lá.⁶⁵

1.5.4. Coluna do Meio

Apenas para citar brevemente um exemplo de outro canal de veiculação de informações sobre as homossexualidades dentro de veículos da grande imprensa, antes da circulação do jornal *Lampião da Esquina* foram veiculadas colunas sobre homossexualidade em jornais da imprensa tradicional como a *Coluna do Meio* protagonizada pelo jornalista Celso Curi entre fevereiro de 1976 até 1978 no jornal A Última Hora, de São Paulo.

Uma coluna de cunho informativo, social e burlesco. O nome, com muito humor, foi emprestado da loteria esportiva: Coluna do Meio. Seu autor, um jovem jornalista chamado Celso Curi, brincava com personagens de criação própria, contava piadas, noticiava acontecimentos sociais ou não e publicava um Correio Elegante. Uma particularidade, entretanto, tornava a Coluna um fato inusitado na imprensa brasileira: era dirigida aos homossexuais. [...] ⁶⁶

FIGURA 13 - COLUNA DO MEIO DE CELSO CURÍ NO JORNAL ÚLTIMA HORA



FONTE: Acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

⁶⁵ FERNANDES, J. C.; AMARAL, A. do. Grafipar Edições: uma reação erótica à ditadura militar. Revista Internacional de Folkcomunicação, [S. l.], v. 19, n. 42, p. 173–193, 2021. DOI: 10.5212/RIF.v.19.i42.0009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19299>. Acesso em: 25 ago. 2023.

⁶⁶ TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi? *Lampião*. Rio de Janeiro, p. 6, n. 0, abril de 1978 (Reportagem).

2. CAPÍTULO - O JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA*

2.1. História do documento

Em janeiro de 1993 durante a visita do casal David Harrad e Toni Reis, fundadores do Grupo Dignidade - organização não governamental de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas intersexo (LGBTI+) fundada em Curitiba em 14 de março de 1992 - ao também ativista João Antônio Mascarenhas em seu apartamento no Rio de Janeiro, receberam das mãos de um amigo de Mascarenhas a coleção com as edições do jornal *Lampião da Esquina*⁶⁷. Os jornais ficaram guardados e passaram a fazer parte do acervo do Centro de Documentação Prof. dr. Luiz Mott (Cedoc LGBTI+) após sua inauguração em 14 de dezembro de 2007 na sede do Grupo Dignidade.

Por meio da parceria com outra organização LGBTI+ curitibana, a Associação Paranaense da Parada da Diversidade (APPAD) e convênio com o Ministério da Cultura, em 09 de abril de 2010 foram lançadas as edições online do *Lampião da Esquina*, fruto do projeto que restaurou (planificação das páginas, desacidificação do papel e recomposição de rasgos), digitalizou (em alta resolução no formato PDF pesquisável) e disponibilizou online os originais do *Lampião da Esquina*. Esse projeto facilitou o acesso ao jornal, contribuiu para o aumento das pesquisas sobre as homossexualidades no final da década de 1970 e início de 1980 e primórdios do movimento homossexual brasileiro (MHB), contemporaneamente chamado de movimento LGBTI+. Nas palavras da ativista e pesquisadora Rita Colaço: “É simplesmente indizível o significado desse gesto, seja para a comunidade mundial de pesquisadores, seja para os militantes interessados pela sua história.”⁶⁸

O projeto faz parte do esforço de preservação e difusão da história, memória e cultura LGBTI+ com a criação do Centro de Documentação Profº Dr. Luiz Mott (Cedoc LGBTI+) inaugurado em 14 de dezembro de 2007 dentro da estrutura do Grupo Dignidade.

Em 2016 a produtora de audiovisual Doctela lançou, com a direção de Lívia Perez, o documentário⁶⁹ que leva o mesmo nome do jornal - *Lampião da Esquina* -

⁶⁷ Acervo foi digitalizado e disponibilizado no site. Disponível em <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/> Acesso em 15 dez. 2021.

⁶⁸ COLAÇO, Rita. Os Acervos Históricos e a Parca Cultura de sua Preservação. Disponível em: <https://memoriамhb.blogspot.com/> Acesso em 15 dez. 2021.

⁶⁹ O documentário *Lampião da Esquina* completo está disponível pelo serviço de streaming Looke em: <https://www.looke.com.br/>

realizado por meio de entrevistas com editores e colaboradores: Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan, Ney Matogrosso, Luiz Carlos Lacerda, Glauco Mattoso, Celso Curi, Laerte Coutinho, Antônio Carlos Moreira, Peter Fry, João Carlos Rodrigues, Alceste Pinheiro, Winston Leyland, Dolores Rodrigues, Leci Brandão e Edy Star. As entrevistas que compõem o documentário permitem observar diversos aspectos da história e da dinâmica do jornal: desde o surgimento da ideia da sua criação passando pelos diversos conflitos até a crise que levou ao seu encerramento.

Contrapondo-se a uma política do esquecimento⁷⁰, do apagamento das violações dos direitos humanos das homossexualidades⁷¹ durante a ditadura iniciada em 1964, esses esforços de preservação e divulgação de um jornal que circulou há quatro décadas e que teve uma existência relativamente curta, cerca de três anos, desperta imediatamente a questão: qual foi a relevância do jornal *Lampião da Esquina*?

2.2. Jornal *Lampião da Esquina*: criação, características e funcionamento

O *Lampião da Esquina*⁷² foi o primeiro jornal feito “por” e “para” homossexuais a circular em todo território nacional. Criado por um grupo de intelectuais e artistas, todos homossexuais, ao longo das suas 41 edições (edição nº 0 – experimental, edições 01 a 37 e edição extra 1, 2 e 3), além das homossexualidades⁷³, abordou temas tidos como tabus como racismo, aborto, masturbação, ecologia, feminismo, indígenas, prostituição, religião, maconha, sadomasoquismo, machismo, estupro,

⁷⁰ O esquecimento, mais especificamente o esquecimento-manipulação, é “um procedimento ativo e voluntário, por vezes estruturado, de esquecimento diretamente imputável aos atores públicos encarregados de elaborar e transmitir a memória pública oficial.” MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento? Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, ago.-nov. 2010, p. 18.

⁷¹ Optou-se pela utilização de “homossexualidades”, sem incluir expressamente pessoas trans ou usar a sigla – mais contemporânea – LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexo) “Isso porque, para não pecar por anacronismo usando termos de percepção de identidades alheios à época, a verdade é que a travestilidade e a transgeneridade eram vistas, nesse momento histórico, hegemonicamente como formas de homossexualidades, daí esse emprego da palavra no plural.” (GREEN, 2014, p. 11).

⁷² As 41 edições do *Lampião da Esquina* estão disponíveis para acesso e download no site do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (Cedoc LGBTI+) da organização não governamental Grupo Dignidade <https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/> e também é possível encontrá-las em suas versões impressas originais na sede do Cedoc LGBTI+ na Av. Mal. Floriano Peixoto, 366, sala 43, Curitiba, Paraná.

⁷³ Optou-se pela utilização de “homossexualidades”, sem incluir expressamente pessoas trans ou usar a sigla – mais contemporânea – LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexo) “Isso porque, para não pecar por anacronismo usando termos de percepção de identidades alheios à época, a verdade é que a travestilidade e a transgeneridade eram vistas, nesse momento histórico, hegemonicamente como formas de homossexualidades, daí esse emprego da palavra no plural.” GREEN, James N; QUINALHA, Renan (org.). Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFCar, 2014, p. 11).

transexualidade, entre muitos outros. O *Lampião* fez parte dos periódicos da chamada imprensa alternativa⁷⁴ que floresceu durante o período de distensão e abertura política da ditadura militar brasileira (1964-1985).

Entre as características que chamam atenção, além de ser o primeiro jornal protagonizado por homossexuais vendido nas bancas de jornais e em diferentes regiões do Brasil, a mais original e relevante é a linguagem, com o amplo emprego de expressões e gírias dos guetos homossexuais:

“No *Lampião*, o enfoque informativo, opinativo e politizado da homossexualidade e de todas as questões então tidas como minoritárias se fazia predominantemente por meio da incorporação da linguagem popular do meio homossexual, com farto uso de palavras como ‘bicha’, ‘boneca’, ‘veado’ e equivalentes.”⁷⁵

Outra característica relevante é o espaço dado aos temas ignorados pela grande imprensa (mais sujeita a censura e/ou alinhada aos interesses do governo militar) e à imprensa alternativa (com ideias próximas às esquerdas mais ortodoxas que privilegiavam as questões da luta maior - luta de classes - em detrimento do que consideravam luta menor - reivindicações de movimentos sociais como o de mulheres, negros, homossexuais, ecologista, entre outros). João Silvério Trevisan, escritor e um dos fundadores do *Lampião*, sintetiza o impacto do surgimento do *Lampião*: “um fato quase escandaloso para as pudicas esquerda e direita brasileiras, acostumadas ao recato, acima de tudo”⁷⁶.

A proposta da criação do jornal *Lampião da Esquina* surgiu após a vinda do diretor-editor do jornal americano *Gay Sunshine Press*⁷⁷ ao Brasil. Nela Leyland

⁷⁴ Imprensa alternativa “designa práticas e experiências jornalísticas não alinhadas à chamada grande mídia (composta pelos setores tradicionais e predominantes da comunicação de massa) e desvinculadas de tendências, ideias ou grupos dominantes. [...], podemos defini-la como um conjunto de veículos de informação divulgadores de conteúdos contra-hegemônicos e alicerçada numa práxis ética inserida em um outro projeto de sociedade. A imprensa alternativa é uma voz dissonante dos discursos preponderantes de uma época, a representante dos que não são ouvidos, dos grupos sociais marginalizados e das classes subalternas, geralmente preteridos de participação efetiva na esfera pública.” SANTOS, Pedro Lucas Oliveira dos. Imprensa alternativa: discutindo conceitos. Revista *Alterjor*, São Paulo, Ano 04, V. 02, Ed. 08, Jul./ Dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor> Acesso em 26 mai. 2021.

⁷⁵ SIMÕES, Julio Assis; FACCHINE, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao GLBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009, p.88.

⁷⁶ TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 338

⁷⁷ “Considerado o *mais antigo jornal homossexual americano em circulação*, o *Gay Sunshine* começou a ser publicado em 1970, com uma tiragem relativamente pequena de oito mil exemplares. Hoje, calcula-se que tenha por volta de 25 mil leitores não apenas americanos. Seu sucesso cresceu à medida que se consolidava o Movimento de Liberação dos Homossexuais, dentro das lutas em favor dos Direitos Humanos, nos Estados Unidos.” TREVISAN, João Silvério. Uma entrevista que ninguém ousou publicar: Leyland fala sobre atuação política. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 10, n°2, jun./ jul. 1978.

buscava identificar e contactar autores homossexuais para a realização de uma “antologia de poesia e prosa latino-americana”⁷⁸. Desse encontro surgiu a ideia da criação de um jornal direcionado ao público homossexual e que pretendia “dar voz a todos os grupos injustamente discriminados”. Sucederam-se reuniões e na principal delas, em novembro de 1977, onze pessoas assumiram o compromisso e criaram o jornal *Lampião da Esquina*. O escritor João Silvério Trevisan foi um dos participantes dessa reunião e relata:

[...] no fim de 1977, alguns intelectuais, jornalistas e artistas homossexuais de São Paulo e Rio de Janeiro reuniram-se no apartamento do pintor Darcy Penteado, a propósito de uma antologia de literatura guei latino-americana, organizada por Winston Leyland, fundador da Gay Sunshine Press, de São Francisco (Califórnia). Eu era um deles. Nesse encontro, surgiu a ideia de se formar um Coletivo para a criação de um jornal feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país.⁷⁹

O grupo de onze pessoas responsável pela sua idealização e posteriormente, por viabilizar essa empreitada, tornou-se o conselho editorial. Na edição experimental são apresentados os “Senhores do Conselho” e seus respectivos currículos resumidos:

Adão Costa – Jornalista, ex-terapeuta ocupacional, pintor, exercendo esporadicamente as funções de tradutor (inglês-português)

Aguinaldo Silva – Jornalista especializado em assuntos policiais, escritor (tem dez livros publicados), tem uma longa experiência na imprensa alternativa: colaborou com **Opinião** desde os primeiros números, e é um dos fundadores de **Movimento**.

Antônio Chrysóstomo – Jornalista, especializado em música popular, escreveu, produziu e dirigiu vários shows. É um dos mais polêmicos críticos de musicais do país.

Clóvis Marques – Jornalista e tradutor, faz crítica e cinema. Sub-editor do **Guia de Filmes** editado pela Embrafilme, é correspondente no Brasil, de Film Dope, de Londres.

Darcy Penteado – Artista plástico e escritor. Uma das figuras mais importantes do **front** cultural paulista, foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e preconceito em relação aos homossexuais. Seu primeiro livro, **A Meta**, com histórias que abordava esse tema, foi um dos maiores sucessos editoriais do ano passado.

⁷⁸ TREVISAN, João Silvério. Uma entrevista que ninguém ousou publicar: Leyland fala sobre atuação política. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 10, n°2, jun./ jul. 1978.

⁷⁹ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 338

Francisco Bittencourt – Poeta, crítico de arte e jornalista, publicou dois livros de poemas. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção do Brasil), e colabora como crítico em vários jornais.

Gasparino Damata – Jornalista e escritor, com passagens pela diplomacia. Organizou duas antologias – **História do Amor Maldito** e **Poemas do Amor Maldito** – que tinham o homossexualismo como tema.

Jean-Claude Bernardet – Crítico de cinema, um dos teóricos do Cinema Novo, possui também uma longa experiência na imprensa alternativa. Um dos colaboradores mais ativos do **Opinião**, é um dos fundadores de **Movimento**.

João Antônio Mascarenhas – Advogado, jornalista e tradutor, abandonou a **burocratic** dos Ministérios da Educação e da Agricultura para formar a cadeia de “gente boa” que resultou na ideia de se publicar LAMPIÃO.

João Silvério Trevisan – Cineasta e escritor, é autor de uma dos livros de contos mais elogiados do ano passado – **Testamento de Jônatas deixado a Davi**. Está escrevendo um romance destinado ao público juvenil, fruto de suas andanças pela América Latina.

Peter Fry – Nasceu em Liverpool, Inglaterra, e formou-se em Cambridge. Após um período como antropólogo na Rodésia, voltou à Inglaterra, onde fez doutorado na Universidade de Londres, que o contratou depois como professor. Em 1970 veio para o Brasil, contratado pela Universidade de Campinas, onde está até hoje. Tem pesquisado sobre as religiões afro-brasileiras e pretende escrever sobre a sexualidade no Brasil.⁸⁰

Voltando a examinar aspectos do *Lampião*, a utilização no logotipo de um típico chapéu de cangaceiro foi uma brincadeira com o personagem Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) por ser o “maior representante do machismo nacional”⁸¹. O logotipo continha uma imagem observada por um leitor como um falo: “O símbolo do jornal foi interpretado como a combinação de uma representação estilizada do rebelde [Lampião] com a representação de um falo [...]” e o leitor segue a análise advertindo “a representação fálica é uma atitude agressiva e machista, é uma posição desrespeitosa em relação às mulheres”⁸²

FIGURA 14 - LOGOTIPO DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA



FONTE: Jornal Lampião da Esquina nº 5, outubro de 1978 (Acervo Cedoc LGBTI+)

⁸⁰ Senhores do Conselho. Lampião. Rio de Janeiro, p. 2, n. 0, abril de 1978 (Opinião).

⁸¹ SILVA. Agnaldo. Agnaldo Silva – Lampião da Esquina. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2z9uyCRF7ic>. Acesso em: fev. 2015.

⁸² LAMPIÃO é desnudado. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 14, ano 1, n. 3, 25 jul. 1978 (Cartas na Mesa).

Segundo Aguinaldo Silva⁸³, responsável pela coordenação das edições, o nome escolhido para o jornal foi uma adaptação, já que a primeira sugestão, “Esquina”, havia sido patenteada: “O número um atrasou um pouco porque foi preciso dar um sobrenome (Da Esquina), para evitar problemas de propriedade industrial”⁸⁴ A explicação para escolha de “esquina” para o nome é “por que a gente achava que esquina é o lugar meio icônico para os homossexuais, o lugar de parada”⁸⁵.

O lançamento da “Edição experimental - Número zero” em abril de 1978 foi realizado com uma estratégia no mínimo inusitada: foram enviados exemplares para “[...] cinco mil pessoas, sem distinção de credo, raça ou preferência sexual.”⁸⁶, lançamento realizado também por meio de coquetel, jantar e apresentações:

Primeiro foi o coquetel na Livraria Cultura, na Avenida Paulista; depois o jantar no restaurante Circus e, por último, as apresentações no Gay Club (frase de Cláudia Wonder, ao distribuidor LAMPIÃO com os presentes ‘ Chi, acho que sou o primeiro jornalista travesti da história), Isso sem falar na passagem por lugares afins: todos os bares do Largo do Arouche e mais as casas noturnas paulistas: Dinossaurus, Homo Sapiens, Men’s, Country, Sombrassom, etc.⁸⁷

FIGURA 15 - MEMBROS DO CONSELHO EDITORIAL DO LAMPIÃO DA ESQUINA



FONTE: Lampião da Esquina nº 1,

⁸³ SILVA. Agnaldo. Aguinaldo Silva – Lampião da Esquina. 2011. Disponível em: www.youtube.com. Acesso em: 22 fev. 2015.

⁸⁴ Assinantes se entendem. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 14, nº 02, jun./ jul. 1978. (Cartas na Mesa)

⁸⁵ SILVA. Agnaldo. Agnaldo Silva – Lampião da Esquina. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2z9uyCRF7ic>. Acesso em: fev. 2015.

⁸⁶ Sem essa de entregação. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 9, ano 1, n. 1, mai./ j un. 1978 (Esquina).

⁸⁷ LAMPIÃO na Paulicéia Desvairada. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 9, ano 1, n. 1, mai./ jun. 1978 (Esquina).

É também na edição experimental, no editorial “Saindo do Gueto”, que são apresentados os objetivos do jornal e as razões que levaram à sua criação:

dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dada aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter.⁸⁸

Ainda na edição experimental, o *Lampião* trouxe como manchete “Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?” destacando a reportagem que ocupou três páginas na qual discorreu sobre o processo contra o jornalista Celso Curi, autor da “Coluna do Meio” do jornal *Última Hora* de São Paulo. Ao tematizar as homossexualidades, Celso Curi foi enquadrado e processado com base na chamada “Lei de Imprensa” por “atentar contra a moral e bons costumes”. Aqui chama atenção a escolha dos editores do *Lampião*, em sua edição experimental, abordar com destaque - inclusive na capa - a perseguição sofrida por outro jornalista que desde 1976 “ousou”, num veículo da grande imprensa, abordar abertamente às homossexualidades.

⁸⁸ Saindo do Gueto. *Lampião*. Rio de Janeiro, p. 2, nº 0, abr. 1978 (Opinião)

FIGURA 16 - CAPA DA EDIÇÃO EXPERIMENTAL DO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

FONTE: Edição Número zero (abril de 1978) do *Lampião da Esquina*

Para subsidiar a edição do jornal foi criada a “Esquina - Editora de Livros, Jornais e Revistas” com sede no Rio de Janeiro. O escritório do *Lampião* estava situado no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, contando também com uma equipe editorial em São Paulo. A distribuição era realizada por uma rede de empresas localizadas em diferentes cidades. Em Curitiba, por exemplo, a distribuição ficava a cargo da Ghignone. A venda também era realizada por uma rede informal, responsável pela comercialização nos locais de sociabilidade homossexual, as chamadas “lampiônicas”.

Sobre o alcance da distribuição do *Lampião*, a seção Cartas na Mesa, possibilita uma amostra, mesmo tendo consciência que as cartas publicadas são escolhidas pelos editores com critérios como o humor. É o caso da publicação de trecho de uma carta enviada por um leitor de Rolândia, interior do Paraná, identificado apenas com as iniciais S. V. L.:

(...) Desculpem o meu jeito, mas é que a minha cidade tem mesmo esse nome esquisito. As coisas aqui nos confins do Paraná andam péssimas, é uma região bastante conturbada, muitos posseiros, grileiros, uma loucura. O resultado é que a gente acaba produzindo coisas como esse escritor Domingos Pellegrini Jr. que seria muito bom se não fizesse o gênero machão-paca. Só não entendo como é

que o Caio Fernando Abreu pode ser tão amigo dele, o Caio, divino...⁸⁹

A escolha dessa carta, provavelmente ocorreu em razão do nome “esquisito” da cidade. A resposta de Lampião não reforça essa hipótese “R._ Que loucura, gente. Essas cartas que nos chegam dos lugares mais inesperados (Rolândia? Alguém disse Rolândia?), que emoção.” e continua abordando os desafios da distribuição:

Gostaríamos de tornar menos precária a nossa distribuição, para chegar a todos vocês com mais tranquilidade. Infelizmente, a distribuição no Brasil é piada, pois os esquemas ainda são os mesmos dos tempos áureos de O Cruzeiro. Mas fazemos o possível; um dia, como costuma dizer João Antônio Mascarenhas, cobriremos do Oiapoque ao Chuí...⁹⁰

Segundo Tânia Regina de Luca, para o melhor entendimento do conteúdo do periódico, devemos observar algumas características referentes à sua materialidade como o formato, tipo de papel utilizado, capa, qualidade de impressão, utilização de cores e imagens/ ilustrações, estruturação e divisão do conteúdo (seções), condições materiais e técnicas essas dotadas de historicidade e atreladas ao contexto sociocultural de produção do periódico, cabendo ao pesquisador compreender as escolhas e suas motivações, ou seja, historicizar a fonte⁹¹.

Ainda, ao analisar as características físicas e contextuais da fonte, segundo a autora, devemos identificar a função social do impresso (por exemplo, jornais de circulação diária comercializados em bancas de revista tem uma função/ objetivo diferente de um jornal de militância operária), como o impresso chega às mãos dos leitores, quem são esses leitores (público alvo), relações que manteve – ou não – com o mercado e a presença ou ausência de publicidade.

O jornal era composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S/A, no Rio de Janeiro, em formato tabloide (tamanho 26 x 30 cm.), capa colorida (com exceção do número 9 e extra n° 2). A tiragem não consta no expediente do jornal, mas de acordo com Aguinaldo Silva eram impressos vinte e cinco mil exemplares⁹². O número de páginas variou de dezesseis nas primeiras edições a vinte e quatro na edição extra n° 1 sendo que a maioria das edições possuía vinte

⁸⁹ Cartas que vieram de longe. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 15, ano 1, n. 3, jul./ ago. 1978 (Cartas na Mesa).

⁹⁰ Cartas que vieram de longe. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 15, ano 1, n. 3, jul./ ago. 1978 (Cartas na Mesa).

⁹¹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

⁹² SILVA, Agnaldo. Agnaldo Silva – Lampião da Esquina. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Z9uyCRF7ic>. Acesso em: fev. 2015.

páginas (em vinte e sete das quarenta e uma edições). A periodicidade passou de bimestral, nas quatro primeiras edições, para mensal da quinta até a trigésima sétima. Além da edição zero, também foram produzidas três edições extras: em dezembro de 1979 (vendida com a edição nº 19), maio de 1980 (vendida com a edição nº 22) e a terceira datada apenas com o ano (1980) acompanhada de calendário de 1981 com nus masculinos. O preço variou de Cr\$ 15,00 (nº 1 ao nº 8) a Cr\$ 60,00 (nº 36 e nº 37) com o valor máximo de Cr\$ 200,00 na edição extra nº 3 acompanhada de calendário do ano de 1981 com nus masculinos.

O jornal *Lampião da Esquina* foi dividido em diversas seções: “Tendências” com reportagens sobre teatro, cinema, música e festas, divididas nas subseções “o show”, “a exposição”, “o filme”, “a peça”, “o livro” (divulgou, por exemplo, a versão traduzida para o português do primeiro volume de “História da Sexualidade”, de Michel Foucault, pela editora Graal em 1977); “Literatura” com trechos de poemas, sonetos e livros (como o conto “O Maricas” extraído do livro *Las otras puertas* do autor argentino Abelardo Castillo); “Cartas na Mesa” foi o espaço destinado às cartas enviadas pelos leitores, uma espécie de tribuna através da qual seus leitores podiam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. “Reportagem” trouxe entrevistas (Norma Bengel, Marcello Mastroianni, Paul Newman, Luiz Inácio Lula da Silva, Clodovil Hernandez, Leci Brandão, Fernando Gabeira, Ney Matogrosso, Manuel Puig, Marta Suplicy, entre outros) e textos sobre os mais variados temas. Na seção “Opinião” eram publicados textos de colaboradores ou convidados do *Lampião* nos quais abordaram temas relevantes e polêmicos; Em “Esquina” eram publicadas entrevistas curtas e reportagens sobre as homossexualidades, além de temas como ecologia, feminismo e racismo; “Ensaio” trazia textos mais reflexivos (até acadêmicos) sobre arte, cinema, religião, entre outros assuntos. A partir da edição nº 5 surgiu a seção “Bixórdia” com fofocas e relatos curtos de leitores e redatores. Em “Troca Troca” eram publicados anúncios dos leitores que buscavam encontros e relacionamentos; Em “Biblioteca Universal Gay” eram indicados livros de literatura, sexualidade e ativismo homossexual. A seção “Ativismo” tratou das organizações, encontros e demais assuntos referentes aos grupos homossexuais e ao MHB.

O uso das cores ficava restrito à capa e contracapa com o uso de cores além do preto e as limitações técnicas impostas pelas restrições advindas da redução do custo de produção eram contornadas pela criatividade: capas chamativas com o uso

de recursos visuais como fotos e desenhos. O apelo erótico com nus masculinos também foi um recurso amplamente empregado e a partir da edição de nº 03 (julho e agosto de 1978) passa a constar na capa “leitura para maiores de 18 anos”.

A capa da edição nº 33, de fevereiro de 1981, demonstra bem a utilização dos recursos textuais como a manchete “Cuba: os órfãos de Sierra Maestra” e não textuais com a caricatura feita por Hildebrando de Castro que apresentou Fidel Castro vestido com figurino e chapéu com frutas no estilo Carmem Miranda. O balão de diálogo traz a frase: “yo no creo en maricones pero que los hay, los hay”. Essa capa sintetiza diversas características do *Lampião*: o uso do deboche mesmo quando abordava temas sensíveis, as capas das edições com composições chamativas, o apelo erótico (abaixo da caricatura de Fidel o jornal trouxe com menor destaque “Hambre de sexo en Argentina”) a denúncia da violência (a capa também trouxe com menor destaque “Mas a violência do sistema pode!”).

A capa chama para a reportagem que ocupou seis das vinte páginas da edição subdivida em “Cuba: dez anos de caça às bichas” (p. 10), “Histórias que Mãe-Revolução não contava” (p. 11), “Os órfãos de Sierra Maestra” (p. 13), “Em 1971, um congresso decide o que é pecado” (p. 13), “Por outro lado, a repressão aumentava a cada dia” (p. 14) e “Yo soy cubana, da terra de Fidel” (p. 15). Todas as reportagens exploraram a repressão aos homossexuais em Cuba, um tema incômodo para as esquerdas, em especial àquelas que buscavam uma aproximação com o emergente movimento homossexual brasileiro.

FIGURA 17 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 33 DO LAMPIÃO DA ESQUINA



FONTE: Edição nº 33, de fevereiro de 1981, do jornal Lampião da Esquina

Além dos temas polêmicos tratados, o jornal chamou atenção pela ampla utilização da linguagem do “gueto” homossexual (gírias). Questionados pelos leitores, os editores responderam:

Muita gente se declarando indignada pelo fato de LAMPIÃO utilizar, com muita frequência, palavras tidas como pejorativas: bicha, boneca, etc. [...] O uso de tais palavras em LAMPIÃO da Esquina, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para em seguida desmistificá-las. [...] Assim acreditamos que estamos cumprindo nosso verdadeiro papel nesse jogo quando mostramos às pessoas que perdemos o medo. [...] se nos chamarem de bichas responderemos que somos mais que isso – somos trichas.⁹³

Além da linguagem textual, com o uso frequente do humor e da ironia como recurso, *Lampião* também fazia o uso dos cartuns - com esse propósito. O Cartum abaixo (FIGURA 18), assinado e identificado no editorial apenas por Tônio, foi

⁹³ SILVA, Agnaldo. As palavras: para que temê-las? Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 5, ano 1, n. 3, jul. 1978 (Esquina).

utilizado no contexto anterior a uma reportagem sobre o Dia Mundial do Meio Ambiente, comemorado em 5 de junho. Nela Darcy Penteado discorre sobre a importância da preservação do meio ambiente, que faz sentido no Lampião

Partindo do princípio que a preservação do meio ambiente é defendida por uma minoria e que este jornal foi criado principalmente para dar voz às minorias, juntamos o nosso apelo ao de todos que se interessam objetivamente pela preservação da natureza e da dignidade humana.⁹⁴

FIGURA 18 - CARTUM “NÃO! ESTE ANIMAL FAZ PARTE DO EQUILÍBRIO DA NATUREZA”



FONTE: Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 5, ano 1, n. 3, 25 jul./25 ago. 1978

Nele a imagem do caçador armado numa floresta ao declarar que não deve atirar no veado, pois “este animal faz parte do equilíbrio da natureza” faz clara referência à violência contra homens gays, popularmente chamados de veados (ou viados). A imagem parte do contexto no qual foi inserida - defesa do meio ambiente - para apresentar a recusa à violência (em casos mais graves, o assassinato) de homossexuais, ironicamente tratados como parte do “equilíbrio” dessa natureza.

A última edição do Lampião foi para as bancas em julho de 1981, entretanto nela não é possível encontrar nenhuma referência ao fim do jornal, pois os motivos que levaram ao fim do primeiro jornal homossexual vendido nacionalmente foram

⁹⁴ PENTEADO, Darcy. Não tem sabiá que aguento. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 6, ano 1, n. 3, 25 jul./25 ago. 1978 (Esquina).

diversos: a constante crise financeira, o esgotamento ideológico, conflitos internos entre os membros do conselho editorial, entre outros.

Os últimos números do jornal começaram a refletir cada vez mais a convicção de Aguinaldo Silva, de que não se estava oferecendo o produto que o mercado queria e que o ativismo só apelava à minoria de uma minoria. Mas, apesar de começar a dar mais ênfase às reportagens sobre temas como masturbação, prostituição, travestis, etc., o jornal não conseguiu aumentar suas vendas. Em junho de 1981, saiu seu último número, o 37.⁹⁵

As vendas nas bancas, assinaturas e publicidade mal cobriam as despesas do jornal, a dificuldade em comercializar o jornal nas bancas foi um problema constante com alguns jornalheiros se recusando a vender um jornal abertamente homossexual. Outro obstáculo enfrentado foi a dificuldade em conseguir anunciantes, os poucos existentes eram basicamente bares, boates e saunas voltadas ao público LGBT. A repressão também impactou financeiramente no *Lampião da Esquina*:

Lampião da Esquina foi alvo de várias tentativas de sanções por parte dos militares, boicote dos donos de banca e atentados de grupos paramilitares, que explodiam bombas caseiras em locais que vendiam publicações alternativas ou consideradas pornográficas. Trevisan conta que esses grupos espalhavam folhetos, uma espécie de lista negra, com o nome de jornais que deveriam sair de circulação.⁹⁶

Os conflitos entre os membros do conselho giravam em torno do conteúdo a ser publicado. Enquanto parte do conselho pretendia fazer um jornal mais contestatório, isto é, priorizar assuntos políticos, outros preferiam fazer um jornal voltado para o entretenimento. Um exemplo desse conflito entre os editores do *Lampião* e seu impacto financeiro foi a edição mais “política” do jornal que abordou com destaque a homossexualidade em Cuba⁹⁷ resultando num fracasso de vendas, enquanto as edições com conteúdo mais apelativo, inclusive as que traziam conteúdo erótico, vendiam mais.

O fim do jornal que pretendeu servir de “porta voz” das minorias, especialmente os homossexuais, deixou o ainda emergente MHB desamparado. Formou-se uma lacuna no espaço antes ocupado pelo *Lampião* de interlocução entre os grupos e incentivo à realização de encontros entre as organizações que

⁹⁵ MACRAE, E. O jornal *Lampião da Esquina*. In: A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura” [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 163. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523219987.0011> Acesso em: 20 ago. 2023.

⁹⁶ PÉRET, Flávia. Imprensa Gay no Brasil: Entre a militância e o consumo. São Paulo: Publifolha, 2011 p. 53.

⁹⁷ LAMPIÃO da Esquina. Rio de Janeiro, p. 10-15, ano 3, n. 33, fev. 1981.

compunham o MHB. Na década de 1980 houve um declínio na quantidade de grupos. O II Encontro Brasileiro de Homossexuais só viria a ser realizado três anos após o fim do Lampião, em Salvador (BA) em 1985. Convocado pelo GGB o encontro contou com a presença de cinco grupos, três a menos que a primeira edição do evento.⁹⁸

FIGURA 19 - CAPA DA ÚLTIMA EDIÇÃO DO LAMPIÃO DA ESQUINA

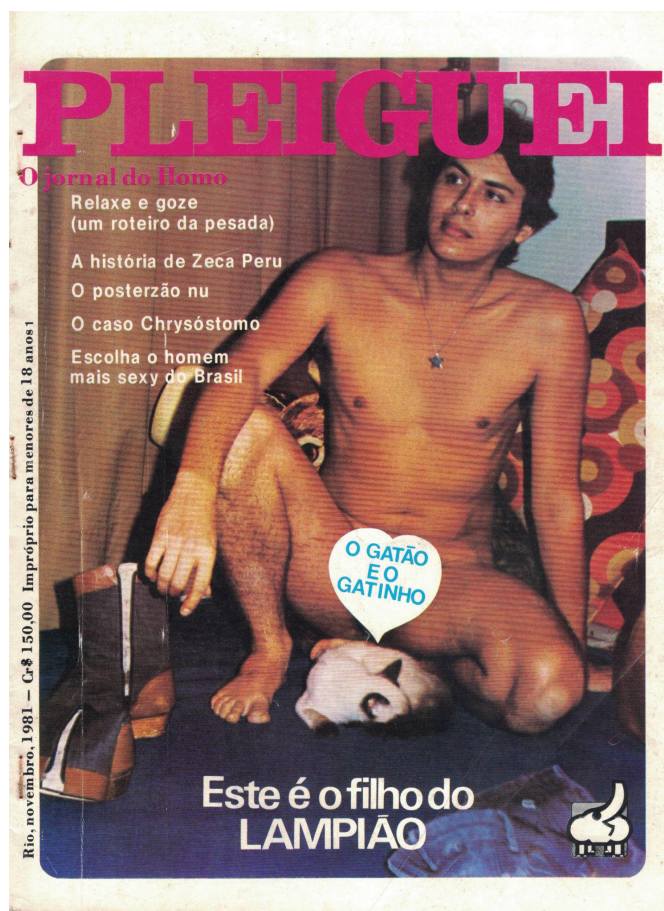


FONTE: Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 1, ano 3, n. 37, junho de 1981

Após o fim do Lampião, o coordenador das edições, Aguinaldo Silva, publicou a revista "PLEIGUEI: o jornal do homo". A única edição localizada está identificada apenas como "Rio, novembro, 1981", informações sobre a existência de edições posteriores não foram encontradas, apenas que teve existência "efêmera". Destaca-se na capa "Este é o filho do LAMPIÃO".

⁹⁸ FACCHINI, Regina. Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, 119-122.

FIGURA 20 - CAPA DA EDIÇÃO Nº 1 DA REVISTA PLEIGUEI



Acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

A PLEIGUEI tem a diagramação muito mais arrojada, papel de melhor qualidade e segue uma receita similar às outras publicações direcionadas ao público homossexual do período: a mistura fotos de homens nus com textos informativos, roteiro de locais de sociabilidade, indicação de filmes, peças e livros e da publicação de cartas dos leitores comentadas ou respondidas pelos editores.

A resposta de uma das cartas dá algumas pistas tanto sobre o fim do Lampião quanto sobre a nova publicação:

O Lampião era uma publicação realmente alternativa, carente de anunciantes, e que, para sobreviver, dependia dos assinantes e dos que compravam em bancas. Como as vendas caíssem (sic) e o número de assinantes também, não deu para continuar. Os editores do jornal foram honestíssimos com os assinantes: tentaram manter o jornal até quando a caixa ficou definitivamente vazia; então, não deu mais. O Pleigui, ao adotar uma linha menos panfletária, uma postura menos política que o Lampião, pretende inverter as coisas: conseguir

que suas vendas e seu número de assinantes cresça e - que sabe? - que surjam até anunciantes. [...]⁹⁹

⁹⁹ Chrysóstomo. PLEIGUEI: o jornal do Homo. Rio de Janeiro: nov. 1981, p. 30 (cartas). Acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

3. CAPÍTULO - A DIMENSÃO POLÍTICA DO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA*

Antes, porém, é necessário entender minimamente o que foi o *Lampião da Esquina*: editado durante processo de distensão e abertura política da ditadura militar (1964-1985) o *Lampião* fez parte da chamada, imprensa alternativa¹⁰⁰. Sua originalidade e relevância situam-se nele ser o primeiro periódico de circulação nacional¹⁰¹ direcionado ao público homossexual, mas, principalmente, foi o pioneiro vendido nas bancas de jornal elaborado na perspectiva e protagonizado por homossexuais. Outro ponto fundamental é, que além das (homo)sexualidades, o jornal também abordou assuntos pouco privilegiados por outras publicações da imprensa alternativa ou pelos jornais da imprensa tradicional¹⁰² como: racismo, aborto, masturbação, ecologia, feminismo, travestis, indígenas, prostituição, entre muitos outros assuntos considerados tabus.

Sendo as homossexualidades assunto principal (abordado por meio de entrevistas, artigos, reportagens, indicação de espaços de sociabilidade, livros e filmes sobre a temática) o *Lampião* também teve estreita ligação com o *Somos: Grupo de Emancipação Homossexual*, pioneiro do, na época chamado, movimento homossexual brasileiro. Dessa forma, o *Lampião da Esquina* é fonte privilegiada para pensar tanto esse incipiente movimento quanto permite apreender diversos aspectos da experiência homossexual do período em que circulou (abril de 1978 a julho de 1981).

¹⁰⁰ Imprensa alternativa “designa práticas e experiências jornalísticas não alinhadas à chamada grande mídia (composta pelos setores tradicionais e predominantes da comunicação de massa) e desvinculadas de tendências, ideias ou grupos dominantes. [...], podemos defini-la como um conjunto de veículos de informação divulgadores de conteúdos contra-hegemônicos e alicerçada numa práxis ética inserida em um outro projeto de sociedade. A imprensa alternativa é uma voz dissonante dos discursos preponderantes de uma época, a representante dos que não são ouvidos, dos grupos sociais marginalizados e das classes subalternas, geralmente preteridos de participação efetiva na esfera pública.” SANTOS, Pedro Lucas Oliveira dos. Imprensa alternativa: discutindo conceitos. Revista Altejor, São Paulo, Ano 04, V. 02, Ed. 08, Jul./ Dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor> Acesso em 26 mai. 2021.

¹⁰¹ Outras informações sobre essas e outras publicações, veja: PÉRET, Flávia. Imprensa Gay no Brasil. São Paulo: Publifolha, 2012.

¹⁰² Sobre o tratamento dado pela imprensa tradicional às homossexualidades o *Lampião* publicou reportagem em que apenas um veículo, o Notícias Populares de São Paulo, publicou em oito dias do mês de julho seis manchetes de primeira página envolvendo homossexuais “‘Homossexuais sequestram 2 irmãos em SP’ (dia 11); ‘Mãe acha que travestis mataram um dos filhos’ (dia 12); ‘Homossexual é suspeito de ocultar um crime’ (dia 13); ‘Escapei do inferno dos homossexuais’ (dia 18); ‘Polícia caça homossexual sequestrador’ (dia 20); ‘Dois casamentos de homossexuais revoltam o povo’ (dia 21); ‘Mistério: homens que se casaram sumiram’ (dia 21); ‘Lésbica matou Dulcinéia que lhe negou amor’ (dia 31)”. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 5, ano 1, n. 4, ago./ set. 1978 (Esquina).

A criação, num contexto da proliferação de veículos da imprensa alternativa, de um jornal que tratasse abertamente as homossexualidade foi justificada pela pouca importância dada, mesmo nesses periódicos, a temas considerados menores e divisionistas, ou seja, os debates trazidos por mulheres, negros, homossexuais e ecologistas. Esse conflito - luta maior *versus* luta menor - permeará não apenas muitos conteúdos presentes nas páginas do *Lampião* como também os debates do próprio movimento homossexual brasileiro (tensão com as esquerdas e desconfiança com partidos “tradicionais”, debates acerca da autonomia dos grupos, acusações de “sequestro” do movimento por partidos políticos).

Entre as reflexões possíveis a partir das páginas do *Lampião*, pretendemos pensar o papel político do jornal, ou seja, como atuou na própria realidade ao interpretar e dar sentido a ela. Como *Lampião* acabou não somente veiculando informações sobre as homossexualidades, mas também contribuindo na promoção das mudanças que justificaram a sua criação. Examinaremos as mudanças que ocorreram no contexto político e que possibilitaram - ainda que com reveses - o surgimento de um jornal como o *Lampião da Esquina* e quais as estratégias, discursivas ou não, adotadas para fazer frente ao descontentamento dessas pessoas com a própria realidade.

Ao tornar pública outra narrativa a partir da perspectiva das/ dos homossexuais, o jornal foi ator da transformação que propunha, ou, segundo o editorial que abriu a primeira edição (edição experimental), que assinalou as intenções por trás da sua criação respondendo à questão “Mas um jornal homossexual, para quê?”:

[...] é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dada aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter.

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.¹⁰³

¹⁰³ SAINDO do Gueto. *Lampião*. Rio de Janeiro, p.2, abr. 1978 (Opinião).

Para pensar a perspectiva adotada pelo *Lampião* - sua linha editorial - é importante pensar, ainda que rapidamente, do “quem” e “onde” ele foi produzido. O conselho editorial do jornal foi formado pelo grupo responsável pela sua criação, todos homens gays: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Crysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas eram jornalistas, Darcy Penteado um reconhecido artista plástico, Jean-Claude Bernardet crítico de cinema, João Silvério Trevisan escritor e cineasta e Peter Fry professor universitário. Segundo João Silvério Trevisan em entrevista dada ao documentário *Lampião da Esquina*, o objetivo era romper com a invisibilidade:

éramos onze, aqui estão onze viados. Vocês pensem o que vocês quiserem mas são viados [...] foi a primeira coisa que nós queríamos, era confrontar a invisibilidade e dizer, estamos aqui, isto é parte do Brasil, com licença esquerda e direita, aqui estamos.¹⁰⁴

A ideia da criação do *Lampião* está relacionada com a vinda do editor do jornal americano *Gay Sunshine* ao Brasil. Sua visita, que buscava identificar e contactar autores para a realização de uma antologia de escritores homossexuais latino-americanos acabou colocando em contato e inspirando esse grupo de jornalistas e intelectuais a repetir a experiência de um veículo de imprensa dirigido ao público homossexual aqui. O jornal foi editado no eixo Rio-São Paulo, cidades em que viviam a maioria dos membros do conselho editorial, dois importantes centros urbanos brasileiros com efervescente vida cultural e grande quantidade de espaços de sociabilidade homossexual.

Sobre a ausência de mulheres no conselho editorial, o *Lampião* respondeu que, considerando que uma das questões a serem levantadas pelo jornal é o feminismo, “[...] convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição.”¹⁰⁵. Apesar dessa ausência, reportagens, artigos e entrevistas sobre mulheres, os grupos, o movimento lésbico e feminista foram presença constante no jornal. Um exemplo foi a edição que abordou com destaque o “Amor entre mulheres” em que “Pela primeira vez na história deste país, um grupo de mulheres se reúne para falar e escrever acerca de sua homossexualidade.”¹⁰⁶. A

¹⁰⁴ LAMPIÃO da Esquina. Direção: Livia Perez. Produção e Coprodução: Doctela & Canal Brasil. São Paulo, 2016, documentário (80 min), digital.

¹⁰⁵ SILVA, Aguinaldo. Mulheres do mundo inteiro... *Lampião*. Rio de Janeiro, p. 5, n. 0, abril de 1978 (Esquina).

¹⁰⁶ Nós também estamos aí. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 7-11, ano 1, n. 12, mai. 1979 (Reportagem).

reportagem que ocupou cinco das vinte páginas da edição nº 12 do *Lampião* foi elaborada pelas mulheres do subgrupo de lésbicas do grupo *Somos de São Paulo*, que mais tarde se tornaria o Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF). Outra alusão com destaque às mulheres (lésbicas) foi a manchete da edição nº 11 que trouxe “LESBIANISMO, MACHISMO, ABORTO, DISCRIMINAÇÃO: SÃO AS MULHERES FAZENDO POLÍTICA”¹⁰⁷.

A criação de um jornal que abordava abertamente a questão homossexual, feito pela perspectiva dos homossexuais e que trazia uma leitura crítica da repressão às dissidências sexuais e de gênero, fazendo frente e desnaturalizando as discriminações e violências contra essa população e suscitando os leitores a pensar politicamente sua própria sexualidade, ou seja, politização as identidades homossexuais, gerou grande incomodo tanto nos setores conservadores quanto nos atores políticos “progressistas”.

A edição experimental do jornal *Lampião da Esquina* foi “lançada” em abril de 1978 com destaque na capa “Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?” e em reportagem que ocupou três páginas discorreu sobre o processo contra o jornalista Celso Curi, autor da “Coluna do Meio” no jornal Última Hora de São Paulo.

Ao tematizar as homossexualidade, Celso Curi foi enquadrado e processado com base na chamada “Lei de Imprensa”¹⁰⁸ por “atentar contra a moral e bons costumes”. Aqui chama atenção a escolha dos editores do *Lampião*, em sua edição experimental, abordar com destaque - inclusive na capa - a perseguição sofrida por outro jornalista que desde 1976 “ousou”, em um veículo da grande imprensa, tratar abertamente sobre as homossexualidades.

Não surpreende que o *Lampião da Esquina* também tenha se tornado alvo de inquérito (nº 25/ 78) com base no Decreto-Lei nº 1.077 que estabelece, em seu artigo 1º: “Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação.”¹⁰⁹. Como parte

¹⁰⁷ *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 1, ano 2, n. 16, set. 1979 (Capa).

¹⁰⁸ Lei nº 5.250, de 09/02/1967 em seu Capítulo III “Dos abusos no exercício da liberdade de manifestação do pensamento e informação” previa em seu 17º artigo que “Ofender a moral pública e os bons costumes” a pena de “Detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa de 1 (um) a 20 (vinte) salários-mínimos da região.”. Disponível em www.planalto.gov.br Acesso em 18 mai. 21.

¹⁰⁹ O Decreto-Lei nº 1.077 de 26/01/1977 diferentemente da Lei de Imprensa, menos específica, chama atenção nos “considerando” o argumento da defesa da família “que essa norma visa a proteger a instituição da família” contra as publicações que, entre outras investidas, estimulariam o amor livre “O que tais publicações e exteriorizações estimulam a licença, insinuam o amor livre e ameaçam destruir os valores morais da sociedade Brasileira,” como parte de um plano subversivo “o

do inquérito, os editores do jornal foram submetidos à identificação criminal na sede do Departamento de Polícia Federal (DPF) e, segundo o próprio jornal, a motivação do inquérito foi a veiculação da homossexualidade¹¹⁰.

Esse dado nos faz pensar como, ainda que no processo de distensão e abertura política da ditadura militar, o aparato repressivo possibilitou aos agentes repressivos atuar a fim de preservar o discurso hegemônico de um regime incontestavelmente marcado por um discurso moralista e conservador que, após o esmagamento da resistência armada à ditadura, deu grande atenção aos “desvios” sexuais e de gênero. A existência de um jornal tematicamente centrado nas homossexualidades comercializado nas bancas de revista em todo o Brasil acendeu o “sinal amarelo” dos agentes da repressão, tornando-o alvo de suas ações. Visto não haver previsão legal para a repressão das homossexualidades na legislação brasileira, os agentes do estado utilizavam-se de subterfúgios para reprimir a existência desses corpos subversivos: intimidação, prisões arbitrárias, censura, dificuldade do funcionamento de estabelecimentos, etc.

Nesse sentido, o pesquisador Renan Quinalha, pensando a “dimensão sexo-gênero na elaboração das tecnologias repressivas e dos dispositivos disciplinares voltados aos setores considerados moralmente indesejáveis”¹¹¹, utilizou a expressão “ditadura hétero-militar” para referir-se ao regime autoritário que durante 21 anos (1964-1985) governou o Brasil. Essa expressão busca chamar a atenção à perseguição dirigida não apenas a opositores políticos do regime, mas “diversos outros dispositivos legais e contravencionais, tais como ‘ato obsceno em lugar público’, ‘vadiagem’ ou violação à ‘moral e aos bons costumes’, foram intensamente mobilizados para perseguir as sexualidades desviantes.”¹¹².

O exemplo que melhor ilustra o tratamento dado às homossexualidades durante a ditadura foi a censura às obras de Cassandra Rios¹¹³ (pseudônimo adotado por Odette Rios), escritora lésbica que tratou em seus livros o

emprego desses meios de comunicação obedece a um plano subversivo, que põe em risco a segurança nacional.”. Disponível em www.planalto.gov.br Acesso em 18 mai. 21.

¹¹⁰ SILVA, Agnaldo. Estamos aqui, plantados, sempre à espera da chamada “abertura”. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 2, ano 2, n. 13, jun. 1979 (Esquina).

¹¹¹ QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. p. 24.

¹¹² Idem. p. 25

¹¹³ Para saber mais sobre a escritora Cassandra Rios e sua obra assista ao documentário “Cassandra Rios - A Safo de Perdizes” (2013), dirigido por Hanna Korich. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=njo0xngUI28&t=1754s>

homoerotismo lésbico e que ao longo da ditadura teve boa parte deles censurados. Os números impressionam: o Relatório da Comissão Nacional da Verdade¹¹⁴ contabiliza 36 obras censuradas, João Silvério Trevisan aponta um número ainda maior: "Ela [Cassandra Rios] sofreu forte censura durante a ditadura militar de 1964, tendo proibida quase a totalidade dos seus numerosos romances (mais de cinquenta títulos). Motivo alegado: pornografia."¹¹⁵

Mais uma vez o *Lampião* não se furtou em abordar essa perseguição à autora. Na quinta edição a capa trouxe com destaque "CASSANDRA RIOS AINDA RESISTE: Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever" e na reportagem que abordou de discos voadores e premonição aos personagens homossexuais de suas obras, passando pelo impacto econômico da censura dos livros finaliza com Cassandra declarando, como escrever, mesmo que os leitores tenham sido impedidos de ver suas obras, segue sendo um ato de resistência: "Ninguém, jamais, me impedirá de escrever."¹¹⁶

As duas reportagens, sobre a perseguição do jornalista Celso Curi e a censura das obras da escritora Cassandra Rios, além do inquérito aberto contra o próprio *Lampião* evidenciam que o jornal tratou com destaque o tratamento dado às homossexualidades durante a ditadura e a repressão ao qual também estava submetido. São episódios que, se não forem observados em conjunto, não dão conta da dimensão moralizadora do regime dirigido especialmente às vivências sexuais e de gênero que fugiram à cis-heteronormatividade.

Mais que isso, as diversas reportagens nesse sentido demonstram que não apenas estavam conscientes da opressão que sofriam, mas ao denunciá-la buscavam difundir essa consciência de uma perseguição sistemática entre seus leitores, convidando-os, mesmo que de indiretamente, a agir, a organizar-se. Essa percepção foi compartilhada pelos próprios integrantes do *Somos* em entrevista dada ao *Lampião*:

Até o LAMPIÃO aparecer, não existia nada, mas nada mesmo, comparável nas bancas, nos jornais, no cinema, na tevê. Não existia nada que pudesse nos dar esperança, criar a possibilidade de um trabalho coletivo. A

¹¹⁴ Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos / Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014. 416 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 2). p. 304.

¹¹⁵ TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 264.

¹¹⁶ Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever: Cassandra Rios ainda resiste. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 10, ano 1, n. 5, out. 1978 (Reportagem).

sobrevivência do Somos depende do LAMPIÃO como canal, e da própria atuação do grupo.¹¹⁷

O *Lampião da Esquina* evidenciou a formação dos primeiros grupos homossexuais e da articulação desses grupos por meio do movimento homossexual brasileiro. Antes, porém, trouxe as experiências dos grupos, movimentos e ações da população homossexual em outros países. Ainda na edição experimental, uma pequena nota intitulada “Lembrando o triângulo rosa”¹¹⁸ expõe que em Londres, desde 1972, o movimento gay se empenha para não deixar apagar a memória de que entre os grupos perseguidos pelo regime Nazista, estavam os homossexuais e, para isso, anualmente deposita uma coroa de flores com a forma do triângulo rosa, utilizado pelos nazistas para identificar os homossexuais nos campos de concentração.

Outro exemplo que ilustra a postura do *Lampião* sobre o movimento homossexual é a reportagem intitulada “Passeata guei reúne 240 mil” publicada na 4ª edição do jornal. A passeata realizada em San Francisco (EUA) marcou a celebração do *Gay Freedom Day* [Dia da Liberdade Gay] americano e na reportagem é evidenciado tanto o sucesso da marcha (em que foi anunciado um decreto lei aprovado em *San Francisco* que impede a discriminação com base em orientação sexual) quanto sua importância para a comunidade homossexual estadunidense que levavam cartazes com palavras de ordem e faixas traziam o lema da marcha “saia para a rua com prazer e grito por justiça”¹¹⁹.

Outro exemplo que traz a abordagem do *Lampião* chamando a atenção para a dimensão política das homossexualidades e da importância e impacto da organização é a reportagem “Passeata guei reúne 240 mil” publicada na 4ª edição do jornal. A passeata realizada em *San Francisco* (EUA) marcou a celebração do *Gay Freedom Day* [Dia da Liberdade Gay] americano e no texto é evidenciado tanto o sucesso da marcha (em que foi anunciado um decreto-lei aprovado que impede a discriminação com base na orientação sexual) quanto sua importância para a comunidade homossexual estadunidense que levou cartazes com palavras de

¹¹⁷ O pessoal do Somos (um debate). *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 7, ano 2, n. 16, set. 1979 (Reportagem).

¹¹⁸ BITTENCOURT, Francisco. Lembrando o triângulo Rosa. *Lampião*. Rio de Janeiro, p. 5, n. 0, abr. 1978 (Esquina).

¹¹⁹ ACOSTA, Adão. Passeata guei reúne 240 mil. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 3, ano 1, n. 4, set. 1978 (Esquina).

ordem e faixas com o lema da marcha “saia para a rua com prazer e grito por justiça”¹²⁰.

Sobre o movimento homossexual brasileiro, o *Lampião* deu ampla cobertura ao debate sobre “minorias” realizado na Universidade de São Paulo (USP) no dia 8 de fevereiro de 1979 que contribuiu para a consolidação da organização pioneira, *Somos: Grupo de Emancipação Homossexual* em São Paulo. Participaram do debate três representantes do *Somos* e Darcy Penteado representando o *Lampião da Esquina*. O jornal também publicou reportagens em que trazia em detalhes a experiência do grupo: “Grupo Somos, uma experiência” (*LAMPIÃO da Esquina*, n. 12, 1979, p. 2), “Somos: organização e métodos”, “Eles estão ousando dizer o seu nome: o pessoal do Somos (um debate)” (*LAMPIÃO da Esquina*, n. 16, 1979, p. 9), e “Afinal o que é um grupo homossexual organizado?” (*LAMPIÃO da Esquina*, n. 32, 1981, p. 14). Ainda sobre o MHB, criou a seção “Ativismo” na qual, como o próprio nome sugere, trazia conteúdo referente às atividades e articulações dos grupos, e “Escolha seu Grupo” com a lista dos grupos homossexuais brasileiros e como contactá-los.

Na última edição de *Lampião* - número 37, de junho de 1981 - apesar de uma evidente mudança de postura do jornal, como a inclusão de nus frontais masculinos e o capa com chamadas apelativas, “VIADO GOSTA DE APANHAR? Uma viagem ao mundo dos sadomasoquistas” e “HOMOSSEXUAL SE AFOGA APÓS FOTOGRAFAR GAROTO NU!” a questão política não deixou de estar presente. Guy Hocquenghem, militante homossexual francês que participou do maio de 1968, ocupou duas páginas da edição com entrevista e trecho de sua obra “A Contestação Homossexual”.

Pensar o papel político do *Lampião*, como o jornal que buscou interpretar e dar sentido à própria realidade, na qual estava inserido e, o aspecto mais importante, como elaborou uma reação a ela, quais as mudanças ocorreram no contexto político que possibilitaram - ainda que com reveses - o surgimento de um jornal como o *Lampião*, passa em pensar quais as estratégias, discursivas ou não, foram adotadas

Esse recurso também pode ser visto em outra reportagem que cobriu o inquérito aberto a pedido do Ministro da Justiça, Armando Falcão, contra o *Lampião*.

¹²⁰ ACOSTA, Adão. Passeata guei reúne 240 mil. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 3, ano 1, n. 4, set. 1978 (Esquina).

A edição nº 12, que estampou na capa "AMOR ENTRE MULHERES" trouxe logo abaixo a foto de cinco dos editores do *Lampião*, Antônio Chrysóstomo, Adão Costa, Aguiinaldo Silva, Clóvis Marques e Francisco Bittencourt, com camisetas listradas (caricatura de um uniforme de presidiário) segurando na altura do peito placa com a lei na qual o jornal foi enquadrado (1077) e a data em que compareceram na DPF, dia 2 de abril de 1978 (2.4.78). No interior do jornal o deboche, agora textual, prossegue:

No dia 2 de abril cinco editores de LAMPIÃO da Esquina compareceram à sede do Departamento de Polícia Federal, na Praça Mauá, Rio (que, ironicamente, possui à porta este letreiro: 'Imprensa Nacional'), para serem identificados criminalmente. [...] foram fotografados de frente e de perfil (e não de costas, como se esperava) [...].¹²¹

Outro recurso presente no *Lampião* foi o uso, mesmo controverso, da linguagem informal comumente empregada no "gueto" homossexual. Expressões utilizadas para referir-se à população homossexual com termos tidos como pejorativos, ofensivos ou humilhantes foram adotados deliberadamente, o que gerou algumas manifestações de protesto de leitores e que foram prontamente respondidas explicando essa escolha: "O uso de tais palavras em LAMPIÃO da Esquina, na verdade, tem um propósito. O que pretendemos é resgatá-la do vocabulário machista, para em seguida desmistificá-las"¹²²

Um exemplo do descontentamento gerado pelo uso dessas expressões é carta enviada por um leitor que reclama do uso de termos comumente empregados pejorativa e discriminatoriamente por pessoas preconceituosas em relação ao homossexualismo" considerado "inoportuno e inconveniente". A resposta foi que o jornal continua mantendo sua posição que deixar de usá-las não contribui para a perda do seu sentido e que empregá-las tem o propósito de "esgotá-las"¹²³.

A frequente utilização desses termos - bicha, lésbica, boneca, veado - que eram (são) direcionados a essa parcela da população não apenas para classificá-las, mas principalmente para reprimi-las, foi utilizado como estratégia para o esvaziamento do seu sentido ofensivo.

¹²¹ UMA capa com muitas estrelas. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 3, ano 1, n. 12, mai. 1979 (Esquina).

¹²² SILVA, Aguiinaldo. As palavras: para que têmê-las? *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 5, ano 1, n. 3, ago. 1978 (Esquina).

¹²³ Ainda o auê das palavras. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 18, ano 1, n. 4, ago./ set. 1978 (Cartas na Mesa).

Esse debate - sobre a ampla utilização no Lampião da Esquina de termos que são comumente empregados como insultos às dissidências de sexo e gênero - pode ser ampliado tendo o auxílio do corpo conceitual da teoria queer. Segundo Larissa Pelúcio no artigo “breve história afetiva de uma teoria deslocada” a

A teoria queer surgiu como argumento político e contestatório ao movimento assimilacionista de gays e lésbicas norte-americano, mas, sobretudo de gays, aos impactos sociais da aids. O que começou como uma discussão interna no movimento, foi sendo sistematizado em linhas argumentativas que geraram um importante cabedal conceitual e teórico que desestabilizou a ideia de estudos de “minorias” e da sexualidades como um aspecto tangencial das dinâmicas sociais¹²⁴

No Brasil, a teoria *queer* entrou não pelos movimentos sociais, mas pela academia, a partir da leitura de autoras como Judith Butler e Paul B. Preciado. Numa perspectiva pós-identitária, a teoria *queer* busca apontar os limites e armadilhas das identidades, de que maneira essas identidades atuam na normalização, ou seja, na criação novas classificações hierárquicas. A própria palavra *queer* na língua inglesa significa algo como “estranho” e é empregada para referir-se às pessoas que deviam das normas sexuais e de gênero.

O filósofo espanhol Paul B. Preciado no “Manifesto Contrassexual” contribui para a análise das operações de deslocamento, ressignificação, esvaziamento dos insultos homo-lesbo-bi-transfóbicos. Partindo da premissa que entende o sistema sexo-gênero como um sistema de escritura e os corpos como textos, ou seja:

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais.¹²⁵

O autor, referenciando-se no que Judith Butler chama de “performatividade *queer*”, apresenta o efeito subversivo dos atos de fala nos quais pessoas LGBTI+ “viram do avesso a linguagem hegemônica”, apropriando-se da sua força performativa:

¹²⁴ SILVA, Larissa Maués Pelúcio. Breve história afetiva de uma teoria torcida. Revista Florestan Fernandes - Dossiê Queer, n. 2, p. 26-45, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/135485> Acesso em: 28 jun. 2023.

¹²⁵ PRECIADO. Paul B. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2015, p. 26.

“[...] força política da citação descontextualizada de um insulto homofóbico e da inversão das posições de enunciação que este provoca. [...] por exemplo, sapatona passa de um insulto pronunciado pelos sujeitos heterossexuais para marcar as lésbicas como “abjetas”, para se transformar, posteriormente, em uma autodenominação contestadora e produtiva de um grupo de “corpos abjetos” que, pela primeira vez, tomam a palavra e reclamam sua própria identidade.”¹²⁶

Os argumentos apresentados pelos editores do *Lampião* em suas páginas e em mais de uma oportunidade demonstram que o uso dessas expressões, mesmo que muitas vezes criticado e incompreendido por alguns leitores, era uma operação política consciente. Como o movimento homossexual brasileiro teve como característica a transnacionalidade, dialogando com grupo e ativistas principalmente dos Estados Unidos e Europa e essa circulação se deu em parte por meio das páginas do *Lampião*, é possível supor que de alguma maneira o debate a respeito do uso de termos como veado, bicha, lésbica foi o resultado desse diálogo.

Também chama atenção o uso do “guei”, um aportuguesamento da expressão da língua inglesa *gay*, utilizada para referir-se às/ aos homossexuais, demonstrando que, apesar de um diálogo permanente entre o movimento brasileiro e o estadunidense, existia uma preocupação e até mesmo uma recusa de estrangeirismos entre os integrantes do *Lampião*.

O jornal *Lampião da Esquina* foi criado para que os homossexuais pudessem falar por si, pudessem vocalizar suas próprias demandas, e o fizeram com um discurso que propunha a superação da percepção negativa que muitos (a maioria) homossexuais tinham da própria sexualidade como algo ruim e fez isso trazendo conteúdos dos mais diversos: ensaios, entrevistas, reportagens, sugerindo livros, filmes, peças de teatro, etc. Também o fez utilizando estratégias pouco convencionais como a utilização do vocabulário presente nos guetos homossexuais, aproximando o seu discurso do cotidiano dessa população, pelo menos das que viviam nas principais cidades brasileiras, com algum tipo de espaço de sociabilidade.

Para além de uma suposta neutralidade, objetividade, isenção, imparcialidade, independência, atributos esperados do jornalismo, o *Lampião da Esquina* assumiu uma posição. Ao se colocar como porta-voz dos grupos minorizados (homossexuais, mulheres, negros, ambientalistas) e atuar em sua defesa, trazendo conteúdos que objetivam desmistificar a visão a respeito desses

¹²⁶ PRECIADO. Paul B. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2015, p. 28.

grupos mas também, tendo os homossexuais como público alvo, instrumentalizá-los para própria defesa, a superação dos preconceitos internalizados, ele foi agente político, participou diretamente do processo de transformação de sociedade que tanto aspirava.

Natali Gisele de Oliveira caracterizou o *Pasquim*, contemporâneo do *Lampião*, como sendo um jornal de atitude panfletária:

[...] mobilizadora e de intervenção, pela maneira com que lidou política e culturalmente com o processo de internacionalização que se abria à cultura brasileira naquele momento, numa verdadeira campanha permanente que foi capaz de criar alternativas às formas tradicionais de intervenção, trazendo à tona questões acerca de como o homem se pensava diante de si e da realidade.¹²⁷

A autora segue indicando quais os aspectos do *Pasquim* refletem essa postura panfletária:

Nos panfletos, a intenção é a de se fazer trincheira, de protagonizar a luta, jogando as idéias na rua e fazendo da necessidade de expressão uma manifestação pública. A denúncia é a arma, mas a força está no poder de convencer, de mobilizar, modificar os pensamentos, comportamentos, o imaginário cultural e político através de uma cumplicidade que faz do leitor um comparsa em potencial.¹²⁸

Mesmo com a evidente preocupação com a seriedade do *Lampião*, expressas nas palavras do seu principal editor, Agnaldo Silva, “eu sempre batalhei muito para que o *Lampião* fosse visto assim, o *Lampião* é um jornal, não é uma brincadeira de bichinhas”¹²⁹ e em meio ao conflito entre os redatores do Rio de Janeiro (que propunham um jornal mais voltado ao entretenimento) e de São Paulo (que vislumbravam um jornal mais militante) o jornal assumiu essa postura caracterizada como panfletária defendendo o direito ao prazer, usufruto do próprio corpo, de uma existência plena e da realização pessoal enquanto homossexuais.

Durante sua existência de pouco mais de três anos e em busca de melhorar suas vendas, o *Lampião* foi gradativamente incorporando temas apelativos como estratégia de aumentar suas vendas, passando a exibir capas com chamadas provocativas e a apresentar nus masculinos. Isso, além de demonstrar um conflito

¹²⁷ OLIVEIRA, Natali Gisele de. A resistência pelo deboche na linguagem pasquiniana. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <https://anpuh.org.br/> Acesso em: 24 mai. 2020.

¹²⁸ OLIVEIRA, Natali Gisele de. A resistência pelo deboche na linguagem pasquiniana. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <https://anpuh.org.br/> Acesso em: 24 mai. 2020.

¹²⁹ LAMPIÃO da Esquina. Direção: Lívia Perez. Produção e Coprodução: Doctela & Canal Brasil. São Paulo, 2016, documentário (80 min), digital.

entre as equipes editoriais do Rio de Janeiro (que desejavam um jornal mais informativo) e a de São Paulo (que desejava um jornal mais político), não fez desaparecer o conteúdo de cunho político, mais especificamente as informações sobre o ainda incipiente MHB. Para selecionar as informações trazidas em suas cerca de 820 páginas - 41 edições com em média 20 páginas - carregadas com textos apertados nas folhas formato tabloide, comum entre os jornais da imprensa alternativa da época, foram selecionados principalmente as informações da seção “ativismo” sem deixar de fora outros conteúdos que tragam luz à questão que orienta este artigo: pensar o caráter político do movimento homossexual brasileiro.

3.1. A circulação da experiência do MHB pelo jornal *Lampião da Esquina*

Em maio de 1978, ou seja, um mês depois do lançamento do *Lampião*, iniciaram-se as atividades do grupo que viria a se chamar *Somos: Grupo de Afirmação Homossexual*. Importante destacar que existiu uma estreita ligação entre o *Lampião*, mais especificamente o núcleo editorial do jornal na cidade de São Paulo, e o grupo *Somos*. Alguns integrantes centrais do *Lampião*, como João Silvério Trevisan, participaram ativamente de ambos.

A motivação da criação do *Lampião da Esquina* está presente textualmente no Editorial intitulado “Saindo do Gueto” da Edição Experimental de abril de 1978. O editorial se encerra apresentando a orientação da sua luta: “nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor - que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos”. Um jornal que surge orientado para a luta contra o preconceito e discriminação, ou seja, contra o não reconhecimento enquanto cidadãos portadores de direitos, sem o direito à autorrealização, motivando-os a engajarem-se na luta contra a injustiça, pela igualdade, respeito e por reconhecimento.

O filósofo francês Jacques Rancière em “A partilha do sensível: estética e política”, traz importantes reflexões que auxiliam na compreensão do papel do jornal *Lampião da Esquina* na circulação de novas concepções de mundo, visões que contestavam o lugar destinado às pessoas que fugiam do padrão cis-heteronormativo. O *Lampião* deu visibilidade e fez circular um discurso organizado em torno de várias estratégias para a confrontação dessa sociedade, e as páginas do *Lampião* foram fundamentais nesse sentido, pois, nas palavras de

Rancière: “O homem é um animal político porque literário, que se deixa desviar de sua destinação ‘natural’ pelo poder da palavra.”¹³⁰.

Nesse sentido, a potência do *Lampião da Esquina* esteve na saída da invisibilidade desse segmento populacional, na construção de diálogo com a sociedade (sair do gueto), apresentação de outro discurso (feito “por” e “para” homossexuais), de elementos que possibilitaram pensar a própria sexualidade de outra maneira, ou seja, uma visão positiva das identidades homossexuais por meio de questionamento desse lugar “destinado” a eles e “apresentando outras ideias e outras vontades”. Um novo projeto político que passa por um novo projeto estético: no uso das palavras (vocabulário do gueto homossexual¹³¹), de uma nova arte¹³², literatura, poesia, cinema e música.

Jornal é um meio de comunicação tradicional, seu formato não tem nada de inovador, porém o *Lampião* teve papel fundamental na emergência do MHB ao “dar voz” e fazer circular palavras dos que desejam resistir e transformar a realidade que estava posta: “A estética e a política são maneiras de organizar o sensível: de dar a entender, de dar a ver, de construir a visibilidade e a inteligibilidade dos acontecimentos.”¹³³. Em suma, o *Lampião* fez circular ideias capazes de mobilizar pessoas fazendo-as se organizar para a resistência e essa capacidade de mobilização fica evidente no *boom* de novos grupos que surgiram após o periódico divulgar o modelo organizacional do grupo pioneiro *Somos*:

Os enunciados políticos ou literários fazem efeito no real. Definem modelos de palavra ou de ação, mas também regimes de intensidade sensível. Traçam mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre modos de ser, modos de fazer e modos do dizer. Definem variações das intensidades sensíveis, das percepções e capacidades dos corpos. [...] ¹³⁴

¹³⁰ RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO experimental org., Ed. 34, 2005, p. 59-60.

¹³¹ “No *Lampião*, o enfoque informativo, opinativo e politizado da homossexualidade e de todas as questões então tidas como discriminatórias se fazia predominantemente por meio da incorporação da linguagem popular do meio homossexual, com farto uso de palavras como ‘bicha’, ‘boneca’, ‘veado’ e equivalentes.”. SIMÕES, Julio Assis; FACCHINE, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao GLBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009, p.88.

¹³² Um exemplo é o ensaio do artista plástico e co-criador do *Lampião*, Darcy Penteado, no qual afirma: Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil”. *Lampião*. Rio de Janeiro, p. 3, n° 0, abr. 1978 (Ensaio)

¹³³ LONGMAN, Gabriela; VIANA, Diego. Rancière: ‘A política tem sempre uma dimensão estética’ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/> acesso em: 14 jan. 2022

¹³⁴ RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO experimental org., Ed. 34, 2005, p. 59

Em uma estreita e muitas vezes conflituosa relação entre o *Lampião* e o *Somos*, o jornal publicou diversas reportagens sobre a experiência do grupo: “Grupo Somos, uma experiência” (LAMPPIÃO da Esquina, n. 12, 1979, p. 2), “Somos: organização e métodos”, “Eles estão ousando dizer o seu nome: o pessoal do Somos (um debate)” (LAMPPIÃO da Esquina, n. 16, 1979, p. 9), e “Afimil o que é um grupo homossexual organizado?” (LAMPPIÃO de Esquina, n. 32, 1981, p. 14).

O jornal também teve a colaboração e apoio de integrantes do *Somos*, mesmo aqueles que não participavam diretamente no *Lampião* como foi o caso de João Silvério Trevisan, um dos criadores do *Somos* e membro do conselho editorial do *Lampião*:

Ao mesmo tempo, integrantes do *Somos* colaboravam na comercialização do *Lampião* nos espaços de frequência gay e lésbica de São Paulo, e também distribuindo cópias das edições que continham matérias sobre o grupo, marcadas por um carimbo de cortesia com o número de sua caixa postal. Em seguida, o grupo formou uma Comissão de Defesa do *Lampião*, colhendo assinaturas a um manifesto em apoio ao jornal em razão do inquérito contra seu conselho editorial.¹³⁵

Apesar da tensão que foi se intensificando ao longo do tempo, o jornal deu grande cobertura aos primeiros encontros e divulgou os grupos do MHB. O *Lampião* criou a seção “Ativismo” na qual, como o próprio nome sugere, trazia conteúdo referente às atividades e articulações dos grupos e “Escolha seu Grupo” com a lista dos grupos homossexuais brasileiros e como contactá-los.

¹³⁵ SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 104.

FIGURA 21 - ESCOLHA SEU GRUPO.

Escolha Seu Grupo

LAMPIÃO — Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio de Janeiro. C. Postal 41.031. CEP: 20.400.

GRUPO TERCEIRO MUNDO — C. Postal 10.350, Porto Alegre, RS. CEP 90.000.

BANDO DE CÃ — Rua Gavião Peixoto, 100, sobrado, Icarai, Niterói. Rio de Janeiro. CEP: 24.000.

SOMOS/RJ — C. Postal 3.356, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20.100

AUÊ/RJ — C. Postal 25.029, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20.000, (em férias).

LIBERTOS/Guarulhos — C. Postal 1032, Guarulhos, SP. CEP: 07.000.

SOMOS/Sorocaba — C. Postal 294, Sorocaba, SO. CEP: 18.100.

GOLS/ABC — Grupo Opção à Liberdade Sexual. C. Postal 426, Santo André, SO. CEP: 09.000.

LESBICA-FEMINISTA/SP — C. Postal 293, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

EROS/SP — C. Postal 5.140, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

SOMOS/SP — C. Postal 8.906, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

COLETIVO ALEGRIA, ALEGRIA — C. Postal 58.095, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

TERRA MARIA: OPÇÃO LESBICA — Cartas a/c Coletivo Alegria, Alegria. C. Postal 58.095, São Paulo, SP. CEP: 01.000.

FRAÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA — Av. Afonso Bovero, 815, Vila Pompéia, São Paulo, SP. CEP: 05.019.

COLIGAY — Av. Paraná, 824, aptº 31, Navegantes, Porto Alegre, RS. CEP: 90.000.

TERCEIRO ATO/BH C. Postal 1.720, Belo Horizonte, MG. CEP: 30.000.

BEIJO LIVRE/DF — C. Postal 070.812, Brasília, DF. CEP: 70.000.

GRUPO GAY DA BAHIA — C. Postal 2.552, Salvador, BA. CEP: 40.000.

GATHO — Grupo de Atuação Homossexual/PE. Centro Luiz Freire, Rua 27 de Janeiro, Carmo, Olinda, PE. CEP: 53.000.

AUÊ/Recife — Rua Francisco Soares Ganha, Quadra 2, Bloco 5, aptº 301, 2º andar, Curado III, Jaboatão, PE. CEP: 54.000.

NÓS TAMBÉM/PB — Rua Orris Soares, 51, Castelo Branco, João Pessoa, PB. CEP: 58.000.

FONTE: *Lampião da Esquina*, nº 33, fev. 1981, p. 17.

O *Lampião* (nº 10) deu ampla cobertura ao debate sobre “minorias” realizado na Universidade de São Paulo (USP) no dia 8 de fevereiro de 1979, que contribuiu para a consolidação da organização pioneira do MHB, *Somos: Grupo de Emancipação Homossexual* em São Paulo. Participaram do debate três representantes do *Somos* e Darcy Penteado representando o *Lampião da Esquina*.

Em 16 de dezembro de 1979 foi realizado no Rio de Janeiro o I Encontro Brasileiro de Homossexuais Militantes na sede da Associação Brasileira de

Imprensa (ABI). O encontro foi realizado num domingo, das 10 às 17 horas e contou com a participação de 61 pessoas de 9 grupos: *Somos* e *Aué* do Rio de Janeiro, *Grupo de Atuação e AfirmAção Gay* de Caxias, *Somos*, *Eros* e *Núcleo Lésbico-Feminista* de São Paulo, *Somos* de Sorocaba, *Beijo Livre* de Brasília e um representante de Belo Horizonte que fundaria o grupo *Terceiro Ato*.

Dos debates do Encontro saíram as seguintes resoluções e encaminhamentos: luta para incluir na Constituição o respeito a “opção sexual”, para retirada da homossexualidade da lista das doenças mentais e a convocação para realização de um congresso em São Paulo. Segundo reportagem publicada no próprio *Lampião*, a ideia da realização desse encontro surgiu em uma reunião de pauta do jornal com membros do grupo *Somos* do Rio:

Os lampiônicos e os membros do grupo *Somos*/RJ presentes a esta reunião decidiram que tinha chegado a hora de se fazer uma tentativa de organizar e expor o conjunto de pontos de vista e de idéias que começava a tomar corpo como resultado do nascimento de grupos de ativistas homossexuais por todo o Brasil. E quisemos fazer isso antes que se encerrasse a década de 70, isto é, como uma homenagem aos anos que marcaram o início da luta das minorias oprimidas e, especificamente, da política do corpo.¹³⁶

A edição nº 20, de janeiro de 1980, além do destaque da capa, dedicou quatro páginas para cobertura desse que foi o primeiro encontro entre os grupos existentes no emergente MHB:

¹³⁶ BITTENCOURT, Francisco. No Rio, o encontro nacional do povo guei. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, jan. 1980. *Ativismo*, p. 7.

FIGURA 22 - CAPA “ENCONTRO NACIONAL DO POVO GAY” NO LAMPIÃO DA ESQUINA



FONTE: Lampião da Esquina nº 20, janeiro de 1980.

No dia 3 de fevereiro de 1980 foi realizada a reunião preparatória do 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO) e 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO). Participaram representantes dos grupos: *Atuação Lésbico-Feminista* (São Paulo/SP), *Aué* (Rio de Janeiro/RJ), *Eros* (São Paulo/SP), *Libertos* (Guarulhos/SP), *Somos* (Rio de Janeiro/RJ), *Somos* (São Paulo/SP) e *Somos* (Sorocaba/SP).

Conforme a decisão da comissão organizadora, o 1º EBHO e 1º EGHO foram realizados entre os dias 4 e 6 de abril de 1980, em São Paulo. A participação na primeira parte do encontro, realizada na Casa do Politécnico, foi fechada, exclusivamente, para representantes dos grupos organizados credenciados. A sessão plenária, realizada no último dia à tarde, no Teatro Ruth Escobar, foi aberta à participação de todos¹³⁷

¹³⁷ POVO guei se reúne em São Paulo. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro. p. 14. ano 2, n. 23, abr. 1980. (Ativismo).

A edição nº 24 ocupou, além da capa, seis das dezesseis páginas com o “noticiários completo sobre o 1º EBHO”.

FIGURA 23 - I EBHO NA SEÇÃO ATIVISMO DO LAMPIÃO DA ESQUINA

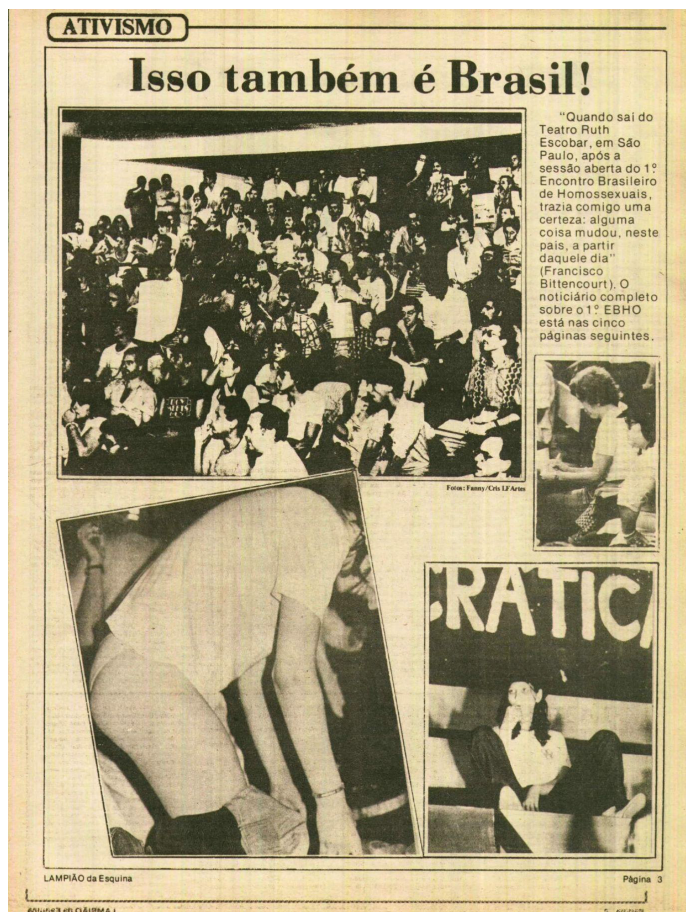


IMAGEM 14 - Primeira página da cobertura dada pelo Lampião (nº 24, p. 3) ao I EBHO.

Para analisar as violências contra homossexuais concretizadas por meio de prisões arbitrárias, fechamento e dificuldade do funcionamento de espaços de sociabilidade, censura de obras que tematizam às homossexualidades, entre outras formas de repressão, física e simbólica, durante a ditadura, o pesquisador Renan Quinalha desenvolveu o termo “ditadura hétero-militar”. O autor, analisou a “dimensão sexo-gênero na elaboração das tecnologias repressivas e dos dispositivos disciplinares voltados aos setores considerados moralmente indesejáveis”¹³⁸ e elaborou a expressão “ditadura hétero-militar” para referir-se ao regime autoritário que durante 21 anos (1964-1985) governou o Brasil. O termo

¹³⁸ QUINALHA, Renan Honório. Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. p. 24.

busca chamar a atenção para que a perseguição foi dirigida não apenas a opositores políticos do regime, mas “diversos outros dispositivos legais e contravencionais, tais como ‘ato obsceno em lugar público’, ‘vadiagem’ ou violação à ‘moral e aos bons costumes’, foram intensamente mobilizados para perseguir as sexualidades desviantes.”¹³⁹

O Relatório da Comissão Nacional da Verdade, Volume II, Textos Temáticos, Texto 7: “Ditadura e Homossexualidades” traz uma análise que aproxima muito a relação das duas ditaduras, a paraguaia e a brasileira, em relação às dissidências sexuais/ de gênero:

Essa ideologia [que justificou o golpe pelos militares] continha claramente uma perspectiva homofóbica, que relacionava a homossexualidade às esquerdas e à subversão. Acentuou-se, portanto, assumida agora como visão de Estado, a representação do homossexual como nocivo, perigoso e contrário à família, à moral prevalente e aos “bons costumes”. Essa visão legitimava a violência direta contra as pessoas LGBT, as violações de seu direito ao trabalho, seu modo de viver e de socializar, a censura de ideias e das artes que ofereciam uma percepção mais aberta sobre a homossexualidade e a proibição de qualquer organização política desses setores.¹⁴⁰

Na dissertação “Corpos abjetos e amores malditos: homossexualidade, anonimato e violência institucional na ditadura stronista em Assunção, 1959” a pesquisadora Clara Cuevas problematiza a formação da amoralidade homossexual, como ela foi construída para fomentar um pânico social, bem como a constituição de um inimigo público anormal número um: o homossexual. Essa violência sobre os corpos considerados desviantes, abjetos, ou seja, contra todas as sexualidades, expressões e identidades de gênero não hegemônicas e sexualidades dissidentes empreendida pelo aparato repressivo de um governo autoritário orientado por uma ideologia conservadora aproxima muito as ditaduras brasileira e paraguaia.

Como visto, as operações de “limpeza” empreendidas em São Paulo pelo delegado Richetti aproximam-se do ocorrido na ditadura stronista do Paraguai - saneamento de patologias morais - tanto na forma quanto na motivação. Nas palavras de Cuevas: “Em uma batalha travada contra a ‘patologia’ homossexual, a urbanização em marcha, assim como a moralização, exigem um aparato de controle

¹³⁹ QUINALHA, Renan Honório. Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. p. 25.

¹⁴⁰ Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, 2014, p. 301.

incisivo contra as doenças transmissíveis, mas também morais, pois o saneamento urbano deveria ser completo.”¹⁴¹.

No dia 13 de junho de 1980 reuniram aproximadamente mil pessoas em frente ao Teatro Municipal, no centro de São Paulo, para protestar contra a violência policial comandada pelo delegado José Wilson Richetti. Debaixo de chuva e de certo clima de tensão, bichas e lésbicas começaram a se reunir e “foram se abrindo algumas faixas que pediam a exoneração de Richetti, protestavam contra a prisão cautelar ali experimentada e exigiam o fim da violência policial, da discriminação racial e a libertação de putas e travestis”¹⁴²

Segundo Trevisan, após o ato público nada indicava que a repressão iria diminuir. Apesar de ter afirmado que puniria as arbitrariedades policiais, o Secretário de Segurança de São Paulo, Desembargador Otávio Gonzaga Júnior, declarou que “não será esse o pretexto de que poderão valer-se aqueles que infringem as leis, ou atentem contra a moral e os bons costumes, para voltar a constranger a sociedade com seus desvios de comportamento”¹⁴³.

Num contexto de distensão e abertura política da ditadura militar rumo à democracia, fase ainda muito marcada pelo conservadorismo moral concretizado por meio de ações autoritárias, principalmente dos agentes de segurança pública, emergiu o movimento homossexual brasileiro ou, nas palavras do historiador Carlos Fico: “Não chega a ser surpreendente que o aparato de repressão da ditadura tenha incorporado o tradicional moralismo preconceituoso de largos setores da sociedade brasileira de então, mas é notável que, em fase tão obscura, tenha surgido um expressivo movimento LGBT no Brasil”.¹⁴⁴

O início do MHB também foi marcado pela forte desconfiança com as esquerdas tradicionais/ ortodoxas que ao priorizarem a resistência à ditadura e a chamada “luta maior” (luta de classes) considerava divisionista e não prioritárias as reivindicações dos novos movimentos sociais como o dos negros, mulheres, homossexuais e ecologistas (luta menor).

¹⁴¹ CUEVAS, Clara. *Corpos abjetos e amores malditos: homossexualidade, anonimato e violência institucionais na ditadura stonista em Assunção, 1959. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015, p. 63.*

¹⁴² TREVISAN, João Silvério. *São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. Lâmpião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 18, ano 3, n. 26, jul. 1980 (Violência).*

¹⁴³ TREVISAN, João Silvério. *São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti. Lâmpião da Esquina. Rio de Janeiro, p. 3, ano 3, n. 33 (Violência).*

¹⁴⁴ FICO, Carlos. Prefácio. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan (org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFCar, 2014, p. 16.*

Os poucos fragmentos trazidos pelo artigo, parciais, pois priorizaram uma fonte, o jornal *Lampião da Esquina*, buscaram apontar as dimensões políticas do MHB, como o movimento ainda em fase de organização produziu reflexões sobre a própria realidade e suas formas de ação. Como experimentaram e empreenderam formas de resistência pela organização (criação de grupos, articulação desses grupos por meio de um movimento e da realização de encontros) e pelo protesto (como a passeata contra a violência policial).

O movimento que buscou politizar as identidades homossexuais teve como principal porta-voz o *Lampião da Esquina*, responsável por fazer circular discursos favoráveis sobre as homossexualidades, apontando para absoluta compatibilidade entre a vivência das suas sexualidades e a plena realização pessoal. E fez isso por meio das mais variadas estratégias: dos ensaios acadêmicos e indicação de livros ao mapeamento e divulgação dos locais de sociabilidade homossexual, sem abrir mão do discurso irreverente e debochado. O convite às novas assinaturas sintetiza o tom que predominou em pouco mais de três anos de (r)existência: “Não fique aí sentado esperando a Revolução. Tenha um orgasmo agora!!! Leia e assine *LAMPIÃO*”.

FIGURA 24 - NÃO FIQUE AÍ SENTADO ESPERANDO A REVOLUÇÃO... TENHAM UM ORGASMO AGORA!!! LEIA E ASSINE LAMPIÃO



FONTE: *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, jun. 1981, p. 15.

3.2. O Somos: Grupo de Afirmação Homossexual

[...] o movimento homossexual tem mais necessidade hoje de uma arte de viver do que de uma ciência ou de um conhecimento científico (ou pseudociência) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte da nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, por meio deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa.

Michel Foucault¹⁴⁵

O contemporâneo movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexos e outras identidades sexuais e de gênero não hegemônicas (LGBTI+) emergiu no Brasil em 1978 com outro nome, movimento homossexual brasileiro (MHB). O núcleo que deu origem ao primeiro grupo, o *Somos: grupo de emancipação homossexual*, foi criado em maio de 1978¹⁴⁶. Antes, em 1976, na cidade de São Paulo, um grupo de homossexuais se reuniu para discutir seus “problemas”, mas predominando entre os participantes sentimentos como “culpa, o autodesprezo e ausência de autoimagem”¹⁴⁷, o grupo se diluiu em poucos meses.

Se pensarmos nos movimentos de liberação (homos)sexual da Europa e Estados Unidos, o início desse movimento no Brasil ocorreu praticamente uma década depois. Enquanto diversos países, inclusive nossa vizinha Argentina, experimentaram a emergência de grupos e de um movimento de homossexuais na segunda metade da década de 1960, aqui nesse período tivemos o recrudescimento da repressão com o Ato Institucional nº 5 (AI-5) em dezembro de 1968. Segundo James Green:

Os anos de 1967 e 1968 foram muito importantes mundialmente porque foi um momento de questionamento de papéis de gênero, sexualidade, identidade. Surgem novas propostas identitárias, movimentos sociais de gays tanto na Europa, quanto nos EUA e América Latina. Aqui no Brasil

¹⁴⁵ MICHEL Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política da identidade. In Revista Verve v.5, São Paulo: Nu-Sol, 2004, p. 275-276. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/verve> Acesso em: 15 jul. 2021

¹⁴⁶ Diferentemente das turmas que tinham um caráter mais festivo e de sociabilidade, o *Somos* e organizações que surgem na sequência e que se autodenominavam “movimento homossexual brasileiro” tiveram atuação focada na dimensão política das (homo)sexualidades. Exemplo: a organização e realização em 13 de junho de 1980 da manifestação contra a violência policial coordenada pelo delegado Richetti.

¹⁴⁷ TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 339

também surgem, nesse período, novas maneiras de entender o corpo, a sexualidade e o gênero. E depois de um ano muito intenso de mobilizações contra a ditadura veio o AI-5, em 1968, que abafou totalmente qualquer possibilidade de formação de novos movimentos sociais. Meu argumento é que se não houvesse o AI-5 e essa repressão da ditadura, se houvesse um estado como o JK, um governo Jânio Quadros ou João Goulart, certamente teria surgido, em 1968, 1969, o mesmo tipo de organizações que existiam na Argentina ou em Nova York, organizações LGBT, feministas, que iriam forjar movimentos de questionamento do conservadorismo da sociedade brasileira.¹⁴⁸

Com praticamente uma década de diferença em relação ao movimento de países como Estados Unidos e Argentina, tem início o movimento homossexual brasileiro com a criação do pioneiro grupo *Somos*.

Durante a ditadura militar, a repressão no Brasil ocorreu de maneira menos explícita em relação às dissidências sexuais e de gênero, em comparação com países como a Argentina, onde a perseguição contra homossexuais foi mais direta. No Brasil, a repressão a esses grupos muitas vezes se baseou em um discurso moralista e de defesa da família, o que permitiu que a repressão fosse justificada como um meio de conter supostos desvios.

É crucial destacar a associação que alguns ideólogos do regime militar faziam entre homossexualidade e subversão. Sob essa perspectiva, a homossexualidade era vista como algo que poderia minar os valores tradicionais da família e da sociedade, bem como ser vinculada à subversão política. Essa associação contribuiu para a justificativa da repressão e para a marginalização dessa comunidade.

Embora não houvesse previsão legal que criminalizasse as homossexualidades, a repressão foi manifesta em práticas como prisões arbitrárias, extorsões, perseguições policiais e até mesmo em demissões de cargos públicos com base na orientação sexual.

Em carta publicada na edição número três (julho/ agosto de 1978) do *Lampião da Esquina* o grupo que inicialmente identificava-se como *Ação pelos Direitos dos Homossexuais* e que passaria a chamar-se *Somos* em homenagem à Frente de Libertação Homossexual (FLH), coletivo argentino que entre os anos de 1973 e 1976 publicou um boletim com o nome de “Somos”, apresenta-se, “Somos um grupo de homossexuais da Paulicéia Desvairada, que está se reunindo para

¹⁴⁸ GREEN, James. “O AI-5 atrasou por anos o movimento gay brasileiro”. Carta Capital, 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br>>. Acesso em: 18 jul. 21.

conversar e discutir sobre a nossa sexualidade, a partir das nossas próprias vivências”¹⁴⁹, e faz uma análise detalhada e cheia de sugestões ao *Lampião*, carta essa de junho de 1978 e primeira manifestação externa do grupo.

O debate sobre “minorias” realizado na Universidade de São Paulo em 8 de fevereiro de 1979 foi a primeira participação de integrantes do *Somos* em evento público, atividade responsável pela consolidação do grupo. O debate contou com a cobertura jornalística do *Lampião* com a reportagem “Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita”. Estiveram na mesa representantes tanto do *Lampião* quanto do *Somos*, na discussão que tratou um grande leque de assuntos e gerou perplexidade pela existência dessa “nova militância” rompendo com sua invisibilidade, já trouxe esse grande debate do incipiente MHB: autonomia *versus* aproximação ou até submissão à “luta de classes” ou “luta maior”. Um fragmento de declaração de um participante, dada durante esse debate, ilustra esse embate:

Eu vou dizer agora o que metade desse auditório está sequeioso ouvir. Vocês querem saber se o movimento guei é de esquerda, de direita ou de centro não é? Pois fiquem sabendo que os homossexuais estão conscientes de que para a direita constituem um atentado à moral e à estabilidade da família, base da sociedade. Para os esquerdistas, somos um resultado da decadência burguesa. Na verdade, o objetivo do movimento guei é a busca da **felicidade** e por isso é claro vamos lutar pelas liberdades democráticas. Mas isso sem um engajamento específico, um alinhamento automático com grupos da chamada vanguarda (grifo do autor)¹⁵⁰

Existia uma estreita ligação entre o *Lampião* e o *Somos*, inclusive algumas pessoas como João Silvério Trevisan colaboraram nos dois. Trevisan, que também foi responsável pela tentativa da organização do grupo de homossexuais em 1976, havia regressado meses antes ao Brasil depois de um período de autoexílio no qual teve contato com grupo de liberação (homos)sexual nos Estados Unidos. A inspiração para a criação do *Lampião da Esquina* também vem de outro periódico estadunidense, o *Gay Sunshine*, quando, no fim de 1977, seu editor chefe, Winston Leyland, veio ao Brasil visando reunir material para a publicação de uma coletânea de literatura latino-americana homossexual. Nesse episódio reuniram-se no apartamento do artista plástico Darcy Penteado alguns jornalistas, escritores,

¹⁴⁹ LAMPIÃO é desnudado. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 14, ano 1, n. 3, jul./ ago. 1978 (Cartas na Mesa).

¹⁵⁰ DANTAS, Eduardo. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: Felicidade também deve ser ampla e irrestrita. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 9, ano 1, n. 10, mar. 1979 (Reportagem).

artistas e intelectuais homossexuais e dali surgiu a proposta da criação de um jornal “feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo país¹⁵¹”, materializada com a criação do *Lampião*.

É indiscutível a inspiração do movimento homossexual brasileiro nas incitativas e esforços de outros países para a superação do preconceito e discriminação de pessoas fora do padrão hétero-cis-normativo. O *Lampião* teve papel central nessa circulação de ideias e, após o início do grupo, da experiência do *Somos*. Em 1977 o jornal noticiou a publicação da edição traduzida da História da Sexualidade de Michel Foucault:

Intitulado **A Vontade de Saber**, este primeiro volume da “História da Sexualidade” nos introduz por entre os meandros densos, enganosos, repressivos, fantasiosos que o homem ocidental encontrou para referir-se ao sexo, criando o que Foucault chama de uma **scientia sexualis** em oposição à cultura oriental que sempre possui uma **ars erótica**.¹⁵²

Em entrevista dada por Foucault em 1984, em Toronto, o pensador francês trouxe diversas reflexões a respeito do movimento homossexual que possibilitam analisar os debates em torno da autonomia, questão que levou a diversas cisões tanto dentro do pioneiro *Somos* com a criação do *Grupo Outra Coisa*, quanto dentro do próprio movimento que levou a criação por um grupo de ativistas do movimento homossexual autônomo (MHA), contrapondo e diferenciando-se do movimento homossexual brasileiro (MHB) mais comumente adotado para referir-se ao conjunto dos grupos de homossexuais. Segundo Foucault:

Depois do século XIX, as grandes instituições políticas e os grandes partidos políticos confiscaram o processo de criação política, quero dizer com isso que eles têm tentado dar à criação política a forma de um programa político, com a finalidade de se apoderar do poder. Penso que é necessário preservar o que se produziu nos anos sessenta e no início dos anos setenta. Uma das coisas que é preciso preservar, em meu ponto de vista, é a existência, fora dos grandes partidos políticos, e fora do programa normal e comum, de uma certa forma de inovação política.¹⁵³

Como grande responsável por fazer circular discursos contra-hegemônicos sobre as (homo)sexualidade, sobre o direito ao prazer, ao uso do próprio corpo e contrapondo-se aos grandes veículos da imprensa a serviço da - manutenção - da

¹⁵¹ TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 338.

¹⁵² A HISTÓRIA da sexualidade. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 13, ano 1, n. 3, jul./ ago. 1978 (Tendências).

¹⁵³ MICHEL Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política da identidade. In *Revista Verve* v.5, São Paulo: Nu-Sol, 2004, p. 276. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/verve> Acesso em: 15 jul. 2021

heterossexualidade, sua maior importância provavelmente consiste em tornar pública a experiência do *Somos* inspirando a criação de diversos grupos que se (in)formavam por meio dele. E sobre essa experiência do *Somos*, a expectativa inicial foi reunir os homossexuais fora dos espaços comuns de sociabilidade como bares e boates, mas também pretendia:

Queríamos, sem dúvida, propor uma maneira específica de fazer política, rompendo possivelmente com as propostas autoritárias e patriarcais da esquerda tradicional. [...] Era fundamental desfazer o muro entre política e vida pessoal: nossas trepadas (nosso prazer) eram atos políticos e nossa atuação política (no sentido de mudança social direta) devia estar cheia de ternura que tínhamos aprendido fora e debaixo dos lençóis.¹⁵⁴

Buscando estabelecer uma ligação entre as práticas do *Somos* trazidas pelo *Lampião* as reflexões de Foucault para quem, partindo da constatação do fracasso dos programas sociais e políticos, feitas desde a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), são benéficos modelos institucionais feitos sem a necessidade de programas e que “[...] não ter programa pode ser ao mesmo tempo, muito útil, muito original e muito criativo, se isso não quer dizer não ter reflexão real sobre o que acontece ou não se preocupar com o que é impossível.”¹⁵⁵

O *Somos* buscou um formato de grupo sem a necessidade de hierarquias e lideranças. Num primeiro momento o grupo, que reunia-se semanalmente com discussões em torno da sexualidade predominando, buscava “alcançar uma identidade enquanto grupo social e recuperar a consciência individual, a partir da homossexualidade comum a todos”¹⁵⁶ Numa segunda fase, após o crescimento do grupo e da sua divisão em subgrupos - de identificação, de estudos, de atuação externa, de serviços, de atividades artísticas e de expressão não verbal - no subgrupo de identificação pessoal as discussões e debates buscavam “crescimento da consciência individual e o reforço de identidade, a partir dos dados e discussão das vivências pessoais”¹⁵⁷.

Sobre isso é interessante observar que Foucault, apesar de suas reflexões sobre o “problema da identidade” que tende a restringir o potencial criativo, a ser

¹⁵⁴ GRUPO SOMOS: uma experiência. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 2, ano 1, n. 12, maio 1979 (Esquina).

¹⁵⁵ MICHEL Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política da identidade. In *Revista Verve* v.5, São Paulo: Nu-Sol, 2004, p. 275-276. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/verve> Acesso em: 15 jul. 2021

¹⁵⁶ GRUPO SOMOS: uma experiência. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 2, ano 1, n. 12, maio 1979 (Esquina).

¹⁵⁷ GRUPO SOMOS: uma experiência. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 2, ano 1, n. 12, maio 1979 (Esquina).

essencializada e tornar-se uma “regra ética universal”, reconhece a importância ou utilidade política dessa identidade: “[...] se a identidade é apenas um jogo, apenas um procedimento para favorecer relações, relações sociais e as relações de prazer sexual que criem novas amizades, então ela é útil.”.

A questão da identidade foi muito relevante nos primeiros grupos, e até mesmo central num primeiro momento. Buscava-se forjar outra identidade que possibilitasse às/ aos frequentadores dos grupos criar uma autoimagem mais positiva. Esse processo de construção também passou pela busca de referências históricas e culturais que contribuíssem para a superação de algo que hoje chamamos de homo-lesbo-bi-transfobia internalizada. Seja olhando para as culturas “antigas” que vivenciavam as sexualidades não heterossexuais de maneira diversa ou na busca de relatos de viajantes que durante o Brasil colônia constataram que as homossexualidades não era tabu entre os indígenas e até mesmo rememorando o assassinato em massa de homossexuais durante o regime nazista, buscava-se construir dessa maneira uma história, memória e cultura LGBTI+ mais positiva.

O *Lampião* tematizou com muita frequência a violência em suas páginas, não somente a violência contra travestis e homossexuais, mas também o machismo, racismo e a discriminação específica sofrida por lésbicas. Um exemplo é entrevista de Leci Brandão, mulher, lésbica, negra, componente da ala de compositores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, que permite perceber como os preconceitos se sobrepõem, numa abordagem que hoje nomearíamos como interseccional.

Reconhecida pelo Relatório Temático da Comissão Nacional da Verdade como artista mais censurada durante a ditadura militar (1964-1985)¹⁵⁸, Cassandra Rios, mulher lésbica e escritora que frequentemente inseria personagens fora do padrão hétero-cis-normativo como travestis e “cenas” de homoerotismo lésbico, inclusive como conotações sadomasoquistas, figurou no *Lampião* pelo menos duas vezes, sendo numa delas como destaque de capa, na edição nº 5, com o título “Cassandra Rios ainda resiste: com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever”.

A primeira manifestação de rua realizada pelo MHB foi uma passeata contra a violência policial realizada em 13 de junho de 1980. Se até aquele momento a violência praticada pelos agentes de segurança do estado era alvo frequente de

¹⁵⁸ Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, 2014, p. 305.

denúncias nas páginas do *Lampião*, em São Paulo os movimentos sociais, principalmente de negros, mulheres e homossexuais, cansados de dizer não, resolvam partir para a ação. Para Foucault: “Dizer *não* constitui a forma mínima de resistência. Mas, naturalmente, em alguns momentos é muito importante. É preciso dizer *não* e fazer deste não uma forma decisiva de resistência.”¹⁵⁹. A manifestação denunciou principalmente a violência policial comandada pelo delegado José Wilson Richetti. Apesar de um número pequeno de participantes, cerca de mil, a manifestação trouxe para a rua faixas e palavras de ordem carregadas de deboche, e a cobertura dada pelo *Lampião* praticamente nos transporta para lá. Segundo a reportagem, logo que se formou a manifestação novas frases - palavras de ordem - foram surgindo:

RICHETTI ENRUSTIDA, DEIXA EM PAZ A NOSSA VIDA, UM DOIS TRÊS RICHETTI NO XADREZ, ABAIXO O SUBEMPREGO MAIS TRABALHO PARA O NEGRO. E muitas manifestantes se espantaram quando algumas feministas puxaram um refrão longamente por todos repetido: por todos SOMOS TODAS PUTAS.

FIGURA 25 - PASSEATA CONTRA A VIOLÊNCIA POLICIAL EM SÃO PAULO (1980)



FONTE: *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 18, ano 3, n. 26, jul. 1980 (Violência).

¹⁵⁹ MICHEL Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política da identidade. In *Revista Verve* v.5, São Paulo: Nu-Sol, 2004, p. 268. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/verve> Acesso em: 15 jul. 2021

O *Lampião* foi o grande responsável por “furar o sinal amarelo” e possibilitar, por meio da divulgação da experiência do *Somos*, o surgimento de diversos grupos do norte ao sul do Brasil. O jornal teve o reconhecimento da sua importância por entrevistados em diversas vezes, inclusive para o *Somos*:

Até o LAMPIÃO aparecer, não existia nada, mas nada mesmo, comparável nas bancas, nos jornais, no cinema, na tevê. Não existia nada que pudesse nos dar esperança, criar a possibilidade de um trabalho coletivo. A sobrevivência do *Somos* depende do LAMPIÃO como canal, e da própria atuação do grupo.¹⁶⁰

A importância da cobertura e o espaço dado para o MHB nas páginas do *Lampião* não era consenso nem mesmo entre os diversos envolvidos na sua produção. O grupo de colaboradores de São Paulo pretendia um jornal mais politizado enquanto os redatores do Rio de Janeiro vislumbravam uma publicação mais voltada para o entretenimento, talvez por esse motivo os conteúdos sobre os grupos e o movimento privilegiam São Paulo e criem a impressão que toda a articulação do MHB se deu a partir de lá.

As páginas do *Lampião* também permitem perceber que de um lado, parte do MHB desejava um movimento autônomo, aberto às experimentações, à criação. Do outro, pessoas que entendiam que o movimento deveria dialogar com os atores políticos tradicionais como os partidos políticos, inclusive adotar os modelos hierarquizados com lideranças estabelecendo as direções a serem adotadas, próximos inclusive dos modelos adotados pelas esquerdas mais ortodoxas. Se olharmos em perspectiva perceberemos que o segundo grupo “venceu”. Acioando novamente as reflexões de Foucault sobre a necessidade da criação de uma nova vida cultural, da inovação sob a condução de nossas escolhas sexuais, parece-nos que o movimento acabou sendo assimilado pelo modelo hetero-cis-normativo, que o MHB ou sua versão mais contemporânea, movimento LGBTQIA+, não conseguiu ir mais longe do que as reivindicações de políticas públicas e direitos humanos, nome adotado inclusive pelas conferências nacionais sobre essa temática, “Conferência nacional de políticas públicas e direitos humanos de LGBT”.

¹⁶⁰ O PESSOAL do *Somos* (um debate). *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro. p. 7. ano 2, n. 16, set. 1979 (Reportagem).

3.2.1. Boletim O Corpo

Publicado inicialmente com o nome *Suruba: um jornal com muito prazer* (janeiro de 1980), foi produzido em papel ofício, datilografado, fotocopiado, e dobradas ao meio, escolhas que traziam dificuldade à reprodução e foram explicadas no editorial: “Não queremos optar pelo mimeógrafo a álcool [...] porque esta opção, além de lenta, resulta num trabalho de péssima qualidade.”¹⁶¹ Nas 14 páginas foram estampadas notícias e informações sobre a atuação do grupo em “seções” dos sub-grupos do Somos: sub-grupo de pesquisa e informação, subgrupo de correspondência e recepção, sub-grupo de publicações e novas propostas, além de carta e opiniões.

O boletim foi renomeado como *O Corpo* devido às reclamações sobre o nome. No nº 0 - experimental - de novembro de 1980 consta o valor de comercialização (Cr\$ 30,00) e como destaque de capa “o travesti sem clichês” (sic.) e “um pouco da nossa história [do grupo *Somos*]”. Essa edição foi produzida em papel jornal, além das reportagens da capa trouxe publicações como a entrevista “TERRA MARIA - OPÇÃO LÉSBICA” com integrantes do novo grupo de lésbicas feministas, “SÃO PAULO, QUE TESÃO!” com o roteiro de sociabilidade e pegação homossexual e “FALAM OS NEGROS” sobre o Grupo de Negros Homossexuais.

A edição nº 1 (dezembro de 1981/ janeiro de 1982) foi produzida no mesmo formato e qualidade do *Suruba* sendo aparentemente comercializado (Cr\$ 20,00). Nessa edição a manchete de capa e a reportagem principal tratou o “casamento homossexual”, o editorial explicou o retorno a uma produção artesanal, a falta de apoio financeiro para produção:

Hoje, depois de várias tentativas e experiências acumuladas, como, por exemplo, o jornal “Suruba” que circulou nos meses de novembro/79 e janeiro/80, e o boletim “Leva e Traz”, que circulou nos meses de maio e junho de 80, a gente retornou a nossa ideia. Já que não podemos fazer um jornal de nível profissional, optamos por este simples boletim artesanal, sem grandes pretensões, mas que atingisse aqueles mesmos objetivos propostos inicialmente: de divulgar o nosso grupo e as nossas atividades.¹⁶²

E edição nº 3 (dezembro 82/ janeiro 83), vendido por Cr\$ 50,00, com impressão em azul em papel ofício publicou “Matam bichas na Argentina assinado pelo militante homossexual Néstor Osvaldo Perlongher (pág. 3) e “Autonomia dois

¹⁶¹ SURUBA: um jornal com muito prazer. ANO UM, nº 1, jan. 1980 (Editorial. Acervo: Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade.

¹⁶² O CORPO. Nº 1, dez. 81/ jan. 81. (editorial). Acervo: Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

anos depois” (pág. 05) sobre a polêmica e, torno da autonomia *versus* diálogo e aproximação com os agrupamentos da esquerda:

No Movimento Homossexual Brasileiro - MHB - a autonomia tem sido motivo de várias polemicas, manobras, brigas, ruptura de casos e arranhões. Acabou num racha ou dois ou três. Motivo: a "imagem do Somos-SP" estaria muito ligada à imagem da Convergência Socialista (CS)". A ameaça deste "perigo vermelho" responderam num pique-nique no dia 19 de maio de 1980, como negativa E presença no ato do ABC pelo Dia dos Trabalhadores, de importância realçada pelas recentes greves.¹⁶³

FIGURA 26 - CAPA DO BOLETIM “SURUBA” E “O CORPO” DO GRUPO SOMOS



FONTE: Acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

3.2. Facção Homossexual da Convergência Socialista

De produção simples, uma folha ofício colorida fotocopiada nas duas faces e dobrada ao meio, o boletim produzido pela Facção Homossexual da Convergência Socialista¹⁶⁴ apresentou e justificou a criação do grupo na primeira edição:

Quando a Convergência Socialista foi fundada em agosto de 78, inclui-se no seu programa a luta contra a discriminação do

¹⁶³ O CORPO. Nº 3, dez. 82/ jan. 83. (Autonomia dois anos depois). Acervo: Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

¹⁶⁴ As duas edições - nº 1 e 2 - do boletim da Facção Homossexual da Convergência Socialista foram digitalizados e disponibilizados no site do Cedoc LGBTI/ Grupo Dignidade em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/facao-homossexual-da-convergencia-socialista/>

homossexual. Em julho de 79 formou-se um grupo de homossexuais dentro da CS que se propunha a analisar a opressão e discriminação com métodos marxistas para partir para a ação concreta nesse sentido. Com a formação desse grupo, a CS tornou-se a primeira organização política da América do Sul a adotar a luta homossexual não só na teoria do seu programa, mas também na prática. (Facção Homossexual CS, Boletim nº 01, abril de 1981)¹⁶⁵

As duas edições acessadas para a pesquisa trazem conteúdos como a 1ª Conferência Nacional da CS realizada nos dias 14 e 15 de março de 1981, uma retrospectiva sobre o MHB destacando o 1º de maio de 1980 em São Bernardo que teve a participação de aproximadamente 50 homossexuais e a passeata contra a violência policial coordenada pelo delegado Richetti em São Paulo. Sobre o MHB e a tentativa da organização do II Encontro Brasileiro de Grupo Homossexuais Organizados, o boletim traz “[...] ficou claro que o MH é composto de pequenos grupos espalhados pelo país. Em geral, os grupos não estão crescendo, não conseguem atingir muitos homossexuais dos guetos e há desgaste e confusão em muitos grupo sobre os rumos do MH.”¹⁶⁶.

Na segunda edição, de maio e junho de 1981, que traz a estrela do PT na capa, a reportagem central intitulada HOMOS PT SEXUAIS explica a opção pelo partido político:

“[...] nós, conjuntamente com outros militantes e simpatizantes do PT formamos um grupo de militantes homossexuais construindo o PT, a fim de, organizadamente, ampliar e aprofundar a discussão sobre a questão homossexual e o movimento social, dentro e fora do partido.”.

A mesma edição noticia a realização do I Encontro Paulista de Grupos Homossexuais Organizados, realizado em 14 e 15 de junho de 1981 com a participação do Somos, Ação Lésbica-Feminista, Alegria Alegria e Facção Homossexual da Convergência Socialista. O conteúdo publicado da conta que o encontro paulista foi realizado uma semana depois do I Encontro dos Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste, que as duas articulações locais tiveram como motivação a não realização do II Encontro Nacional programado para a semana santa de 1981 no Rio de Janeiro.

¹⁶⁵ BOLETIM DA FACÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA. Nº 01, abril de 1981.

¹⁶⁶ BOLETIM DA FACÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA. Nº 01, abril de 1981.

FIGURA 27 - CAPA DO BOLETIM FACÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA



FONTE: Acervo do Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade

3.3. Chanacomchana (GALF)

Com exceção da edição zero elaborado pelo grupo Lésbico-Feminista para disponibilização no III Encontro da Mulher Paulista em março de 1981 (feito em papel jornal, formato tabloide, reproduzido industrialmente??? e com uma dobra), produzido pelo Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF) o boletim Chanacomchana¹⁶⁷ era confeccionado artesanalmente. Segundo Miriam Martinho, os boletins Chanacomchana eram produzidos:

confeccionando as matrizes (bonecos) das publicações com textos datilografados, num layout pop-pobre que misturava colagens de fotos, textos, letras adesivas, guache, nanquim, corretivos, etc, aproveitando um pouco de minha experiência com artes plásticas.

¹⁶⁷ Miriam Marinho, ativista que integrou o GALF e teve participação central na produção dos boletins Chanacomchana, disponibilizou as edições completas e formato digital no site Um Outro Olhar: <https://www.umoutroolhar.com.br/2021/07/memoria-lesbiana-um-raio-x-dos-boletins.htm>

FIGURA 28 - EDIÇÃO Nº 0 E Nº 1 DO BOLETIM CHANACOMCHANA



FONTE: Outro olhar

Da sua comercialização em locais de sociabilidade, surgiu um dos episódios mais conhecidos do movimento, a revolta do Ferro's Bar. Proibidas de comercializar o boletim pelo proprietário, as integrantes do GALF organizaram um ato político, ocupando o bar no dia 19 de agosto de 1983. A data é celebrada anualmente como o dia do orgulho lésbico.

O evento é comparado por muitos ativistas ao levante de Stonewall quando, cansados das constantes batidas policiais com prisões arbitrárias e extorsões, homossexuais frequentadores do Stonewall In, um bar localizado em xxx, orquestram uma reação. A data foi posteriormente cristalizada como dia do orgulho LGBTI+, comemorado todos os anos em 28 de junho, dia do levante.

Os dois episódios convertidos em datas comemorativas demonstram como o movimento social, nesse caso o movimento LGBTI+, produz seu calendário com os próprios marcos, datas com relevância histórica para esses grupos.

Ainda segundo relato de Martinho, a impressão era realizada nas gráficas dos diretórios acadêmicos de faculdades e da Câmara Municipal na cota de parlamentares como a vereadora Irede Cardoso. Após 12 edições (13 contando a

edição experimental?), em setembro de 1987 o boletim foi substituído pelo boletim Um Outro Olhar.

A última edição do boletim foi publicada em 1987. Segundo a pesquisadora Júlia Glaciela da Silva Oliveira, autora de “Chanacomchana: a radicalidade da imprensa lésbica-feminista”:

Nestes seis anos, o periódico trouxe importantes reflexões sobre os dilemas encarados por muitas mulheres ao se assumirem como homossexuais, sobretudo nas relações familiares e de trabalho. Para lançar luz a este campo, a publicação fez uso de artigos teóricos e de uma linguagem gráfica, muitas vezes sarcástica, para tocar em temas como repressão policial, violência de gênero, direitos homossexuais e, também, para tecer críticas ao movimento feminista mais amplo e à esquerda tradicional.¹⁶⁸

3.4. Luta maior *versus* luta menor: a tensão entre o MHB e as esquerdas ortodoxas

No livro *Sexo e Poder* coordenado por Guido Mantega encontra-se transcrito “As minorias sexuais”, debate realizado entre Jean-Claude Bernadet (crítico de cinema), Inês Castilho (jornalista do periódico Nós Mulheres), Raquel Moreno (militante feminista), João Silvério Trevisan (escritor), Edécio Mostaço (ator e diretor de teatro) e Cesar Augusto de Carvalho (professor de teoria política). o debate a cerca dos movimentos sociais “minoritário” teve como fio condutor buscar o significado desses movimentos e sua relação com o conjunto da sociedade. Já no início do debate surge, para além do uso da expressão minoria como forma de colocar as questões específicas das mulheres, negros, indígenas e homossexuais como secundários em detrimento do debate classista, o problema, observado por Trevisan, da definição do que é político e/ou politicamente relevante:

[...] Dentro de uma velha definição de “política”, enquanto tomada do poder, por vias eleitorais ou não, existem realmente minorias. Acho que é dentro dessa conceituação de “ação política” que tem sido utilizado, o termo “minorias”. Mas me pergunto se trepar também não é um ato político. Porque existem vários níveis de ação política. A mulher, o negro e o homossexual têm problemas específicos, outros comuns. Mas somos, todos igualmente definidos como minoria porque nossos problemas, de um ponto de vista dogmáticos, são, na verdade, considerados como politicamente irrelevantes.¹⁶⁹

¹⁶⁸ OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. Chanacomchana: a radicalidade da imprensa lésbica-feminista. In.: MAIOR, Paulo Souto; SILVA, Fábio Ronaldo da. (org.) Páginas de transgressão: a imprensa gay no Brasil. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021, p. 167-168

¹⁶⁹ MANTEGA, Guido (org.). Sexo e Poder. São Paulo: Círculo do Livro; 1ª edição, 1982, p. 124

O debate publicado em janeiro de 1982, ou seja, ainda no período de distensão da ditadura militar e no contexto da guerra fria traz essa que é a discussão que permeou o surgimento dos primeiros grupos do MHB: críticas aos grupos e movimentos políticos mais ortodoxos, denúncias sobre países que passaram por processos revolucionários sem que se tenha feito as transformações estruturais (ou pelo menos o debates delas) das opressões específicas das mulheres, negras e negros e homossexuais. Nas palavras de Raquel Moreno “É um pouco como se a revolução devesse se dar da porta para fora. Dentro de casa não, a gente deve preservar as coisas como estão, para ter melhores condições de modificar o mundo lá fora.” e continua “Pouco importa que essas ‘melhores condições’ acabem, na verdade sendo uma opressão maior das mulheres e de outros grupos”¹⁷⁰. Outro debatedor, Edélcio Mostaço, tecendo críticas e denúncias na esteira do surgimento desses movimentos ditos minoritários - mulheres, negras e negros e homossexuais - sintetiza “Já tivemos inúmeros exemplos de países que passaram de um modo de produção para outro. E, no entanto, não ocorreu a mesma modificação no modo de estruturação social. Por exemplo, veja-se o problema do machismo...” e na sequência Raquel Moreno emenda “na verdade a gente não vive só numa sociedade machista mas também numa sociedade patriarcal...”¹⁷¹

O debate que prossegue com críticas aos lugares-comuns da esquerda, como a dificuldade em relação aos debates específicos, a um tipo de inclusão por meio do consumo, de como certos setores, apesar de estigmatizados, são assimilados pela sociedade patriarcal reproduzindo esses valores traz uma informação importante para as análises propostas nesta pesquisa, Jean-Claude Bernardet narrando que não acredita que no Brasil exista um movimento de emancipação das/ dos homossexuais e sim um movimento de emancipação da classe média é emendado por João Silvério Trevisan “Nem isso - apenas um movimento de autoidentificação: um movimento de tomada de consciência individual de um problema de grupo.”¹⁷².

3.5. A tentativa da realização de encontros e da criação de grupos

O pesquisador Luiz Morando, localizou na imprensa de Minas Gerais e Rio de Janeiro reportagens que, apesar de apresentarem os fatos de maneira

¹⁷⁰ MANTEGA, Guido (org.). Sexo e Poder. São Paulo: Círculo do Livro; 1ª edição, 1982, p. 124

¹⁷¹ MANTEGA, Guido (org.). Sexo e Poder. São Paulo: Círculo do Livro; 1ª edição, 1982, p. 126

¹⁷² MANTEGA, Guido (org.). Sexo e Poder. São Paulo: Círculo do Livro; 1ª edição, 1982, p. 128

discriminatória e fragmentada, dão conta da tentativa da realização de eventos e criação de grupos homossexuais.

Em reportagem intitulada “Congresso desmunheca” publicada no jornal Última Hora (Rio de Janeiro) do dia 15 de setembro de 1966, o jornalista Stanislaw Ponte Preta notícia que:

Em Niterói – terra onde urubu voa de costas – estão sendo apressados os preparativos para a realização do I Congresso Nacional do Terceiro Sexo. Um grupo de transviados ameaça promover na capital fluminense o encontro dos bicharocas, que, além de representarem vários estados, pretendem desfilar em passarela, tipo Maracanãzinho, e com os trajes típicos de sua região.¹⁷³

A reportagem informa que o evento está previsto para ser realizado em duas semanas e segue, e entre adjetivos que buscam ironizar a realização do evento, informando que a peça *Les Girls* será apresentada antes do Congresso e o evento contará com a realização de desfile de moda, penteado e trajes típicos.

E como prova de seriedade, um dos promotores dizia que o I Congresso Nacional do Terceiro Sexo somente tratará de temas importantes. Nossa classe está empenhada em dar um ar de legalidade e seriedade, por meio de temas como o “casamento”, a “felicidade no lar”, “traição” e “ética”.

O mesmo jornalista relatou em reportagens, no dia 4 de outubro de 1966, a decisão do parlamento inglês em manter a criminalização da homossexualidade entre membros das Forças Armadas da Inglaterra¹⁷⁴, e no dia 5, o pedido da Associação de Homossexuais da Holanda à Comissão das Nações Unidas (ONU) para o direito do homem de “um exame, sem preconceito, da sorte desta desgraçada minoria [sic]” argumentando que “os homossexuais são pessoas normais que, contudo, externam suas paixões de maneira distinta.”¹⁷⁵

O *Diário de Minas* publicou notas sobre o mesmo assunto – pedido da Associação de Homossexuais da Holanda à ONU – nos dias 5 e 6 de outubro de 1966. No dia 7 outra reportagem assinalou que “Os homossexuais de Belo Horizonte estão tentando fundar uma associação chamada ‘Liga dos Libertados do Amor’ [e para isso] já consultaram um advogado para saber se podem imitar os ‘travestis’ da

¹⁷³ PRETA, Stanislaw Ponte. Congresso Desmunheca. Última Hora, p. 3, ano 16, n. 5.168. Rio de Janeiro, 15 set. 1966 (2º Caderno). Acervo de Luiz Morando.

¹⁷⁴ PRETA, Stanislaw Ponte. Fofocalizando. Última Hora, p. 3, ano 16, n. 5.181. Rio de Janeiro, 4 out. 1966 (2º Caderno). Acervo de Luiz Morando.

¹⁷⁵ PRETA, Stanislaw Ponte. Fofocalizando. Última Hora, p. 3, ano 16, n. 5.185. Rio de Janeiro, 8 out. 1966, (2º Caderno). Acervo de Luiz Morando.

Holanda, com a sua associação.”¹⁷⁶. Um dia depois, o mesmo jornal, abordou novamente o pedido feito pela associação holandesa à Organização das Nações Unidas, e inspirados nessa organização, foi fundado um grupo em Belo Horizonte¹⁷⁷. Ainda sobre a “Associação dos Libertados do Amor” outra nota afirma que o grupo já teria adquirido sua sede (no bairro “Floresta”) e estaria preparando o estatuto da organização.

A tentativa de realizar “encontros nacionais” também foi publicada no *Diário de Minas*. No início de 1968 houve a tentativa de realizar o “Primeiro Congresso Nacional das Bonecas”, em Petrópolis (RJ), que foi impedida pela polícia “temendo que a presença das bonecas fosse levar um surto de gripe e resfriado para a cidade”¹⁷⁸. O Resultado, segundo outra nota do jornal, foi a prisão de 35 pessoas, gerando um protesto na capital fluminense que acabou em mais prisões.¹⁷⁹

O jornal *Última Hora* publicou uma nota, em junho de 1966, afirmando que em Fortaleza (CE) foram presas “14 ‘bonecas’ que defendiam em praça pública teses a favor do homossexualismo [sic]”¹⁸⁰ e que na prisão elas teriam dito que “Não adianta, em junho todos os Estados do Brasil estarão reunidos em João Pessoa para o I Congresso Nacional dos Enxutos”¹⁸¹. Mais um congresso frustrado pela polícia teria tentado ser realizado em Fortaleza (CE). Segundo a nota “CONGRESSO impedido pela Polícia” retirada de um jornal de Fortaleza, do dia 27 de junho, e publicada no *Diário de Minas*.¹⁸²

Em se tratando de reportagens de jornais de grande circulação, marcadamente preconceituosos na cobertura dada à divulgação da realização desses eventos, não dispomos de mais informações que permitiriam analisar com mais profundidade quem foram as pessoas responsáveis pela proposição desses eventos e quais os objetivos e temas que seriam tratados se a realização não tivesse sido impedida e o mais importante, qual a abordagem da temática

¹⁷⁶ HOMOSSEXUAIS querem fundar associação. *Diário de Minas*, p. 9, ano 18, n. 5.140. Belo Horizonte, 7 out. 1966.

¹⁷⁷ PRAZERES, Ângelo. Elas estão unidas. *Diário de Minas*, p. 2, ano 18, n. 5.142. Belo Horizonte, 9-10 out. 1966. Acervo de Luiz Morando.

¹⁷⁸ PRAZERES, Ângelo. O congresso nacional das bonecas (fotografado). *Diário de Minas*, p. 11, ano 19, n. 5.586. Belo Horizonte, 28 mar. 1968. Acervo de Luiz Morando.

¹⁷⁹ BONECAS tentam passeata. *Diário de Minas*, p. 5, ano 19, n. 5.587. Belo Horizonte, 29 mar. 1968. Acervo de Luiz Morando.

¹⁸⁰ BONECAS tentam passeata. *Diário de Minas*, p. 5, ano 19, n. 5.587. Belo Horizonte, 29 mar. 1968.

¹⁸¹ MAURÍCIO, José. *Última Hora*, p. 5, ano 17, n. 2.192. Rio de Janeiro, 3 jun. 1968. Acervo de Luiz Morando.

¹⁸² MAURÍCIO, José. Congresso das bonecas. *Diário de Minas*, p.11, ano 20, n. 5.690. Belo Horizonte, 1 ago. 1968. Acervo de Luiz Morando.

homossexualidade. A impossibilidade de conhecer mais a fundo os eventos infelizmente impedem de traçar um paralelo com os eventos realizados após o surgimento do Somos, em 1978 buscando as aproximações - ou não - com o movimento homossexual brasileiro pós Somos e Lamião.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a imprensa protagonizada por homossexuais foi desde o momento da opção por esse recorte um grande desafio. Provavelmente o maior deles foi estabelecer critérios para a escolha de quais publicações seriam analisadas, tendo como quesito a possibilidade de auxiliar a compreensão do desenvolvimento de um movimento político em torno das homossexualidades. Parte dessa questão acabou sendo “resolvida” pela possibilidade de acesso a essas fontes que, infelizmente, não são localizadas e acessadas com facilidade em arquivos e acervos “tradicionais”.

O recorte de quais publicações foram utilizadas acabou sendo direcionado pela identificação desses materiais e pelo acesso facilitado no Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (Cedoc LGBTI+) do Grupo Dignidade (localizado no Centro de Curitiba). Em razão do recebimento da doação de parte do acervo do Grupo Gay da Bahia realizada pelo seu fundador Luiz Mott em 2020, que somou às publicações que já faziam parte do acervo (como o jornal *Lampião da Esquina*, digitalizado e disponibilizado pelo Dignidade em 2010), foram utilizadas na pesquisa o *Jornal do Gay*, *Journal Gay Internacional*, revista *Rose e Pleigui*, boletim *Corpo*, *Suruba* e *Boletim da Facção Homossexual da Convergência Socialista*. A outra publicação utilizada, o boletim *Chanacomchana*, foi possível graças a sua digitalização e disponibilização online pela ativista Miriam Martinho no site *Um Outro Olhar* em 2021.

Imediatamente é perceptível a dificuldade do acesso às publicações periódicas produzidas por pessoas dissidentes de sexo e gênero nos anos 1970 e 1980. Poucos acervos detêm esses materiais e, os que as possuem, geralmente são grupos e organizações do próprio movimento LGBTI+ com limitações na estrutura material para realização do processo de digitalização e disponibilização online.

Apesar do título amplo, “Identidade, imprensa e movimento homossexual brasileiro dos anos 1970”, a pesquisa não pretende hierarquizar os materiais analisados situando-os como mais relevantes que os outros. Seja pela impossibilidade ou dificuldade do acesso ou pelo limite imposto pelo tempo para sua realização, sabe-se que muitas outras ficaram de fora. Longe de afirmar que as únicas publicações homossexuais das décadas de 1960 e 1970 analisadas nesta pesquisa (o subcapítulo 1.3. Imprensa homossexual no Brasil traz diversas delas) o

fato delas estarem mais ou menos acessíveis também é um indício do prestígio dado às produções dessas regiões - sul e sudeste - em detrimento de outras.

Sabendo que a seleção dos periódicos ocorreu por meio de critérios como a possibilidade de acessá-los, o que leva em conta fatores como a quantidade produzida que levou a sua preservação num maior número de arquivos. A facilitação do acesso ao *Lampião da Esquina* após a digitalização e disponibilização online em 2010 tornou-o fonte muito explorada para a produção de pesquisas.

A revista *Rose* foi produzida em grande tiragem e distribuída em todo território nacional dando a possibilidade de que um número maior de acervos a conservasse, ainda assim a única série completa de se tem conhecimento da *Rose* está com o Acervo Bajubá de São Paulo graças a ao esforço dos pesquisadores e pesquisadoras que participam dessa iniciativa.

Outro dado perceptível, agora focando na linha do tempo e listas de publicações, é que na década de 1960 foram produzidas muitos impressos, a maioria vinculados às turmas e grupos de sociabilidade homossexual presentes nas maiores cidades (Rio de Janeiro, Niterói, Salvador, Belém, São Paulo) com grande densidade populacional e que informações que dão conta da existência desses boletins cessam a partir do final dos anos 1960. A conclusão lógica olhando para essa linha do tempo é que com o endurecimento da ditadura militar, principalmente com a decretação do Ato Institucional nº 5 em dezembro de 1968, tornou o ambiente político desfavorável para a produção desse tipo de publicação. Esse “intervalo” nas produções de publicações persiste até o final dos anos 1970, quando temos um *boom* de impressos com uma diferença, a profissionalização desses jornais e revistas.

Jornal do Gay, seu sucessor, o *Journal Gay Internacional*, *Lampião da Esquina*, revista *Rose* e o “filho do Lampião”, *Pleigui*, tem como pontos em comum a profissionalização na sua produção, tendo redação com a presença de jornalistas profissionais, impressão em larga escala, esquemas complexos de distribuição, muito diferente dos boletins artesanais mimeografados ou fotocopiados do final da década de 1960. A profissionalização tem relação com outro ponto em comum nessas publicações, sua produção para comercialização, ou seja, as escolhas realizadas pela equipe editorial eram orientadas pela necessidade de se criar um produto vendável ou, ainda que de maneira precária, com um olhar mercadológico. Esse dado não impossibilitou necessariamente a grande presença de conteúdos

com caráter político. Um rápido olhar por essas publicações demonstra que a presença de corpos nus ou semi nus era intercalada com artigos, reportagens e entrevistas sobre, por exemplo, a realização dos encontros brasileiros de homossexuais e da criação de grupos.

Quando comparamos essa “geração” de periódicos surge uma questão: se o Círculo Corydon responsável pelo *Jornal do Gay*, a Liga Elonista com o *Journal Gay Internacional* e a Grafipar com a revista *Rose* também noticiaram temas de interesse do MHB, por que eles não têm a mesma importância na literatura sobre a imprensa e o movimento homossexual do final dos anos 1970?

Parte da explicação passa pela distribuição, alcance e, conseqüentemente, pela conservação de exemplares dessas publicações em acervo. Analisando o expediente dessas publicações é possível observar que, diferentemente do *Lampião da Esquina* com seu esquema de distribuição que incluía bancas de jornal e revista e assinatura, razão que amplificou seu alcance, o *Jornal do Gay* e *Journal Gay Internacional*, tinham um esquema de distribuição muito mais direcionada, principalmente no início visto que foram materiais produzidos como publicações oficiais de grupos relativamente restritos (Círculo Corydon e Liga Elonista). Importante que seja registrada a observação que a restrição da participação nesses grupos era de ordem financeira: existia um explícito recorte de classes entre os participantes desses grupos, uma vez que a adesão, participação das atividades e aquisição dos produtos e serviços era realizada mediante a compra.

Outro ponto que diferencia essas publicações do *Lampião* foi a grande presença de conteúdo erótico e o pequeno espaço dado às discussões sobre a atuação do movimento homossexual e sua agenda. Soma-se a isso, no caso da *Rose*, a sede fora do eixo Rio-São Paulo. Outro elemento que ajuda a compreender a atenção dada ao *Lampião* é um desdobramento da anterior, a participação desde o projeto de nomes conhecidos com grande projeção e carreiras consolidadas como o Darcy Penteado, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Adão Costa, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry

No último grupo de publicações analisadas, o que aproxima os três boletins, *Chanacomchana*, *Corpo* e o *Boletim da Facção Homossexual da Convergência Socialista*, é a sua função social. Os três foram produzidos por grupos do emergente movimento homossexual brasileiro, Grupo de Ação Lésbica-Feminista, Somos e

Facção Homossexual da Convergência Socialista, respectivamente. Esses impressos tinham o objetivo de comunicar as atividades e plataforma política desses grupos. Dos três periódicos, o boletim *Corpo do Somos* não se encontra digitalizado/ disponibilizado para consulta em ambiente virtual. A forma que foram produzidos e distribuídos - artesanal e localmente - também dificulta o acesso e a produção de pesquisas. O fim do *Lampião* deixou uma lacuna que em parte buscou ser preenchida pelas publicações dos grupos. Além dos boletins analisados nessa pesquisa, poderíamos citar o Boletim do Grupo Gay da Bahia (publicado a partir de 1981), boletim do Grupo de Atuação Homossexual - GATHO de Olinda - PE (a partir de 1980) e boletim do Grupo Dialogay de Aracaju - SE (com a primeira edição em 1982) mas a produção artesanal e distribuição local limitou a capacidade de articular os grupos distribuídos nacionalmente.

FONTES

A TARDE. Ano IV, Nº 1024, 06 nov. 1953. Acervo Remom Bortolozzi.

BOLETIM DA FACÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA. São Paulo: Facção Homossexual da Convergência Socialista, 1981. Mensal. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/facao-homossexual-da-convergencia-socialista/>. Acesso em 03 set. 2023.

BONECAS tentam passeata. Diário de Minas, p. 5, ano 19, n. 5.587. Belo Horizonte, 29 mar. 1968. Acervo de Luiz Morando.

BUENO, Wilson. O homossexualismo em Curitiba. In. Atenção. Curitiba: Grafipar Editora, jun. 1979, p. 35 (Comportamento). Acervo de Luiz Morando.

CHANACOMCHANA. São Paulo: Grupo Ação Lésbica Feminista – GALF, 1981-1987. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2021/07/memoria-lesbiana-um-raio-x-dos-boletins.html>. Acesso em 13 out. 2022.

CORREIO DE NOTÍCIAS. Curitiba. 08 nov. 1988, p. 16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

DIÁRIO DA TARDE. 13 nov. 1951. Reportagem “Orgia Degradante no Passeio Público - Os Frutos De Uma ‘Batida’” (capa). Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

DIÁRIO DA TARDE. 20 nov. 1951. Reportagem “Paraíso Terrestre” (capa). Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

HOMOSSEXUAIS querem fundar associação. Diário de Minas, p. 9, ano 18, n. 5.140. Belo Horizonte, 7 out. 1966.

JORNAL DO GAY. São Paulo: Círculo Corydon, 1798-1980. Mensal. Acervo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade.

JOURNAL GAY INTERNACIONAL. São Paulo: Liga Eloinista, 1980-1984. Mensal. Acervo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Esquina, 1979-1981. Mensal. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/>. Acesso em: 09 jan. 2022.

MAURÍCIO, José. Última Hora, p. 5, ano 17, n. 2.192. Rio de Janeiro, 3 jun. 1968. Acervo de Luiz Morando.

MAURÍCIO, José. Congresso das bonecas. Diário de Minas, p.11, ano 20, n. 5.690. Belo Horizonte, 1 ago. 1968. Acervo de Luiz Morando.

O CORPO. São Paulo: Somos - Grupo de Afirmação homossexual. Mensal. Acervo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade.

O DIA. 05 nov. 1953. Reportagem "DESCOBERTO EM NOSSA CAPITAL MAIS UM CLUBE de 'TULIPAS NEGRAS'" (página quatro). Disponível em: <http://memoria.bn.br/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

PLEIGUEI: o jornal do Homo. Rio de Janeiro: nov. 1981. Acervo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade.

PRAZERES, Ângelo. Elas estão unidas. Diário de Minas, p. 2, ano 18, n. 5.142. Belo Horizonte, 9-10 out. 1966. Acervo de Luiz Morando.

PRAZERES, Ângelo. As libertadas do amor. Diário de Minas, p. 2, ano 18, n. 5.148. Belo Horizonte, 16-17 out. 1966. Acervo de Luiz Morando.

PRAZERES, Ângelo. O congresso nacional das bonecas (fotografado). Diário de Minas, p. 11, ano 19, n. 5.586. Belo Horizonte, 28 mar. 1968. Acervo de Luiz Morando.

PRETA, Stanislaw Ponte. Congresso Desmunheca. Última Hora, p. 3, ano 16, n. 5.168. Rio de Janeiro, 15 set. 1966 (2º Caderno). Acervo de Luiz Morando.

PRETA, Stanislaw Ponte. Congresso Desmunheca. Última Hora, p. 3, ano 16, n. 5.168. Rio de Janeiro, 15 set. 1966 (2º Caderno). Acervo de Luiz Morando.

PRETA, Stanislaw Ponte. Fofocalizando. Última Hora, p. 3, ano 16, n. 5.181. Rio de Janeiro, 4 out. 1966 (2º Caderno). Acervo de Luiz Morando.

PRETA, Stanislaw Ponte. Fofocalizando. Última Hora, p. 3, ano 16, n. 5.185. Rio de Janeiro, 8 out. 1966, (2º Caderno). Acervo de Luiz Morando.

ROSE. Curitiba: Grafipar, 1979-1983. Quinzenal. Acervo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade.

SURUBA: um jornal com muito prazer. ANO UM, nº 1. São Paulo: Somos, 1980. Acervo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott - Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade.

REFERÊNCIAS

A Turma OK. Disponível em: <https://turmaok.com.br/a-turma-ok/> Acesso em: 08 jan. 2022.

ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Manual de Comunicação LGBT. Curitiba: [200-].

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Pesquisas Anuais. Disponível em <https://antrabrasil.org/assassinatos/>. Acesso em 08 jan. 2022.

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH - IFCH - UNICAMP. Turma OK. Listagem Preliminar elaborada em 2002. Disponível em: https://ael.ifch.unicamp.br/pf-ael/2022-09/turma_ok_2.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos/ Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, 2014.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. In.: Em Questão, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 215-234, jun./dez. 2006

Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos / Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014. 416 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 2

Brasil. Lei nº 5.250, de 09/02/1967. Disponível em www.planalto.gov.br Acesso em 18 mai. 21.

BRASIL. O Decreto-Lei nº 1.077 de 26/01/1977. Disponível em www.planalto.gov.br Acesso em 18 mai. 21.

Breve história da TURMA OK. 2004. (Acervo Cedoc LGBTI+/ Grupo Dignidade)

BRITO, Fausto; SOUZA, Joseane de. Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000400003>. Acesso em: 21 ago. 2023

Carta da Diversidade. Aliança Nacional LGBTI+. Curitiba: 2021. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/publicacoes/> Acesso em 08 jan. 2022.

COLAÇO, Rita. Uma conversa informal sobre homossexualismo. Rio de Janeiro: R. Colaço, 1987, p. 61. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250472/mod_resource/content/1/Rita%20Colac%CC%A7o.pdf. Acesso em: 25 jul. 2023.

COLAÇO, Rita. Os Acervos Históricos e a Parca Cultura de sua Preservação. Disponível em: <https://memoriamhb.blogspot.com/>. Acesso em 15 dez. 2021.

CORDÃO, Vinicius Ferreira Ribeiro. A imprensa gay do Círculo Corydon em prol da cidadania homossexual. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2593-1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023

COSTA, Rogério da Silva Martins da. Sociabilidade homoerótica e relações identitárias: o caso do jornal O Snob (Rio de Janeiro, década de 1960). Revista

Tempo e Argumento, vol. 2, núm. 2. Florianópolis, 2010, p. 68. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3381/338130373005/html/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CUEVAS, Clara. *Corpos abjetos e amores malditos: homossexualidade, anonimato e violência institucionais na ditadura stronista em Assunção, 1959*. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

D'EMILIO, John. *O capitalismo e a identidade gay*. Coletivo LGBT Comunista, 2021. Disponível em: <https://lgbtcomunista.org/2021/06/07/o-capitalismo-e-a-identidade-gay/>. Acesso em 15 jun. 2023.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERNANDES, J. C.; AMARAL, A. do. *Grafipar Edições: uma reação erótica à ditadura militar*. Revista Internacional de Folkcomunicação, [S. l.], v. 19, n. 42, p. 173–193, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19299>. Acesso em: 25 ago. 2023.

FICO, Carlos. Prefácio. GREEN, James N; QUINALHA, Renan. (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Primeiros Passos).

GREEN, James N; QUINALHA, Renan (org.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFCar, 2014.

GREEN, James. “O AI-5 atrasou por anos o movimento gay brasileiro”. Carta Capital, 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br>>. Acesso em: 18 jul. 21.

GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Grupo Gay da Bahia (GGB). *Relatórios Anuais de Mortes*. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/> Acesso em: 09 jan. 2022.

HOMOSSEXUAIS querem fundar associação. *Diário de Minas*, p. 9, ano 18, n. 5.140. Belo Horizonte, 7 out. 1966. Acervo de Luiz Morando.

QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. p. 24.

LAMPIÃO da Esquina. Direção: Lívia Perez. Produção e Coprodução: Doctela & Canal Brasil. São Paulo, 2016, documentário (80 min), digital.

CASSANDRA Rios - A Safo de Perdizes. Direção: Hanna Korich. São Paulo, 2013, documentário (62 min.), digital. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=njo0xngUI28&t=1754s>. Acesso em 13 ago 2022.

LONGMAN, Gabriela; VIANA, Diego. Rancière: 'A política tem sempre uma dimensão estética' Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/> acesso em: 14 jan. 2022.

LOPES, Charles Roberto Ross. Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto : produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983). Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32309>. Acesso em 20 out. 2022.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MACRAE, Edward, A construção da Igualdade: Política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018.

MACRAE, E. O jornal Lampião da Esquina. In: A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura” [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 163. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523219987.0011> Acesso em: 20 ago. 2023.

MANTEGA, Guido (org.). Sexo e Poder. São Paulo: Círculo do Livro; 1ª edição, 1982.

MÍCCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert. Jacarés & Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé – Socci, 1983.

MICHEL Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política da identidade. In Revista Verve v.5, São Paulo: Nu-Sol, 2004, p. 275-276. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/verve> Acesso em: 15 jul. 2021.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento? Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, ago.-nov. 2010, p. 18.

MURÁ, Aroldo. “Tulipas Negras”: a editora, a confraria e o depoimento de “J”. Disponível em: <http://www.aroldomura.com.br/tulipas-negras-a-editora-a-confraria-e-o-depoimento-d-e-j/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. Chanacomchana: a radicalidade da imprensa lésbica-feminista. In.: MAIOR, Paulo Souto; SILVA, Fábio Ronaldo da. (org.) Páginas de transgressão: a imprensa gay no Brasil. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021.

OLIVEIRA, Natali Gisele de. A resistência pelo deboche na linguagem pasquiniana. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <https://anpuh.org.br/> Acesso em: 24 mai. 2020.

SILVA, Larissa Maués Pelúcio. Breve história afetiva de uma teoria torcida. Revista Florestan Fernandes - Dossiê Queer, n. 2, p. 26-45, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/135485> Acesso em: 28 jun. 2023.

PÉRET, Flávia. Imprensa Gay no Brasil: Entre a militância e o consumo. São Paulo: Publifolha, 2011.

PRECIADO. Paul B. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

QUINALHA, Renan Honório. Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

RANCIÈRA, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO experimental org., Ed. 34, 2005.

SANTOS, Pedro Lucas Oliveira dos. Imprensa alternativa: discutindo conceitos. Revista Alteior, São Paulo, Ano 04, V. 02, Ed. 08, Jul./ Dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alteior>. Acesso em 26 mai. 2021.

SCHMITZ II, Alberto Alexandre. “Saindo do Gueto”: a emergência do movimento homossexual brasileiro na perspectiva do jornal Lampião da Esquina (1978-1981). 2018. 97 f. (monografia - curso de história). Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2018. Disponível em: <https://tcconline.utp.br/tag/alberto-alexandre-schmitz/>. Acesso em 01 out. 2019.

SILVA. Agnaldo. Agnaldo Silva – Lampião da Esquina. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2z9uyCRF7ic>. Acesso em: fev. 2015.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Turma OK: listagem preliminar elaborada em 2002. Arquivo Edgard Leuenroth - IFCH - UNICAMP. Campinas, 2002. Disponível em: https://www.ael.ifch.unicamp.br/pf-ael/public-files/instrumentos-pesquisa/turma_ok_2.pdf. Acesso em 15 abr. 2022.

ZACCHI, Lara Lucena; BORGES, Luiz Augusto Possamai. Espaços de resistência: o Arquivo Edgard Leuenroth como um lugar de memória das sexualidades dissidentes no Brasil. In.: Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 77-93, jul. 2020. Disponível em:

<https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/06.-Lara-e-Luiz.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ANEXO I - INFORMAÇÕES DAS CAPAS E DE PRODUÇÃO DO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA (ANO/ MÊS)

	1978	1979	1980	1981
Janeiro		LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 08 - Janeiro de 1979 - Cr\$ 15,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: verde e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2/ N° 20 Rio de Janeiro, janeiro de 1980 - Cr\$ 25,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: azul e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 32 Rio de Janeiro, janeiro de 1981. Cr\$ 50,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto
Fevereiro		LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 09 - fevereiro de 1979 - Cr\$ 18,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 16 Capa e contracapa: preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2/ N° 21 Rio de Janeiro, fevereiro de 1980 - Cr\$ 25,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: verde e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 33 Rio, fevereiro de 1981. Cr\$ 50,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: verde e preto
Março		LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 10 - Março de 1979 - Cr\$ 18,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 16 Capa e contracapa: vermelho e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2/ N° 22 Rio de Janeiro, março de 1980 - Cr\$ 25,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 34 Rio de Janeiro, março de 1981 - Cr\$ 50,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto
Abril	LAMPIÃO Edição Experimental - Número zero abril, 1978 - Circulação Restrita Número de páginas: 16 Capa e contracapa: vermelho e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 11 - Abril de 1979 - Cr\$ 18,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: azul e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2/ N° 23 Rio de Janeiro - abril de 1980 - Cr\$ 30,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: azul e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 35 Rio de Janeiro, abril de 1981 - Cr\$ 50,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto

Maio	LAMPIÃO da esquina Ano I - N° 01 - 25 de maio a 25 de junho de 1978 - Cr\$ 15,00 Número de páginas: 16 Capa e contracapa: laranja e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 12 - Maio de 1979 - Cr\$ 18,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: verde e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2/ N° 24 Rio de Janeiro, maio de 1980 - Cr\$ 30,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 16 Capa e contracapa: vermelho e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 36 Rio de Janeiro, maio de 1981 - Cr\$ 60,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto
			LAMPIÃO da esquina Extra 2 Não pode ser vendido separadamente Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 8 Capa e contracapa: preto	
Junho	LAMPIÃO da esquina Ano I - N° 02 - 25 de junho a 25 de julho de 1978 - Cr\$ 15,00 Número de páginas: 16 Capa e contracapa: vermelho e preto	LAMPIÃO da esquina N° 13 - Junho de 1979 - Cr\$ 20,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: amarelo e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 25 Rio de Janeiro, junho de 1980 - Cr\$ 30,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: verde e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 37 Rio de Janeiro, março de 1981 - Cr\$ 60,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: verde e preto
Julho	LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 03 - 25 de julho a 25 de agosto de 1978 - Cr\$ 15,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 16 Capa e contracapa: azul e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2/ N° 14 rio de janeiro/ julho 1979/ Cr\$ 20,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: azul e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3 N° 26 Rio de Janeiro, julho de 1980 - Cr\$ 30,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: bordô e preto	
Agosto	LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 04 - 25 de agosto a 25 de setembro de 1978 - Cr\$ 15,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: bordô e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2-N° 15 Rio de Janeiro/ agosto 1979/ Cr\$ 20,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 27 Rio de Janeiro, agosto de 1980 - Cr\$ 40,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto	
Setembro		LAMPIÃO da esquina	LAMPIÃO da esquina	

		Ano 2/ N° 16 Rio de Janeiro/ setembro, 1979/ Cr\$ 20,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: verde e preto	Ano 3/ N° 28 Rio de Janeiro, setembro de 1980. Cr\$ 40,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto	
Outubro	LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 05 - Outubro de 1978 - Cr\$ 15,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 16 Capa e contracapa: amarelo e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2/ N° 17 Rio de Janeiro/ outubro, 1979/ Cr\$ 20,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 29 Rio de Janeiro, outubro de 1980. Cr\$ 40,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto	
Novembro	LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 06 - Novembro de 1978 - Cr\$ 15,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 16 Capa e contracapa: bordô e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2/ N° 18 Rio de Janeiro/ novembro, 1979/ Cr\$ 25,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: azul e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 30 Rio de Janeiro, novembro de 1980. Cr\$ 40,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: verde e preto	
Dezembro	LAMPIÃO da esquina Ano 1 - N° 07 - Dezembro de 1978 - Cr\$ 15,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 16 Capa e contracapa: vermelho e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 2/ N° 19 Rio de Janeiro, dezembro, 1979 - Cr\$ 25,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: amarelo e preto	LAMPIÃO da esquina Ano 3/ N° 31 Rio de Janeiro, dezembro de 1980 - Cr\$ 40,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 20 Capa e contracapa: vermelho e preto	
		LAMPIÃO da esquina Extra 1 Rio de Janeiro, dezembro, 1979 - Cr\$ 25,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 24 Capa e contracapa: vermelho e preto	LAMPIÃO da esquina Extra 3 Rio de Janeiro, 1980. Cr\$ 200,00 Leitura para maiores de 18 anos Número de páginas: 12 Capa e contracapa: azul e preto Acompanha um suplemento especial: o calendário Nus Masculinos /81 Não pode ser vendido separadamente	